

INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS TEOLÓGICAS (1-6)¹

“O conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separada da ciência celestial de Cristo” – João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.20), p. 60.

“A erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados” – João Calvino, *As Institutas*, IV.3.11.

“Há certamente algo errado com a vida espiritual de um estudante de teologia que não estuda” – B.B. Warfield, *A Vida Religiosa dos Estudantes de Teologia*, São Paulo: Editora os Puritanos, 1999, p. 15.

Advertências sobre metodologia, metodólogos e pesquisa – Ai de mim!

Quando fui convidado para lecionar em um Seminário a disciplina *Metodologia da Pesquisa Científica* (meados dos anos 90, não sei ao certo), fiquei surpreso. Nunca havia lecionado antes esta matéria e, cá com meus botões, não apreciava a forma como a disciplina costumava ser ministrada – não necessariamente nesta Instituição, mas por onde quer que passasse, inclusive como aluno em algumas Escolas por aí. Basta recordar que o primeiro contato que tive com a matéria foi em 1976 quando ingressei no Seminário. Ela de fato me foi muito útil. Na época tive o privilégio de ler a 2ª edição da obra de Metodologia do Professor Severino, como é conhecido carinhosamente. Cerca de 18 anos depois, sendo aluno deste professor, mesmo com uma edição novíssima de sua obra que ao longo dos anos fora revista e

¹ Estes primeiros textos que agora são divulgados de forma unificada foram publicados no primeiro semestre de 2008. Como fiquei muito tempo sem dar-lhes continuidade, visando corrigir este lapso e, também, facilitar os seus pacientes leitores, resolvi reuni-los num texto maior com alguns pequenos acréscimos e omissões e, reiniciar a publicação da sequência. Faço isso agora, 31 de dezembro de 2009, desejando colocá-los no site da EST no dia 4 de janeiro de 2010, quando deverá terminar o recesso merecido do final de ano.

ampliada, pedi-lhe um autógrafo naquela segunda edição, o que ele me concedeu com satisfação, falando-me da raridade da mesma.

Retornando: a minha insatisfação, certamente fruto de minha ignorância, era pelo fato de gastar-se um semestre ensinando aos alunos a respeito das fontes, digo, tipo, tamanho das letras, espaços, centímetros, itálico, negrito, aspas, sem aspas, autor, data e página, tudo em maiúsculo, só a primeira letra, recuo à esquerda etc. Sei que tudo isso é importante dentro de um quadro muito maior, que é a pesquisa em si. Estes detalhes, que não devem ser menosprezados, são adminículos ao conteúdo, à essência. Todavia, em geral quem ensina esta matéria, não é muito entusiasta por pesquisa – muitas vezes fez uma pesquisa, todavia, esta não é a sua rotina –, contudo, transforma a disciplina na quinta essência do saber, o sexto dia da criação acadêmica: por isso, um itálico transformar-se em negrito é um pecado quase imperdoável. As notas de rodapé em lugar das já famosas citações no texto com autor, data e página, merecem discursos prolongados sobre as novas regras da ABNT explorando o senso de culpa dos incautos que sabem apenas pesquisar, mas, ainda não aprenderam estes rituais acadêmicos. *Índice* agora é *Sumário*, *Conclusão* passou a ser *Considerações Finais*. A confusão destes nomes tem profundas implicações ontológicas no valor da pesquisa. A coisa tem sido tão séria que as pessoas conseguem até dominar circunstancialmente tais normas, mas, não conseguem produzir quase nada. Lembro-me certa vez de ter enviado um artigo para uma Revista seguindo as normas do último número que saíra naqueles dias. Qual não foi a minha surpresa ao receber o relatório da primeira revisão quando mandava que eu mudasse determinado nome, quando então perguntei se havia alguma modificação visto que seguia o modelo da última publicação. Não obtive resposta: Pensei: o metodólogo deve estar também confuso...

Assim, indicando alguns desvios, 10 ou 15 publicam um artigo (na área de Humanas), que me faz lembrar a lenda a respeito da formulação do Credo Apostólico,² os plágios, justamente aquilo que fere a essência da Academia, determinando o seu suicídio, é chamado de esquecimento, lapso, coordenação motora não sincronizada (Ctrl C + Ctrl V) etc. Reprovar um aluno em TGI/TCC é ofensivo, no Mestrado e Doutorado, nem vou comentar para não ser acusado de blasfêmia entre os judeus e cristãos ou de impiedade pelos gregos. A coisa está tão feia que determinada Instituição de Ensino Superior mantida com as ofertas de seus fiéis, em documento oficial, sugere aos seus professores que deem menos leitura para seus alunos porque os plágios têm aumentado. Ou seja: não apertem que os meninos colam.

Bem, estas anotações as elaborei não para equacionar estes problemas, o pecado do plágio, como quase todos em geral, não se resolve apenas com a instrução. Antes, tentei na época – lecionei esta matéria apenas alguns poucos anos –, dar algumas noções introdutórias de grandes áreas do Curso de Teologia. Creio que o enfoque desta disciplina deve ser adequado a cada Curso. Quanto às regras da ABNT, basta torná-las acessíveis, e tentar segui-las, ainda que discordado aqui ou ali. Contudo, elas não são a essência: a essência é a construção do saber com simplicidade.

² O *Credo Apostólico* que fora lendariamente atribuído aos Apóstolos, teve um novo incremento fictício por meio de Rufino (c. 404), que supunha que cada um dos apóstolos colaborou com uma cláusula em particular na elaboração do “Credo”. (Vejam-se: J.N.D. Kelly, *Primitivos Credos Cristianos*, Salamanca: Secretariado Trinitario, 1980, p. 15ss.; J. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, São Paulo: Herder, 1970, p. 17-18).

de, profundidade e verdade, a que a Academia se propõe em seus avanços e retrocessos.

Recordei-me de uma observação de Aquino (1225-1274), feita no século XIII: "Ninguém pode entregar-se à pesquisa da verdade divina sem muito trabalho e diligência. Este trabalho, muito poucos estão dispostos a assumi-lo por amor à ciência, embora Deus tenha colocado este desejo no mais profundo do coração humano".³

Talvez não seja prudente levar tão a sério as minhas críticas. Na realidade, neste último dia de 2009 estou empolgado pela possibilidade, sob a graça de Deus, de voltar a produzir com maior intensidade em 2010, sabendo que a produção acadêmica faz parte da benfazeja graça de Deus, com cujo produto, Deus Se agrada.

Dito isso, vamos ao texto. Este se propõe, com algum atrevimento de minha parte, a apresentar uma visão introdutória das grandes avenidas do Curso teológico. Ele se destina, portanto, aos alunos que ingressam no Seminário ou num Curso de Teologia. A minha esperança é que este material possa ser de alguma ajuda a estes irmãos neste início de seus estudos até que, no momento próprio, em contato com os especialistas das diversas disciplinas, possam então, ter uma visão mais completa e abrangente de cada área e não simplesmente incipiente como a destas anotações.

Maringá, 31 de dezembro de 2009.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

³ Tomás de Aquino, *Súmula Contra os Gentios*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. VIII), 1973, IV, p. 67.

I – INTRODUÇÃO GERAL:

1. DEFINIÇÃO:

É a disciplina que busca fornecer instrumentos necessários à pesquisa e à elaboração do trabalho científico.

2. CONHECIMENTO:

Todos os homens desejam conhecer. Aristóteles (384-322 a.C.), atento a este fato, escreveu: "Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer".⁴

Esta constatação é observável desde a infância, quando a criança faz perguntas infundáveis sobre questões para as quais, nós, adultos, já há muito iniciados no mundo do saber, nem sempre temos respostas satisfatórias.

O conhecimento pode ser definido como o processo de reflexão crítica que possibilita a compreensão de um objeto.⁵ Notemos que este conhecimento parte sempre de um lócus temporal e espacial; por isso ele está longe de ser indeterminado ou "neutro"; todo conhecimento tem elementos condicionantes de nossa perspectiva, portanto guardando-se as proporções, podemos dizer que de certa forma meu conhecimento é "meu", de minha perspectiva a qual, não precisará estar certa ou errada necessariamente, mas, que tem suas peculiaridades⁶... Deste modo, todo conhecimento passa por uma correlação: enquanto ser cognoscente, sou o que sou enquanto sou para o objeto e ele, é o que é enquanto o é para mim. Eliminar esta dialética – sujeito-objeto –, significa ignorar a própria complexidade do conhecimento: sem sujeito não há conhecimento; sem objeto não há o que conhecer. No entanto, a identidade de cada um depende da sua relação com o outro.

3. TIPOS DE CONHECIMENTO:

3.1. Vulgar, Popular ou Empírico:

Baseia-se na imitação longamente assimilada ou na experiência pessoal aprendida circunstancialmente em nosso dia-a-dia por meio da observação dos fenômenos e do contato com o mundo exterior.

⁴ Aristóteles, *Metafísica*, São Paulo: Abril Cultural, 1973, (Os Pensadores, IV), I.1. p. 211.

⁵ Vd. Aidil de Jesus P. de Barros & Neide Aparecida de S. Leheld, *Projeto de Pesquisa*, 2ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1991 p. 9-10.

⁶ Depois de redigir estas linhas, li Ortega y Gasset, dizendo: "Cada um de nós é, meio a meio, o que ele é e o que é o ambiente em que vive" (J. Ortega Y Gasset, *Que é Filosofia*, Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961, p. 37).

Características Predominantes:

- 1) **Superficial:** Limita-se à aparência das coisas, amparando-se no “senso comum”, daí a sua costumeira imprecisão;
- 2) **Sensitivo:** Está ligado às experiências cotidianas das pessoas;
- 3) **Subjetivo:** É organizado subjetivamente;
- 4) **Assistemático:** Não é adquirido mediante um sistema nem se propõe a sistematizar as suas conclusões;
- 5) **Acrítico:** As suas conclusões não se propõem a serem avaliadas.
- 6) **Generalizante:** Propõe-se a universalizar a experiência subjetiva.

3.2. Filosófico:

Como a ciência não pode explicar todas as coisas, este tipo de conhecimento é de grande necessidade; ele é caracterizado pelo esforço da razão em problematizar as questões da vida humana, buscando por meio do raciocínio, discernir entre o certo e o errado, estabelecendo uma concepção geral do mundo.

O espírito filosófico se caracteriza pela busca da verdade; deste modo, podemos dizer que o filosofar é o exercício criativo daquele espírito, que foi tocado por indagações tais como: "Por que existo?", "Por que há algo em vez de nada?", "Que devo fazer?". O filosofar está presente de forma evidente nas encruzilhadas das opções ou, diante da sensação de vazio deixada pelas oportunidades que nos escaparam ou, que, de fato, nunca existiram... Seja como for, a filosofia está sempre a caminho, em busca de respostas...

Por isso, a filosofia é um ato humano, limitado, apesar de audacioso. O filósofo trabalha com a integração do Eu-Mundo-Outro, buscando uma compreensão do ente em si e de suas correlações essenciais e circunstanciais.

Filosofar é ter consciência de que estamos de forma imperativa e incondicional, em busca de respostas, tentando interpretar e explicar os fenômenos. "Filosofia, é dar a razão das coisas, ou pelo menos procurá-la; porque enquanto se limita a ver e contar o que vê, não se sai da história (...) aquele que se detém a descobrir a razão que faz com que as coisas sejam, e que sejam desta e não daquela maneira, é que é o filósofo propriamente dito".⁷

Filosofar é um ato de ignorância consciente; por isso, é que a busca de respostas, é o resultado da ignorância não-conformada: sabedora de si mas, concomitantemente, insatisfeita consigo mesma e, que justamente por isso, busca de forma criativa as soluções, as quais, por sua vez, nos conduzem a novos problemas, que nos desper-

⁷ Filosofia: In: *Enciclopédia Francesa, (A Enciclopédia: Textos Escolhidos)*, Lisboa: Editorial Estampa, 1974, p. 77.

tam para a procura de novas soluções... Daí, a dialética – o "equilíbrio dinâmico" –, do saber-ignorância, observada em 1952, por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): O que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso neste movimento".⁸

O filosofar é um ato concreto, real, inserido na cotidianidade, não é um "desligamento" da realidade, criando um mundo ideal, uma "utopia", uma vida "privada"; mas sim, uma intersubjetividade, que envolve um relacionamento conosco, com o mundo e com O Outro, numa tentativa humana de conhecer, interpretar e agir no mundo.

O filósofo está comprometido única e invariavelmente com a verdade. Este comprometimento existencial deve ser a própria realidade "ôntica" da Filosofia. Desta forma, a sua existência é o atestado ou não da Filosofia. O "filosofar" que não se coaduna com a realidade essencial da Filosofia, não merece este nome. Por isso, o filósofo deve rejeitar os seus preconceitos, os acordos silenciosos e as pretensas verdades estabelecidas que, com frequência, são sustentadas com o fim de favorecer as ideologias e/ou manter o "status quo". Um "filósofo" domesticado desconhece o sentido da Filosofia; e, na realidade, elegeu um outro senhor... A verdade enquanto verdade verdadeira foi esquecida...

3.3. Religioso ou Teológico:

Parte de uma experiência subjetiva de fé, tendo como padrão valorativo uma revelação transcendente. Este conhecimento não é irracional antes, se propõe a ser supra-racional; ele vai além dos fenômenos objetivando ter uma interpretação abrangente da realidade; assim, este conhecimento tem a sua própria autonomia.⁹

No caso da fé cristã, o conhecimento respalda-se na Palavra de Deus. Calvino (1509-1564) definindo fé, disse: "A fé não consiste na ignorância, mas no conhecimento; e este conhecimento há de ser não somente de Deus, senão também de sua divina vontade".¹⁰

3.4. Científico:

Este conhecimento é o aperfeiçoamento do "Vulgar", sendo adquirido por meio da razão, conduzindo-se por meio de procedimentos metódicos e ordenados. Ele se propõe a explicar o "por que" e "como" os fenômenos ocorrem.

Algumas de Suas Principais Características:

⁸ M. Merleau-Ponty, *Elogio da Filosofia*, 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, (1979), p. 11.

⁹ Vd. J. Hessen, *Teoria do Conhecimento*, 7ª ed. Coimbra: Arménio Amado - Editor, 1976, p. 197.

¹⁰ J. Calvino, *As Institutas*, III.2.2.

- 1) **Contingente:** As suas hipóteses serão confirmadas ou não, mediante a experimentação;
- 2) **Sistemático:** A sua aquisição e elaboração são ordenadas logicamente, formando um sistema de idéias;
- 3) **Verificável:** As hipóteses que não podem ser comprovadas são descartadas;
- 4) **Comunicável:** Ele se propõe a ser entendido por todos aqueles que se interessarem;
- 5) **Factual:** Parte dos fatos e sempre torna a eles;
- 6) **Relativo:** Não se propõe a ser a palavra final sobre o assunto;

É bom que se diga que esses tipos de conhecimento não se excluem necessariamente: “Um cientista, voltado, por exemplo, ao estudo da física, pode ser crente praticante de determinada religião, estar filiado a um sistema filosófico e, em muitos aspectos de sua vida cotidiana, agir segundo conhecimentos provenientes do senso comum”.¹¹

4. A CIÊNCIA:

“A revolução essencial do pensamento científico teve lugar nos séculos XVI e XVII” – R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 13.

A palavra "ciência", vem do latim "*scientia*" (conhecimento), derivado de "*sciens*" (o que sabe), traduzindo o grego ἐπιστήμη, que significa "arte", "habilidade", "conhecimento", "ciência", "saber", etc. O termo grego por sua vez, é constituído de dois outros: ἐπί (Preposição cujo sentido radical é “sobre”; todavia apresenta vários significados, inclusive o de direção¹²) & ἵστημι (“Estabelecer”, “firmar”, “fixar”). Partindo deste ponto, Cassirer (1874-1945), diz que “o processo científico conduz a um equilíbrio estável, à estabilização e à consolidação do mundo das nossas percepções e pensamentos”.¹³ Platão (427-347 a.C.), dizia ser a ἐπιστήμη, o conhecimento perfeito, se caracterizando por ser teórico e prático, tendo como ob-

¹¹ Eva Maria Lakatos & Marina de Andrade Marconi, *Metodologia Científica*, 2ª ed. (revista e ampliada). São Paulo: Atlas, 1991, p. 18.

¹² Em palavras compostas, pode ter também o sentido de “descansar em um lugar”, ainda que não exclusivamente (Entre outros, Vd. Liddell & Scott, *Greek-English Lexicon*, Oxford: At The Clarendon Press, 1935).

¹³ Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 326.

jeto o ser.¹⁴ Na sua visão a *ἐπιστήμη* é a forma mais elevada de conhecimento, sendo resultado de um “encadeamento racional”. No *Mênon*, escreveu:

"E assim, pois, quando as opiniões certas (*δόξα*) são amarradas, transformam-se em conhecimento, em ciência (*ἐπιστήμη*), e, como ciência, permanecem estáveis. Por esse motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ciência (*ἐπιστήμη*) se distingue da opinião certa (*δόξα*) por seu encadeamento racional".¹⁵

1) Os Conhecimentos:

Entretanto, devemos observar, que nem todo saber é considerado científico, visto haver graus de conhecimento, bem como o conhecimento empírico, fragmentado, que carece de demonstração mas que nem por isso deve ou pode ser desprezado –, e o conhecimento da fé,¹⁶ que ultrapassa a possibilidade racional de explicação e demonstração; aliás, Deus não é passível de demonstração racional; Ele a transcende.¹⁷ Contudo, mesmo que isso fosse possível satisfatoriamente, tal de-

¹⁴ Compare: Platão, *A República*, VII, 534 A; *Filebo*, 55 D, 58 E; 62 A-D. Vd. André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1993, "*Ciência*", especialmente, p. 154-156; Federico Klimke & Eusebio Colomer, *Historia de la Filosofía*, 3ª ed. (Revisada y Ampliada), Barcelona: Editorial Labor, 1961, p. 51ss.

¹⁵ Platão, *Mênon*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), 98. p. 108-109. (Vd. também, Platão, *Teeteto*, 190 A-C). Ernst Cassirer (1874-1945) observa: "O cientista não atinge seu objetivo sem uma estrita obediência aos fatos da natureza. Mas esta obediência não é uma submissão passiva. A obra de todos os grandes cientistas naturais – de Galileu e Newton, de Maxwell e Helmholtz, de Planck e Einstein – não foi uma simples reunião de fatos; foi um trabalho teórico, o que quer dizer, construtivo" (Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, p. 345).

¹⁶ Platão (427-347 a.C.) de forma lúcida afirmou que: "Como a inteligência está para a opinião, está a ciência (*ἐπιστήμη*) para a fé e o entendimento para a suposição" (Platão, *A República*, 534a. p. 350. De fato, a ciência começa sempre por um ato de fé; é impossível haver ciência sem fé. (Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, 2ª ed. Países Bajos: FELIRE, 1990, p. 61ss). "Ainda que a ciência está livre de certos elementos subjetivos e os transcende, nunca estará livre da fé do cientista. A ciência é única porém limitada" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 58-59). "A ciência nunca avança sem uma fé, e nunca deverá avançar sem a fé cristã. A ciência sempre está guiada e inspirada pelo crer. O cientista cristão deve escutar e pedir a seu Pai celestial que lhe guie em sua tarefa científica. O resultado dependerá da benção de Deus" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 62). "Toda ciência num certo grau parte da fé, e ao contrário, a fé que não leva à ciência é equivocada ou superstição, mas não é fé real, genuína. Toda ciência pressupõe fé em si, em nossa autoconsciência; pressupõe fé no trabalho acurado de nossos sentidos; pressupõe fé na correção das leis do pensamento; pressupõe fé em algo universal escondido atrás dos fenômenos especiais..." (Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 137-138).

¹⁷ Vd. Jean Guitton, In: Jean Guitton, Grichka Bogdanov & Igor Bogdanov, *Deus e a Ciência, em direção ao metarrealismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 17. Blaise Pascal (1623-1662) expressou bem a compreensão do limite da razão, ao escrever: "A última tentativa da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Revelar-se-á fraca se não chegar a percebê-lo. Pois, se as coisas naturais a ultrapassam, que dizer das sobrenaturais?" [Blaise Pascal, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVI), 1973, IV. 267. p. 110]. Ernst Cassirer faz um comentário mordaz a respeito do pensamento de Pascal, dizendo que "a

monstração não conduziria ninguém a Deus. A nossa "sabedoria" não conta neste campo, a menos que seja guiada pela fé (1Co 1.21; 2.14); e esta é um dom de Deus, não uma conquista da razão. Portanto, o conhecimento científico apesar de relevante, é extremamente limitado,¹⁸ não sendo estranho observar na história, que a "ciência" de hoje pode se tornar o mito de amanhã.

Apesar desta limitação, o conhecimento científico julga-se capaz de descrever os fenômenos de forma objetiva, metódica e sistemática, identificando o seu objeto e tendo condições de discorrer sobre ele. Ele almeja ser uma leitura da experiência através de uma ótica que se esforça por ser objetiva e sistemática, buscando, dentro de princípios definidos, ordenar os fenômenos¹⁹ de forma a poder elucidá-los. A função da ciência – dentro do âmbito que lhe compete –, é substituir a experiência por uma sistematização passível de verificação experimental; ela faz uma "correspondência simbólica",²⁰ sendo a linguagem o meio de que a ciência dispõe para assim se expressar: "A linguagem é o primeiro grau do esforço em direção à ciência",²¹ sendo também o seu meio de expressão. Por isso, o conhecimento científico deve ser passível de compreensão, demonstração e comprovação. Ele se propõe a compreender, descrever, controlar e até prever os fenômenos por ele analisados; por isso, é que a ciência pode ser considerada como "a consciência dos gêneros".²² Deste modo, a ciência deve poder ser realizada novamente e de forma aperfeiçoada. Contudo, como ter a certeza de que este modo aperfeiçoado é o derradeiro? E se o *pós-considerado-derradeiro* negar o que parecia final? Simples: posso me alegrar com a nova descoberta, mas, o processo de desconfiança criativa continua... É possível também, descobrir que o rejeitado como "pré-científico" se mostre agora verdadeiro. De qualquer forma, o processo continua. Desespero? Não, consolo: "*Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade*" (2Co 13.8).

A ciência como um empreendimento humano, é extremamente complexa, estando associada a diversos elementos históricos e sociais, tendo, conseqüentemente, profundas implicações sociais.²³ Talvez muitos dos seus projetos tenham que se contentar em permanecer como meras projeções não atingidas ainda que o "não atingidas" também seja provisória dentro da efemeridade de nossa existência. A ciência não é o único caminho para se chegar ao conhecimento e, na realidade, não po-

tese que ele sustenta é a de impotência radical da razão, incapaz por si mesma da menor certeza, que só pode chegar à verdade renunciando a ela própria e submetendo-se inteiramente, sem reservas, à fé. Mas, justamente, Pascal não pretende exigir ou pregar a necessidade dessa submissão: *quer prová-la*" (Ernst Cassirer, *A Filosofia do Iluminismo*, p. 199).

¹⁸ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 59.

¹⁹ Vd. Ernst Cassirer. *Antropologia Filosófica*, p. 328-329.

²⁰ J. Ortega y Gasset, *Que é Filosofia?*, Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961, p. 40.

²¹ F. Nietzsche, *Humano, Demasiado Humano*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXXII), 1974, I.1.11. p. 101. Dentro de uma perspectiva semelhante, escreveu Cassirer: "A linguagem é a primeira tentativa do homem para articular o mundo de suas percepções sensoriais. Esta tendência é uma das características fundamentais da linguagem humana" (Ernst Cassirer. *Antropologia Filosófica*, p. 328).

²² L. Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, Campinas, SP.: Papyrus 1988, p. 43.

²³ Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, 7ª ed. (Revista e modificada pelo autor), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 8-9, 20; Pierre Bourdieu, *Os usos sociais da ciência*, São Paulo: UNESP., 2004, *passim*.

de esgotar o real.²⁴ Este é mais abrangente e complexo do que o instrumental disponível pelo cientista. A questão é a seguinte: como ter pretensão de esgotar o que nem sequer tenho a sua dimensão? A ciência – aliás, não só ela, todas as esferas de nossos conhecimentos –, não consegue perceber toda a extensão do real, portanto, as suas pretensões são por demais ambiciosas. Talvez falte à ciência a consciência de sua própria limitação. Ela pouco se conhece; daí, por vezes, a sua angústia desnecessária.²⁵ “A questão ‘o que é a ciência?’ é a única que ainda não tem nenhuma resposta científica”.²⁶ Nesta consciência teórica, a sua atividade empírica se tornará mais abrangente e positivamente útil. Isto me faz lembrar o comentário de Braudel (1902-1985) de que quando o sociólogo Edgar Morin se despediu do Partido Comunista, logo depois, disse: “O marxismo, meu velho, estudou a economia, as classes sociais; é maravilhoso, meu velho, mas ele se esqueceu de estudar o homem”.²⁷ Talvez falte à ciência o instrumental necessário para o seu auto-exame. Nas palavras de Vieira, “O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua ciência, ou a sua ignorância; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada”.²⁸

2) Compromisso e Limite da Ciência:

“A ciência é demonstravelmente falível. (...) Não há nada no aparato cognitivo da mente humana, nem ninguém da comunidade de cientistas, que possa nos proteger do erro ou da incerteza. O melhor que podemos fazer, pelo jeito, é ser eternamente críticos, eternamente vigilantes, eternamente céticos” – John Ziman, *O Conhecimento Confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência*, Campinas, SP.: Papirus, 1996, p. 147.

A ciência está comprometida com a compreensão do real, mesmo que este não lhe pareça algo agradável ou digno; não cabe a ela escolher um “real ideal”, mas sim trabalhar com o que existe. Creio que Bacon (1561-1626) captou bem este sentido, ao afirmar que: “Tudo o que é digno de existir é digno de ciência, que é a imagem da realidade. As coisas vis existem tanto quanto as admiráveis”.²⁹ Dentro

²⁴ John Ziman, *O Conhecimento Confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência*, Campinas, SP.: Papirus, 1996, p. 12-13.

²⁵ Veja-se exemplo desta angústia in: John Horgan, *O Fim da Ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento Científico*, 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁶ Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, p. 21.

²⁷ Fernand Braudel, *Gramática das Civilizações*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 315.

²⁸ Pe. António Vieira, *História do Futuro*, 3ª ed.?, Lisboa: J.M.C. Seabra e T. Q. Antunes, 1855, 6.

²⁹ Francis Bacon, *Novum Organum*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIII), 1973, l.120. p. 85.

desta perspectiva, a definição de Popper (1902-1994) a respeito do objetivo da ciência, parece-nos correta: "O objetivo da ciência é encontrar explicações satisfatórias do que quer que nos apresente e nos impressione como estando a precisar de explicação".³⁰

O cientista caracteriza-se pela posse do espírito semelhante ao do filósofo, que está sempre a caminho, procurando respostas para problemas pretéritos e presentes e, concomitantemente, busca novos problemas, que amiúde estão abrigados nas soluções encontradas. Gadamer (1900-2002), por exemplo, analisando a hermenêutica filosófica, observa que:

"Uma interpretação definitiva parece ser uma contradição em si mesma. A interpretação é algo que está sempre a caminho, que nunca conclui. A palavra interpretação faz referência à finitude do ser humano e à finitude do conhecimento humano (...). Pois então, mais importante que o interpretar o claro conteúdo de um enunciado é inquirir os interesses que nos guiam (...). A hermenêutica filosófica está mais interessada nas perguntas que nas respostas...."³¹

A ciência, portanto, como a filosofia, caminha dentro da dialética do saber-ignorância-saber, mantendo este "equilíbrio dinâmico". Por isso, a ciência que para ser genuinamente ciência tem que ser necessariamente verdadeira –, sofre, devido a nossa limitação, de uma "desconfiança necessária e proveitosa"... Como não posso ter certeza, de que aquilo que penso saber, é de fato "ciência", estou sempre duvidando do que sei, a fim de que, caso o que eu saiba seja realmente "ciência", não tenho o que temer, caso contrário, não me acomodei com a miragem do saber... Nesta hipótese, o novo "edifício do saber", passará pelo crivo da mesma "desconfiança"...

Neste particular, concordo com as observações de Karl Popper (1902-1994):

"O velho ideal científico da epistémé do conhecimento absolutamente certo, demonstrável – provou ser um ídolo. A exigência da objetividade científica torna inevitável que todo enunciado científico permaneça provisório para sempre. Pode-se de fato corroborá-lo, mas toda corroboração é relativa aos outros enunciados que, novamente, são provisórios. Somente podemos estar 'absolutamente certos' de nossas experiências subjetivas de convicção, de nossa fé subjetiva.

"Com o ídolo da certeza (incluindo-se os graus de certeza imperfeita ou probabilidade) cai um dos baluartes do obscurantismo que barra o caminho do avanço científico, reprimindo a audácia de nossas questões e pondo em perigo o rigor e a integridade de nossos testes. A concepção errada da ciência trai-se em sua pretensão de ser correta; pois,

³⁰ Karl R. Popper, *O Realismo e o Objectivo da Ciência*, (Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica, Vol. I), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, * 15, p. 152. Vd. também, * 15, p. 164-165.

³¹ Hans-Georg Gadamer, *A Razão na Época da Ciência*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 71 e 72. Este comentário de Gadamer, contudo, deve ser tomado com certa cautela, a fim de não cairmos no perigoso labirinto do subjetivismo, eliminando a diferença fundamental entre "sentido" e "significado" na interpretação de um texto.

o que faz o homem de ciência não é sua posse do conhecimento, da verdade irrefutável, mas sua indagação persistente e temerariamente crítica da verdade.

"(...) A ciência nunca persegue o fim ilusório de que suas respostas sejam definitivas ou mesmo prováveis. Seu avanço dirige-se, ao contrário, para o fim infinito e ainda assim atingível de sempre descobrir problemas novos, mais profundos e mais gerais, e de sujeitar suas respostas sempre provisórias a testes sempre renovados e cada vez mais rigorosos."³²

"Hoje em dia toda a gente reconhece que a plena certeza é algo de inatingível nas ciências a que se chama 'indutivas'."³³

Da mesma forma, afirma Veith:

"Aqueles que vêem a ciência como algo que produz a verdade imutável deveriam estudar a história da ciência e fazer a si mesmos outras perguntas: Se a ciência tem nos dado uma série de modelos para explicar dados sempre crescentes, podemos esperar que seja absoluto o que a ciência nos diz agora? Daqui a cem anos, a ciência estará nos dizendo o mesmo que nos diz hoje? (...) Se a ciência de 1500 parece bastante primitiva e ingênua, será que a nossa ciência também não parecerá primitiva e ingênua daqui a quinhentos anos? O que a ciência proclama como fato nem sempre é tão certo para a geração seguinte de cientistas".³⁴

Nem por isso a ciência deve ser gratuitamente rejeitada. Na realidade ela é construída tendo um cerne comum, valendo-se das contribuições básicas dos seus predecessores. A ciência de fato deve ser avaliada e a história nos ajuda bastante na compreensão de determinados conceitos e de sua superação e substituição por outros.³⁵ A nossa dúvida quanto à ciência tem como fundamento a fé na sua capacidade de superação do que foi atingido. Somente a fé que duvida metodologicamente de sua fé, pode de fato se tornar confiável. A fé que se posiciona além da suspeita, não é mais fé, tornou-se uma suposta ciência absoluta. Esta, contudo, pertence somente a Deus.

Numa entrevista concedida (fins de 1984?), Popper (1902-1994), criticando os intelectuais da linha hegeliana, disse que, "o primeiro valor (do intelectual) deve ser a busca da verdade."³⁶

Portanto, o que caracteriza o vigor de uma ciência, não é a sua rigidez, antes, é o grau de desconfiança a que a nos permitimos submeter os seus enunciados a fim de

³² K. R. Popper, *A Lógica da Investigação Científica*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XLIV), 1975, § 85. p. 383, 384. [Vd. também, Jean Piaget, *A Epistemologia Genética*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. LI), 1975, p. 129-130].

³³ Karl R. Popper, *O Realismo e o Objectivo da Ciência*, (Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica, Vol. I), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, * 27, p. 234-235.

³⁴ Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 57.

³⁵ Cf. Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, Lisboa: Edições 70, (2002), p. 20.

³⁶ Karl R. Popper, Entrevista publicada no jornal, *Estado de São Paulo*, 20/01/85, "Cultura", p. 12.

aperfeiçoá-los.³⁷ “Só é realmente livre a ciência que, enquanto está estritamente limitada a seu próprio princípio, tem o poder de livrar-se de todos os laços artificiais.”³⁸

A ciência não tem pátria nem idade; ela não é privilégio de um povo, menos ainda de um indivíduo;³⁹ todo cientista – usando a figura de João de Salisbury (c. 1110-1180)⁴⁰ – equivale a um anão sobre os ombros de gigantes, se valendo das contribuições de seus predecessores, a fim de poder enxergar um pouco além deles. A ciência que envelhece, assina o seu obituário, confessando o ocaso de seu saber. A ciência como verdade é sempre vigorosa; mesmo que os homens tentem negá-la ou ridicularizá-la, o tempo a solidifica e a rejuvenesce. A “ciência” que foi negada, evidenciou por isso mesmo, que não era ciência; contudo, se ela de fato for, renascerá do seu ocaso, atestando a sua perenidade.⁴¹ Parece-me fundamental para o cientista o reexame constante da “ciência”, contudo, tendo como referencial paradigmático, a convicção de que existem conhecimentos absolutos mas, que nem por isso devem estar acima de nosso exame.

3) A Ciência: Sonho & Trabalho:

A ciência é em grande parte filha da necessidade e do trabalho. Aristóteles (384-322 a.C.), diz que “o objeto da ciência (ἐπιστήμη) é de necessidade. E, destarte, eterno: porque tudo quanto é de absoluta necessidade, é eterno; o que é eterno, tem que ser ingênito e incorruptível.”⁴² É a necessidade que se revela no trabalho, na pesquisa, na procura do saber; e esta necessidade está ligada a um determinado contexto histórico e social, com os seus valores próprios. Espinosa (1632-1677) disse que: “o desejo é a própria essência do homem”.⁴³ Parece-me ser fato que o desejo é fruto da carência ou da consciência da carência de totali-

³⁷ Vd. J. Ortega y Gasset, *Que é Filosofia?*, p. 40.

³⁸ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 147.

³⁹ Durkheim disse com acerto, que “a ciência é obra coletiva, porquanto supõe vasta cooperação de todos os sábios, não somente de dada época, mas de todas as épocas que se sucedem na história.” [Émile Durkheim, *Educação e Sociologia*, 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos, (s.d.) p. 35].

⁴⁰ Cf. N. Abbagnano & A. Visalberghi, *Historia de la Pedagogía*, p. 203. Parece que esta figura também foi empregada por outro teólogo medieval, “que morreu quase 300 anos antes de Lutero nascer...”, Pedro de Blois. (Cf. Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 23). Newton mais tarde (05/02/1676) em carta a Robert Hooke (1635-1703 – seu ferrenho adversário (Cf. Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 26ss) –, supostamente referindo-se a Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1643) e Descartes (1596-1650), entre outros, também faria uso desta analogia. (Vd. N. Abbagnano & A. Visalberghi, *Historia de la Pedagogía*, p. 280; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. XI, 441).

⁴¹ Discordo neste particular de Jean Piaget (1896-1980), que compreende que “não existem conhecimentos absolutos” e que “toda ciência está em permanente transformação e não considera jamais seu estado como definitivo” (Jean Piaget, *A Epistemologia Genética*, p. 130). Creio que esta postura é saudável apenas metodologicamente, mas não absolutamente.

⁴² Aristóteles, *A Ética*, (Ética a Nicômaco), Rio de Janeiro: Edições de Ouro, (s.d.), VI.3.2. p. 110.

⁴³ B. Espinosa, *Ética*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVII), 1973, IV.18. p. 244.

dade, da falta de onisciência, sendo portanto, um atributo dos mortais. Todavia, este desejo precisa ser conscientizado: a ignorância do desejo é a acomodação na ausência: O desejo é a consciência da limitação. O desejo produz esperança⁴⁴ e desespero... "Aquilo de que não temos desejo não pode ser objeto de nossa esperança nem de nosso desespero", observou Agostinho (354-430).⁴⁵ Todavia, o cientista deve ter a disposição de aceitar as evidências mesmo quando elas colidem com os nossos desejos.⁴⁶

Sócrates (469-399 a.C.), estava correto ao declarar: "Quem não se considera incompleto e insuficiente, não deseja aquilo cuja falta não pode notar".⁴⁷ Assim sendo, a ciência é produto do homem consciente da sua necessidade e ao mesmo tempo, disposto a suprimi-la. A ciência como fruto do labor humano, começa pelo sonho dos inconformados que não se contentam com os atuais limites da sua ignorância. "O sonho é uma fresta do espírito"⁴⁸ e a fé que permeia a ciência, por ser "racional", deve ser essencialmente ativa.⁴⁹ Sem sonho não há possibilidade de ciência e, sem trabalho, os sonhos não se constroem, permanecem escondidos, só vindo à luz durante as "trevas" do sono, onde não há perigo de serem concretamente confrontados... "Aqueles de nós que não estão dispostos a expor suas idéias ao risco da refutação não tomam parte no jogo da ciência."⁵⁰

Por outro lado, a ciência, juntamente com o sonho, traz consigo uma saudade. A ciência tende amiúde a construir um universo diferente do que estávamos acostumados e, nesta construção, novos valores obviamente surgem e, do mesmo modo, outros se perdem... E de quando em quando nos lembramos de forma nostálgica "daqueles tempos", repletos de significado, os quais são normalmente prioritariamente positivos nas injustiças cometidas impunemente por nossa memória... E nisto, há uma valorização exagerada do que foi, num esquecimento, ainda que momentâneo do que é, de seus benefícios... A amnésia é uma "estratégia compensadora", que apaga o que muitas vezes nos convém.⁵¹ Todavia, se faz parte do homem o sonho, do mesmo modo, a saudade constitui o seu ser. Assim todos trazemos dentro de nós uma "máquina do tempo" que nos faz ir e vir sem impedimentos, exercitando os nossos sonhos e as nossas lembranças... A ciência excita o nosso sonho mas, também, ainda que por um breve momento, resgata do exílio mental a lembrança saudosa "daqueles tempos"...

⁴⁴ "A esperança não é mais do que o alimento e a força da fé." (J. Calvino, *As Institutas*, III.2.43).

⁴⁵ *Apud* J. Moltmann, *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1981, p. 11.

⁴⁶ Vd. B.F. Skinner, *A Possibilidade de uma Ciência do Comportamento*. In: *Ciência e Comportamento Humano*, São Paulo: Cultrix, 1966, p. 16

⁴⁷ Platão, *Banquete*, Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, (s.d.), 204, p. 165.

⁴⁸ Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo: Abril Cultural, (Obras Primas), 1978, p. 65.

⁴⁹ Vd. Erich Fromm, *A Revolução da Esperança*, São Paulo: Círculo do Livro, (s.d.), p. 27-28; *Idem.*, *A Arte de Amar*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1960, p. 157ss.

⁵⁰ Karl R. Popper, *A Lógica da Investigação Científica*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XLIV), 1975, § 85. p. 383.

⁵¹ Vd. Lucette Valensi, *Fábulas de Memória: A Batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 6ss.

4) Ciência e Religião no Pensamento Moderno:

“Nos países protestantes, os cientistas não eram obrigados a aceitar o juízo de não-cientistas em matéria de ciência”, afirma Hooykaas (1906-1994).⁵² De fato, a ciência se não tem pátria nem idade, também não tem religião, ela não tem que estar atrelada a um sistema religioso – ainda que por meio da história tenha estado com freqüência próxima da religião⁵³ –; antes, está comprometida com a verdade. Contudo, os pressupostos⁵⁴ dos cientistas são de grande relevância na elaboração científica. Tentar negar a existência de pressupostos em nome de uma suposta “neutralidade” seria uma postura pueril e inútil.⁵⁵ Francis A. Schaeffer (1912-1984), por exemplo, nos chama a atenção para o fato de que “a ciência moderna em seus primórdios foi o produto daqueles que viveram no consenso e cenário do Cristianismo”.⁵⁶ Em outro lugar, acrescenta: “A mentalidade bíblica é que deu origem à ciência”.⁵⁷ Alhures, Schaeffer seguindo Alfred Nort Whitehead (1861-1947), diz: “A ciência moderna surgiu porque estava cercada por uma estrutura de referências cristãs”.⁵⁸ De fato, independentemente da fé professada pelo cientista, a sua formação, consciente ou não, era cristã; as suas pressuposições teístas – que obviamente orientavam as suas pesquisas – “já vinham no leite materno”.⁵⁹

⁵²R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 145.

⁵³Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 13ss; 27.

⁵⁴“Toda ciência vive dos seus pressupostos e tem por objeto o seu próprio conteúdo” (H. Fries, Teologia: In: H. Fries, ed. *Dicionário de Teologia*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1987, Vol. 5, p. 302).

⁵⁵Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 19ss; 53,54,58. A “neutralidade” é impossível tal qual a “objetividade” completa, no entanto, deve ser buscada. Gilberto Freyre expressou bem isto, ao dizer: “A perfeição objetiva nas Ciências do homem ou nos Estudos Sociais talvez não exista. Mas o afã de objetividade pode existir. É a marca do historiador intelectualmente honesto. E sua ausência, o sinal do intelectualismo desonesto” (Gilberto Freyre, na Apresentação da obra de Davi Gueiros Vieira, *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 9). Ver: Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

⁵⁶F.A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, São Paulo: ABU/FIEL, 1974, p. 29. Um dos grandes cientistas do século XX, W. Heisenberg (1901-1976), atesta a ligação da física moderna com Bacon, Galileu e Kepler: “A física moderna não é mais do que um elo na longa cadeia de acontecimentos que se iniciaram com a obra de Bacon, Galileu e Kepler e das aplicações práticas das ciências da natureza nos séculos XVII e XVIII” (Werner Heisenberg, *Reflexões Sobre a Viagem do Artista ao Interior*. In: *Werner Heisenberg: Páginas de reflexão e auto-reflexão*, Lisboa: Gradiva, 1990, p. 52). “O trabalho científico do presente século seguiu essencialmente o método descoberto e desenvolvido por Copérnico, Galileu e seus sucessores nos séculos XVI e XVII” (Werner Heisenberg, *A Tradição na Ciência*, (Conferência realizada em 24/04/1973). In: *Werner Heisenberg: Páginas de reflexão e auto-reflexão*, Lisboa: Gradiva, 1990, p. 80-81).

⁵⁷F. A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, p. 31. “A ciência moderna não poderia ter surgido sem a Bíblia” [Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 23].

⁵⁸F. A. Schaeffer, *A Igreja no Final do Século XX*, 2ª ed. (revista), Brasília, DF.: Sião, 1988, p. 12. Vd. F.A. Schaeffer, *Poluição e a Morte do Homem: Uma Perspectiva Cristã da Ecologia*, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP., 1976, p. 51.

⁵⁹James W. Sire, *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p. 28.

Hooykaas conclui o seu brilhante livro usando uma metáfora: "Podemos dizer (...) que, embora os ingredientes corporais da ciência possam ter sido gregos, suas vitaminas e hormônios foram bíblicos".⁶⁰ Entre os puritanos, por exemplo, o estudo científico, juntamente com o teológico e literário era amplamente estimulado. "Os Puritanos abraçaram o estudo das artes tão completamente como o da ciência".⁶¹

Estes pressupostos não devem significar um atrelamento determinante da pesquisa,⁶² visto que um dos basilares da pesquisa científica é a sua "autonomia", liberdade indispensável para o seu avanço,⁶³ não significando isso uma ausência de pressupostos e mesmo de desejos, conforme já observamos. Devemos notar também, que quando um sistema religioso se vincula a uma determinada concepção "científica", filosófica ou ideológica e esta, se torna ultrapassada, o sistema religioso sofre também as conseqüências.

Alan Richardson observa que, "São Tomás havia cristianizado a Aristóteles com tanto êxito, que quando a autoridade deste nos campos da Astronomia ou da Física se pôs na tela do juízo, foi como se a fé cristã mesma tivesse sido atacada impiamente".⁶⁴ De fato, é comum os homens confundirem as suas interpretações com a própria verdade. Infalível é a Escritura, não a nossa interpretação. No entanto, quando sou possuído por uma interpretação, já não consigo imaginar uma conclusão "racional" diferente. A nossa perspectiva tende a assumir um tom "final", ainda que em nosso discurso a nossa perspectiva seja mostrada como uma das possíveis interpretações...

⁶⁰ R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 196. "A ciência e a tecnologia moderna, nas suas próprias origens, se desenvolveram a partir de uma visão de mundo bíblica. O pensamento ocidental tem suas origens na nossa herança cultural judeu-cristã – ou seja, a nossa herança cultural bíblica" [Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 23].

⁶¹ Leland Ryken, *Santos no Mundo*, São José dos Campos, SP.: FIEL, 1992, p. 178. Sobre o envolvimento dos Puritanos com as diversas ciências, Ver: Richard L. Greaves, *The Puritan Revolution and Educational Thought: Background for Reform*, New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1969; Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992; *Idem.*, *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988; Perry Miller & Thomas H. Johnson, eds. *The Puritans*, Mineola, New York: Dover Publications, (2 Volumes bounds as one), 1991; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004 (Trata mais especificamente da influência de Calvino sobre o estudo das Ciências Naturais).

⁶² Visto que a pesquisa é "o meio que os cientistas têm para verificar suas hipóteses, testar suas idéias, suas teorias, observar os fatos" (Maria Martha H. D'Oliveira, *Ciência e Pesquisa em Psicologia: Uma Introdução*, p. 5).

⁶³ Comenta Kuyper: "A liberdade da ciência não consiste em licenciosidade ou ilegalidade, mas em ser liberta de todos os laços artificiais, porque não estão enraizados em seu princípio vital" (Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 133).

⁶⁴ Alan Richardson, *La Biblia En La Edad de la Ciencia*, Buenos Aires: Editorial Paidós, (1975), p. 12.

Mas o fato é que a Ciência Moderna, que teve a sua gênese no século XVII em “toda a Europa”,⁶⁵ não estava em princípio dissociada da fé cristã. Francis Bacon (1561-1626) – quem revolucionou o método científico, sendo uma figura fundamental na transição do pensamento humanista-renascentista para o Iluminismo⁶⁶ –, combatendo o método dedutivo de Aristóteles (384-322 a.C.) – a quem considerava uma espécie de Anticristo –⁶⁷ e à escolástica – que contribuiu no processo de distanciamento do homem em relação a Deus e às Escrituras⁶⁸ –, sustentou que a única esperança da ciência estava na indução.⁶⁹ No frontispício da primeira edição do *Novum Organum*, Bacon colocou as palavras do texto bíblico de Daniel 12.4: “Muitos o esquadriarão, e o saber se multiplicará”.⁷⁰

Bacon demonstra crer na supremacia da fé sobre a razão, entendendo que a filosofia nada pode contra as Escrituras; antes, ela é a sua fiel serva. Ele diz:

“Finalmente, constatar-se-á, mercê da infâmia de alguns teólogos, foi quase que totalmente barrado o acesso à filosofia, mesmo depurada. Alguns, em sua simplicidade, temem que a investigação mais profunda da natureza avance além dos limites permitidos pela sua sobriedade, transpondo, e dessa forma distorcendo, o sentido que dizem as Sagradas Escrituras a respeito dos que querem penetrar nos mistérios divinos, para os que se volvem para os segredos da natureza, cuja exploração não está além de maneira alguma interdita. Outros, mais engenhosos, pretendem que, se se ignoram as causas segundas, será mais fácil atribuir-se os eventos singulares à mão e à férula divinas – o que pensam ser do máximo interesse para a religião. Na verdade, procuram 'agradar a Deus pela mentira' (Jó 13.7).

“Outros temem que, pelo exemplo, os movimentos e as mudanças da filosofia acabam por recair e abater-se sobre a religião. Outros finalmente, parecem temer que a investigação da natureza acabe por subverter ou abalar a autoridade da religião, sobretudo para os ignorantes. Mas estes dois últimos temores parecem-nos saber inteiramente a um instinto próprio de animais, como se os homens, no recesso de suas mentes e no segredo de suas reflexões, desconfiassem e duvidassem da firmeza da religião e do

⁶⁵ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, Bauru, SP.: EDUSC, 2001, p. 115. p. 9.

⁶⁶ Grenz acentua com perspicácia que “sob diversos aspectos, a quintessência do pensamento renascentista foi a obra.... [de] Francis Bacon. Embora fruto da Renascença, Bacon floresceu no limiar da Idade da Razão. Em certo sentido, portanto, ele marca a transição da Renascença para o Iluminismo [...]. A visão de Bacon lançou os fundamentos da sociedade tecnológica moderna” (Stanley J. Grenz, *Pós-Modernismo: Um guia para entender a filosofia do nosso tempo*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 94,96. Do mesmo modo: Stanley J. Grenz & Roger E. Olson, *A Teologia do Século XX*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 15).

⁶⁷ Ver: Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 66.

⁶⁸ Cf. Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, p. 69.

⁶⁹ F. Bacon, *Novum Organum*, l.14. p. 21.

⁷⁰ Cf. nota nº 71, feita por José Aluysio Reis de Andrade, à referida edição da obra de Bacon, p. 68. Bacon ainda que não fosse puritano foi educado dentro deste espírito (Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 180).

império da fé sobre a razão e, por isso, temessem o risco da investigação da verdade na natureza. Contudo, bem consideradas as coisas, a filosofia natural, depois da palavra de Deus, é a melhor medicina contra a superstição, e o alimento mais substancioso da fé. Por isso, a filosofia natural é justamente reputada como a mais fiel serva da religião, uma vez que uma (as Escrituras) torna manifesta a vontade de Deus, outra (a filosofia natural) o seu poder".⁷¹

"O supremo motivo de esperança emana de Deus (...) que é Autor do bem e Pai das luzes".⁷²

"Que o gênero humano recupere os seus direitos sobre a natureza, direitos que lhe competem por dotação divina. Restitua-se ao homem esse poder e seja o seu exercício guiado por uma razão reta e pela verdadeira religião".⁷³

O astrônomo luterano⁷⁴ alemão, Johannes Kepler (1571-1630)⁷⁵ que paciente-mente, conforme a sua obsessão por medidas,⁷⁶ procurou dar precisão matemática

⁷¹ F. Bacon, *Novum Organum*, l.89. p. 64-65. A este respeito, o cientista católico, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), em 1921, disse: "A Ciência não deve portanto perturbar-se em nossa Fé, por suas análises. Deve, ao contrário, ajudar-nos a melhor conhecer, compreender e apreciar a Deus. Quanto a mim, tenho a convicção de que não existe mais poderoso alimento natural para a vida religiosa que o contacto das realidades científicas bem compreendidas. O homem que vive habitualmente na companhia dos elementos deste mundo, o homem que pessoalmente experimentou a esmagadora imensidade das coisas e sua miserável dissociação – este, tenho certeza, adquire uma consciência mais aguda que ninguém tanto da imensa necessidade de unidade que impele o Universo sempre para a frente quanto do inaudito futuro que lhe está reservado. Ninguém como o Homem debruçado sobre a Matéria compreende até que ponto o Cristo, por sua Encarnação, é interior ao Mundo, enraizado no Mundo, até ao coração do menor dos átomos" (*Ciência e Cristo*, Petrópolis, RJ.: Vozes, 1974, p. 43).

⁷² F. Bacon, *Novum Organum*, l.93. p. 68.

⁷³ F. Bacon, *Novum Organum*, l.129. p. 95.

⁷⁴ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 146; Johannes Hirschberger, *História da Filosofia Moderna*, p. 62; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 133; Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 49-50; Bertrand Russell, *Religion and Science*, New York/Oxford: Oxford University Press, (1935), 1997, p. 25; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, p. 339.

⁷⁵ As pesquisas de Kepler estavam entrelaçadas de aspectos místicos e científicos o que criava grande dificuldade em sua aceitação mesmo por parte de cientistas tais como Galileu e Descartes, entre outros. "As leis de Kepler se tornaram leis 'científicas' somente depois que Newton se serviu delas, sendo as mesmas leis aceitas pela maioria dos astrônomos somente no decorrer da década de sessenta do século XVII" (Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 145). Do mesmo modo: Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 83, 115. Rossi, seguindo a tese de Lynn Thorndike (*History of Magic and Experimental Sciences*, New York: Columbia University Press, 1923-1956, 8 Vols. e *The True Place of Astrology in the History of Science*: In: *Isis*, XLVI, 1955: 273-278) sobre a transição entre a astrologia e a ciência moderna, diz: "O fim da astrologia, que não era uma forma de superstição, mas uma coerente e orgânica visão do mundo, foi determinado pela gradual obliteração da distinção entre céu e terra que se verificou no curso dos séculos XVI e XVII e, enfim, pela radical destruição, operada por Newton, de qualquer diferença entre o mundo superior dos corpos celestes e o mundo inferior dos elementos" (Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, São Paulo: Editora da Universidade Estadu-

às descobertas de N. Copérnico (1473-1543) –, descobrindo as leis dos movimentos dos planetas, "sentia-se como se estivesse 'pensando os pensamentos de Deus após Ele'; sentia-se como sendo 'um sumo sacerdote no livro da natureza, religiosamente obrigado a não alterar nenhum jota ou til daquilo que havia agradado a Deus escrever nele'".⁷⁷

O polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) entendia que os astrônomos, como sacerdotes de Deus, no exame do livro da natureza deveriam glorificar a Deus.⁷⁸ Reconhecendo a sua dívida para com os cientistas que viveram antes dele e admitindo os obstáculos na pesquisa, escreve: "Contudo, para evitar dar a impressão de que esta dificuldade é uma desculpa para a indolência, pela graça de Deus, sem O qual nada podemos aperfeiçoar, vou tentar fazer um estudo mais largo sobre estas matérias".⁷⁹

Tomás Campanella (1568-1639),⁸⁰ apesar de sua filosofia ter um forte teor panteísta, afirmou (1602) que "a verdade do Evangelho é conforme a natureza".⁸¹

N. Copérnico (1473-1543); G. Galilei (1564-1642), I. Newton (1642-1727) e G.W. Leibniz (1646-1716), foram cientistas que reconheceram o poder de Deus na natureza, não encontrando nenhuma contradição entre sua fé em Deus e as suas pesquisas científicas. Newton – ainda que pese o fato dele conceber um mundo ordenado que funcionava segundo as suas próprias leis⁸² –, nos seus *Princípios Matemáticos* (1687), reconhecendo a soberania de Deus, escreve:

"Esse Ser governa todas as coisas, não como a alma do mundo, mas como Senhor de tudo; e por causa de seu domínio costuma-se chamá-lo Senhor Deus (...). O Deus Supremo é um Ser eterno, infinito, absolutamente perfeito (...). Ele é eterno e infinito, onipotente e onisciente; isto é, sua duração se estende da eternidade à eternidade; sua presença do infinito ao infinito; ele governa todas as coisas que são ou podem ser feitas. Ele não é

al Paulista, 1992, p. 30). "A astrologia era, segundo os conhecimentos de então, um sistema perfeitamente racional" (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391). "No século XVI, a distinção entre astronomia e astrologia era bastante ambígua" (Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, p. 337).

⁷⁶ Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, p. 335.

⁷⁷ Apud Michael Green, *O Mundo em Fuga*, São Paulo: Vida Nova, (s.d.), p. 37. Do mesmo modo: Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 80.

⁷⁸ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 137.

⁷⁹ Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 15.

⁸⁰ Que perseguido pela Inquisição passou por terríveis torturas permanecendo quase 30 anos preso em masmorras italianas (Cf. Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 42).

⁸¹ T. Campanella, *A Cidade do Sol*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XII), 1973, p. 274.

⁸² Cf. John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã*, São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 173-174.

eternidade e infinitude, mas eterno e infinito; ele não é duração ou espaço, mas ele dura e está presente. (...) Deus é o mesmo Deus, sempre e em todos os lugares. Ele é onipresente não somente virtualmente, mas também substancialmente; pois a virtude não pode subsistir sem substância. Nele, são todas as coisas contidas e movidas; todavia nenhum afeta o outro. (...) Assim como um homem cego não tem idéia das cores, nós também não temos idéia da maneira pela qual o todo-sábio Deus percebe e entende todas as coisas. Ele é completamente destituído de todo corpo e figura corporal, e não pode portanto nem ser visto, nem ouvido, nem tocado; nem deve ser ele adorado sob a representação de qualquer coisa corporal. Temos idéias de seus atributos, mas o que a substância real de qualquer coisa é nós não sabemos".⁸³

Leibniz em 1714, seguindo argumentos de Anselmo (1033-1109) e de Tomás de Aquino (1225-1274), escreveu na sua *Monadologia*:

"...A razão última das coisas deve encontrar-se numa substância necessária, na qual o pormenor das modificações só esteja eminentemente, como na origem. É o que chamamos Deus.

"Ora, sendo esta substância razão suficiente de todo aquele pormenor que, por sua vez, está entrelaçada em toda parte, há um só Deus, e esse Deus é suficiente.

"Esta suprema substância única, universal e necessária, sem nada externo independente dela, e simples resultado da sua possibilidade, pode também julgar-se que não é suscetível de limites e que contém o máximo possível de realidade.

"Segue-se daí que Deus é absolutamente perfeito, pois a perfeição é, apenas, a grandeza da realidade numa rigorosa mente, excluídos os limites ou restrições nas coisas em que os há. E onde não houver quaisquer limites, quer dizer, em Deus, a perfeição é absolutamente infinita".⁸⁴

Notemos que na Idade Média, a Bíblia desfrutava o status de autoridade em assuntos espirituais e Aristóteles, a autoridade em questões científicas. A partir de Copérnico (1473-1543), o método experimental – que permite a comprovação ou não das hipóteses, por meio de sua experimentação – desenvolveu-se. A autoridade de Aristóteles foi questionada e relegada à "crendices" medievais. A história e a ciência gradativamente vão se emancipando da filosofia – que, por sua vez, havia se libertado da teologia⁸⁵ –, existindo autonomamente como disciplinas empíricas independentes. Aos poucos, os pensadores modernos passaram a falar de uma nova física

⁸³ Isaac Newton, *Princípios Matemáticos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIX), 1974, III, p. 26,27.

⁸⁴ G.W. Leibniz, *Monadologia*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XIX), 1974, § 38-41. p. 67.

⁸⁵ Apesar de ser ponto pacífico o fato de que na Idade Média a Filosofia estava atrelada à Teologia, parece-nos que isto não é um dado uniforme, havendo pensadores medievais, que estavam mais propensos a fazer o oposto. (Vd. André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, (Suplemento) sobre "Escolástica", p. 1257).

e nova geografia. Esta compreensão moderna era resultado natural do descobrimento da existência de outros povos e culturas e da aplicação do método empírico.

A “autonomia” pretendida pela ciência, não significa o abandono da fé cristã; antes, ela estava repleta de valores cristãos. “A Ciência moderna nos seus primórdios – escreve Schaeffer –, era uma ciência natural porque tratava de coisas naturais, mas longe estava de ser naturalista, pois, embora sustentasse a uniformidade das causas naturais, não concebia a Deus e ao homem como presos dentro do mecanicismo. Tais cientistas nutriam a convicção, primeiro, de que Deus propiciou conhecimento ao homem – conhecimento de Si próprio e também do universo e da história; e, segundo, de que Deus e o homem eram partes do mecanismo e poderiam afetar a operação do processo de causa e efeito (...). Assim se desenvolveu a ciência, uma ciência que tratava do mundo natural e real que, porém, ainda não se havia tornado naturalista”.⁸⁶

Copérnico, por exemplo, escreveu o seu trabalho demonstrando insatisfação com o geocentrismo (1514?) (*Pequeno Comentário*). Este manuscrito só circulou entre amigos de extrema confiança. No entanto sua obra só ganharia evidência – ainda que restrita⁸⁷ – com a sua edição ampliada em maio de 1543,⁸⁸ com o título *As Revoluções dos Orbes Celestes*. Esta publicação tornou-se possível porque em 1539, Copérnico fora procurado pelo jovem professor de matemática na Universidade de Wittenberg,⁸⁹ o protestante Georg Joachim Lauschen, conhecido como Rheticus (1514-1576),⁹⁰ que juntamente com outros amigos de Copérnico o convencera, não sem relutância,⁹¹ a ampliar e publicar o seu trabalho primitivo. Ele foi publicado em Nuremberg (1543) na tipografia de um amigo de Rheticus, o impressor luterano Johannes Petreius (1497-1550),⁹² que se especializaria na publicação de tratados de

⁸⁶ F.A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, p. 31. (Vd. também, F.A. Schaeffer, *A Igreja no Final do Século XX*, p. 12ss; 17ss; 109ss.).

⁸⁷ “Fora do mundo astronômico o De Revolutionibus criou inicialmente muito pouca agitação” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 201].

⁸⁸ O seu trabalho fora concluído em 1536. (Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 4). Segundo a tradição, Copérnico recebeu a obra impressa no seu leito de morte. (Entre outros: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 119; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência*, p. 3,6; Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought, Massachusetts*: Blackwell Publishers, 1998, p. 207; (Cf. Hal Hellman, *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*, São Paulo: UNESP., 1999, p. 25).

⁸⁹ Que havia renunciado esta cátedra a fim de poder estudar com Copérnico (Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 4).

⁹⁰ “O primeiro discípulo de Copérnico” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 202; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 118.]. Que tornou-se protegido de Melancton (Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 159).

⁹¹ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 5-7.

⁹² Cf. *Inter alia* Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 4; Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391;

teologia e de direito canônico.⁹³ Copérnico já paralisado do lado direito e mentalmente cansado, não pôde coordenar a edição de sua obra. Rheticus, por sua vez, tendo que deixar Nuremberg, “não pôde coordenar pessoalmente a impressão da obra. A tarefa foi delegada a Andréas Osiander (1498-1552), que, numa decisão infeliz, redigiu uma introdução, impressa sem assinatura.⁹⁴ Passou-se a atribuir erroneamente a Copérnico uma afirmação feita por Osiander, segundo a qual a idéia de que a Terra girava ao redor do Sol era um simples artifício matemático – e não uma descrição da realidade física”.⁹⁵ Ou seja; ele retoma as concepções de Simplicio (527-565), Giovanni Filopono (c. 530) e de Tomás de Aquino (1225-1274), que consideravam a matemática um simples cálculo por meio do qual elaboravam-se hipóteses que pouco ou nada tinham a ver com a realidade.⁹⁶ Diz Osiander no Prefácio: “Nem tão-pouco é necessário que estas hipóteses sejam verdadeiras nem até sequer verossímeis, mas bastará apenas que conduzam um cálculo conforme às observações... No entanto é bem evidente que esta ciência ignora pura e simplesmente as causas dos movimentos aparentemente não uniformes. E se imagina algumas, pois certamente imagina muitas, não o faz de maneira nenhuma com o objetivo de persuadir alguém de que as coisas são assim, mas apenas para conseguir uma base correta de cálculo”.⁹⁷ No entanto o sistema de Copérnico era mais do que isso, era uma ciência que se relacionava à concepção real do sistema astronômico, não uma mera especulação abstrata.⁹⁸

Em seu trabalho Copérnico desloca a Terra do centro do universo passando a explicar os movimentos dos planetas a partir da centralidade do Sol. Deste modo, ele “destruiu os próprios alicerces da ordem cósmica tradicional, com uma estrutura hierárquica....”.⁹⁹ A Terra no caso seria apenas o centro de rotação da Lu-

John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506; Edward Rosen, *Copernicus and the Scientific Revolution*, Malabar, Florida: Robert E. Krieger Publishing Co., 1984, p.119.

⁹³ Cf. Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 276.

⁹⁴ Sem a permissão de Copérnico [Cf. entre outros: Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 203; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506].

⁹⁵ Alexandre Cherman, *Sobre os ombros de Gigantes: Uma História da Física*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 p. 31. Do mesmo modo: Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 6; Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 678. Ver o documento in: Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 1-2; B.A. Gerrish, *The Reformation and the Rise of Modern Science*. In: Jerald C. Brauer, ed. *The Impact of the Church upon its Culture*, Chicago: The University of Chicago Press, 1968, Vol. 2, p. 262.

⁹⁶ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 161.

⁹⁷ Osiander In: Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 1,2.

⁹⁸ Cf. R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 33.

⁹⁹ Ver Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 37-38.

a.¹⁰⁰ Em suas leituras Copérnico encontrou evidências de que outros filósofos bem anteriores a ele já haviam sugerido o movimento da Terra, tais como Niceta, Filolau, Heraclides do Ponto e Ecfanto.¹⁰¹ Contudo como bom católico que era submeteu a sua obra ao Papa Paulo III¹⁰² entendendo que “As Matemáticas escrevem-se para os matemáticos, aos quais também esta minha obra....”.¹⁰³

O fato é que com Copérnico a astronomia deu um salto tão grande que algumas décadas depois, ele seria lembrado apenas pela sua percepção correta a respeito do heliocentrismo – colocando no seu devido lugar as concepções fundamentais da astronomia da qual a astronomia moderna dependeu fundamentalmente –, e não por outras de suas colaborações que já estariam superadas.¹⁰⁴ No entanto além de uma revolução científica, a descoberta de Copérnico causou, segundo Kuhn uma mudança de perspectiva do homem no universo, gerando controvérsias, para limitar a duas, no campo religioso e filosófico.¹⁰⁵ “A Revolução Copernicana foi (...) parte de uma transição na escala de valores do homem ocidental”.¹⁰⁶

¹⁰⁰ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 116-117.

¹⁰¹ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 8-9, 30. Ver também: Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 37.

¹⁰² Só para recordar um pouco, o papa Paulo III (1534-1549) – Alessandro Farnese (1468-1549), filho de importante família italiana, tendo recebido uma forte e extensa formação humanista – Foi ele quem encomendou os afrescos da capela Sistina a Miguel Ângelo (1475-1564) em Roma e Florença – destacou-se como o papa da Contra-Reforma (Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Lisboa: Editora Verbo, 1982, Vol. III, p. 52). Também foi ele quem – subornado pelo rei de Portugal, D. João III – estabeleceu definitivamente a Inquisição em Portugal por meio da Bula Cum ad nihil magis (23/05/1536) [Cf. Alexandre Herculano, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Portugal: Publicações Europa América (s.d.), Vol. I, "Apêndices", p. 156; Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Vol. III, p. 52]. Em 1535, D. João III escreveu ao papa Paulo III solicitando que estabelecesse a “inquisição em meus Reinos e senhorios sobre os Cristãos-novos, que novamente são convertidos, que sou certificado que não vivem como devem” [Documento In: J. Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, 3ª ed. Porto: Clássica Editora, 1989, p. 443 (apêndice)]. Novinsky, diz: “Afinal D. João III venceu, oferecendo ao papa uma enorme fortuna em troca da permissão para agir sem interferência de Roma” (Anita Novinsky, *A Inquisição*, 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 35). Ele também quem organizou a Ordem dos jesuítas em 27 de setembro de 1540, por meio da bula Regimini Militantis Ecclesiae, batizando-a com o nome de “Companhia de Jesus”. [Jean Lacouture, *Os Jesuítas: 1. Os Conquistadores*, Porto Alegre: L&PM, 1994, 106].

¹⁰³ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, p. 10.

¹⁰⁴ Curiosamente Russel diz que “não há nada em suas especulações que não pudesse haver ocorrido a um astrônomo grego” (Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 46). De fato, já que o “o Universo de Copérnico, no século XVI, ainda era finito por essência” [Alistair Crombie & John North, *Universo*: In: Jacques Le Goff, Trabalho: In: Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt, coords. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: SP/São Paulo, SP.: Editora da Universidade Sagrado Coração/Imprensa Oficial do Estado, 2002, Vol. 2, p. 590].

¹⁰⁵ “A sua teoria planetária e a conseqüente concepção de um universo centrado no Sol foram os agentes da transição da sociedade ocidental medieval para a moderna, porque pareciam afetar a relação do homem com o universo e com Deus.” [...]

“A Revolução Copernicana está entre os episódios mais fascinantes de toda a história da ciência. (...) A civilização ocidental contemporânea é mais dependente, tanto no que se refere à filosofia do quotidiano como ao pão que comemos, de conceitos científicos do que

Como naquela época não havia como provar de forma irrefutável o movimento da Terra, obviamente as idéias de Copérnico – então meras hipóteses¹⁰⁷ –, não foram aceitas por todos, nem mesmo entre os astrônomos.¹⁰⁸ No entanto, suscitou questões sérias quanto à interpretação de textos bíblicos que apontavam para a estabilidade da Terra (Jó 10.12-14; Sl 19.5-6; 104.5; Ec 1.4-5). Aliás, esta questão era mais relevante para protestantes do que para os católicos devido à sua perspectiva exegética das Escrituras.¹⁰⁹ Contudo, a concepção de Copérnico com o passar do tempo, contribuiu para o reexame, por parte dos protestantes, de diversos textos das Escrituras, tendo o “princípio da acomodação” de Calvino (1509-1564) contribuído de forma decisiva para a interação entre a compreensão das Escrituras e as ciências naturais.¹¹⁰ Posteriormente, este princípio interpretativo seria empregado pelo Carmelita Paolo Antonio Foscarini (1565-1616) e o próprio Galileu, sendo, contudo rejeitado pela igreja romana como uma inovação sem precedentes.¹¹¹

Contudo, a rejeição das hipóteses de Copérnico deu-se entre católicos e protestantes – com todas as suas diversidades – ainda que encontremos uma adoção maior de seu sistema entre os calvinistas e puritanos,¹¹² a ponto de ser relacionado os sistemas como “calvinista-copernicano”¹¹³ e algumas vezes o puritanismo ser identificado com os defensores da “nova Ciência”.¹¹⁴ Treze anos depois da publica-

qualquer civilização anterior” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, Lisboa: Edições 70, (2002), p. 17,18]. Compare a opinião de Reale e Antiseri, que seguem Kuhn com a de Collingwood e Hooykaas: Giovanni Reale & Dario Antiseri, *História da Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1990, Vol. II, p. 212-213 com R.G. Collingwood, *Ciência e Filosofia: a idéia de natureza*, 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, (1986), p. 108-109; R. Hooykaas, The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 34.

¹⁰⁶ Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 17.

¹⁰⁷ Cf. Lucien Febvre, *O Problema da Descoberta no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 448.

¹⁰⁸ Cf. Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 678-679.

¹⁰⁹ Cf. Rienk Vermij, *The Calvinist Copernicans: The reception of the new astronomy in the Dutch Republic, 1575-1750*, Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2002, p. 243.

¹¹⁰ Cf. Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 208ss. Do mesmo modo: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 160. Hooykaas, por exemplo, demonstra que Kepler recorreu a um argumento semelhante ao de Calvino (Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 161). Do mesmo modo, ver: Heiko A. Oberman, *The Dawn of the Reformation: Essays in Late Medieval and Early Reformation Thought*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1992 (Reprinted), p. 184-185; 264-265; Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes: uma breve história da interpretação*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 166-167.

¹¹¹ Cf. Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 211-213. *Inter alia* Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 160-161; R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*: In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 42.

¹¹² Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 169ss. “Do século IV ao XVI, a atitude da Igreja foi um fator determinante no progresso ou na estagnação da astronomia” (Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 123)

¹¹³ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 171, 173.

¹¹⁴ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 182ss.

ção da obra de Copérnico, ela seria reeditada em Basiléia (1556?),¹¹⁵ cidade protestante. O matemático e astrônomo puritano Thomas Digges (c. 1546-1596) difundiu e ampliou¹¹⁶ a teoria copernicana na Inglaterra fora dos “círculos dos astrônomos”,¹¹⁷ indo além dele em suas teorias.¹¹⁸ Na realidade, entre os protestantes havia maior tolerância para as novas correntes de pensamento (Lembremo-nos de Descartes e Espinosa).¹¹⁹ Galileu quando adotou a teoria de Copérnico foi denunciado ao Santo Ofício que reafirmou o geocentrismo. Com o recuo parcial de Galileu (26/02/1616),¹²⁰ no dia 03/3/1616, é promulgado o decreto de condenação das obras de Copérnico, Kepler e Foscarini.¹²¹ Como nos lembra Hill, Galileu só pôde

¹¹⁵ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 123. Febvre e Martin, dizem: “O público quase não se interessou pelo sábio tratado: foi preciso esperar 23 anos, até 1566, para que ele fosse reimpresso” (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391. Do mesmo modo: Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 451; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506). Salvo melhor juízo, Febvre, Martin e Hale se referem então à reedição da obra em Nuremberg.

¹¹⁶ Cf. Ver Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 43ss.; R. Hooykaas, The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 36.

¹¹⁷ Cf. Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 203; Giovanni Reale & Dario Antiseri, *História da Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1990, Vol. II, p. 227; R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 172; Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 31ss.

¹¹⁸ “A idéia de um Universo infinito veio a ser aceita na Inglaterra basicamente em função do trabalho desenvolvido por Digges; todos os cientistas admitiram a necessidade de as teorias serem continuamente testadas através da observação e experimentação, motivo pelo qual as brilhantes especulações metafísicas de um Giordano Bruno tiveram uma influência relativamente pequena na Inglaterra” (Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 32-33). Ver: Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 47, 49.

¹¹⁹ Ver: Hermisten M.P. Costa, A Propósito dos 300 anos da Morte de Vieira: Reflexões Fortuitas sobre a sua vida e obra: In: *Fides Reformata*, 2/2 (1997) 35-60.

¹²⁰ Galileu seria interpelado posteriormente. No dia 22 de junho de 1633, em Roma, “Galileu em traje de penitência e de joelhos diante dos cardeais da Congregação, pronuncia a abjuração pública: ‘com coração sincero e fé não fingida abjuro, condeno e detesto os referidos erros e heresias [...] e juro que no futuro nunca mais direi nem sustentarei, por palavra ou por escrito, coisas dessa espécie pelas quais se possa ter a meu respeito tal suspeita, mas se ficar sabendo de algum herege ou que seja suspeito de heresia, denunciá-lo-ei a este S. Ofício” (Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 184). Galileu transforma-se num presidiário herege e um alcagüete em potencial. Mesmo com sua retratação Galileu foi condenado à prisão domiciliar pelo resto de seus dias (Cf. Hal Hellman, *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*, São Paulo: UNESP., 1999, p. 21).

¹²¹ *Inter alia* Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 163-164; Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 679. “Em 1616, a Igreja banuiu todos os livros que advogavam a realidade do movimento da Terra. Nenhuma simples generalização despreverá a influência opressiva da Igreja sobre a ciência, porque a influência alterava-se com a situação mutável da Igreja” (Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 123. Do mesmo modo, p. 208). “É um fato curioso que quando Galileu foi sentenciado ao confinamento na masmorra da Inquisição, por um período indeterminado, por ter defendido o sistema de Copérnico, foi obrigado a repetir como penitência estes sete Salmos Penitenciais [6,32,38,51,102,130 e 143], a cada semana, por três anos; pelo quê, a intenção indubitável era arrancar dele a confissão de sua culpa e o reconhecimento da retidão de sua senten-

desenvolver as suas idéias publicamente em países protestantes.¹²² Até o século XVIII todas as obras que defendiam o sistema copernicano permaneciam no .¹²³ Este instrumento era tão temido que o físico e matemático jesuíta R.R. Giuseppe Boscovich (1711-87), entre outros, em meados do século XVIII – vivendo “no ambiente corrupto e conformista da corte papal”¹²⁴ – sendo copernicano, adotava uma “duplicidade epistemológica” ou, um “ambíguo conformismo” em suas obras. Deste modo, eufemisticamente poderíamos dizer que “em Roma, a tese copernicana é rejeitada apenas em homenagem à autoridade da Igreja”.¹²⁵ Deve ser lembrado que a aceitação ou não das teorias de Copérnico não estava simplesmente relacionada à religião ou a ignorância das pessoas. Mesmo entre os astrônomos, Copérnico não foi uma unanimidade.¹²⁶

Contrastando a atitude protestante com a católica, destaca Eisenstein:

“Convém frisar que é equivocada a prática, tão comum, de tratar as declarações anti-Copérnico, feitas por protestantes do século XVI, como se fossem equivalentes às medidas anti-Copérnico tomadas pelos católicos do século XVII. Um texto de grande circulação, escrito para uso de estudantes universitários, por exemplo, dá a seus leitores a impressão errônea de que o desprezo de Lutero por Copérnico acabou ‘sufocando’ a revolução científica na Alemanha (apesar dos êxitos de Reticus, Reinhold, Maestlin e Kepler!). As declarações teológicas não representam a mesma modalidade de resistência às mudanças, que é tipificada nas medidas tomadas para impedir uma publicação. Estas ameaçavam a vida da ciência, ao contrário das primeiras”.¹²⁷

Ilustrando a sua tese, exemplifica:

ça” [Nota de James Anderson ao Comentário de Calvino: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1999, Vol. 2, (SI 38), p. 175]. Ver também: Felipe Fernández-Armesto & Derek Wilson, *Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000*, Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 48; Mario Biagioli, *Galileu, Cortesão: A Prática da Ciência na Cultura do Absolutismo*, Porto: Porto Editora, 2003, p. 10, 266.

¹²² Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 43.

¹²³ Cf. Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 42. Vejam-se alguns exemplos de condenação in: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 160ss. Por outro lado, segundo Fernández-Armesto e Wilson, “Salamanca foi a única universidade europeia onde as teorias de Copérnico chegaram aos programas dos cursos no século XVI” (Felipe Fernández-Armesto & Derek Wilson, *Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000*, Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 379). No entanto, deve ser observado que ainda que os Estatutos da Universidade de Salamanca (1561) determinassem que o curso de Matemática deveria abranger Euclides, Ptolomeu ou Copérnico, a critério dos alunos, Copérnico quase nunca foi escolhido (Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 127).

¹²⁴ Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 149.

¹²⁵ Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 155. Ver: p. 147ss.

¹²⁶ Ver por exemplo: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 124-126.

¹²⁷ Elisabeth L. Eisenstein, *A Revolução da Cultura Impressa: Os primórdios da Europa Moderna*, São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 252.

“Embora os teólogos, tanto protestantes como católicos, tenham adotado uma posição muito próxima (tanto uns como outros atribuíam uma condição hipotética e provisória às teorias geocinéticas e negaram que o movimento da Terra pudesse constituir algo mais que uma ficção útil), os astrônomos editores protestantes não se sentiram impedidos de rejeitar aquela posição, o que constitui um nítido contraste com a atitude católica, depois que o papa condenou a teoria de Copérnico, em 1616.

“Já antes mesmo da condenação de 1616, e mesmo após os vários pronunciamentos de Lutero e Melancton, os editores católicos faziam menos que os protestantes para promover a causa copernicana”.¹²⁸

Quanto à teoria de Copérnico, Hooykaas (1906-1994) admite que avaliando-a pelos seus próprios méritos “a opção mais sensata àquela época seria considerar a hipótese do movimento da Terra não como um dogma científico, mas tão-somente uma teoria muito provável (como o fizeram Beeckman e Pascal)”.¹²⁹

5) A Moderna Ciência Moderna:

Ao que parece com a Revolução Industrial, a ciência tornou-se cada vez mais "materialista", passando a estar preocupada com as necessidades aparentemente emergentes, distanciando-se da concepção de Deus, que soava para alguns como um estorvo no caminho do verdadeiro pensar.

A "moderna ciência moderna" seguindo esta linha de raciocínio, considerou Deus desnecessário; "Deus não pertence ao campo da explicação científica e portanto, na ciência como tal, essa hipótese não conta", conforme observou Richardson.¹³⁰ O irônico disso tudo, como assinala Hendrik van Riessen (1911-2000), é que a "toda-poderosa" ciência que não tinha lugar para Deus, também não encontrou lugar para o próprio homem.¹³¹ Bavinck (1854-1921) comenta: “...a filosofia, que depois de um período de decadência entra em período de fortalecimento, sempre cria uma expectativa extraordinária e exagerada. Nessas épocas ela vive a esperança de que através de uma séria investigação ela resolverá o enigma do mundo. Mas sempre depois dessa fervente expectativa chega a velha desilusão. Em vez de diminuir, os problemas aumentam com os estudos. O que parece estar resolvido vem a ser um novo mistério, e o fim de todo o conhecimento é então novamente a triste e às vezes deses-

¹²⁸ Elisabeth L. Eisenstein, *A Revolução da Cultura Impressa: Os primórdios da Europa Moderna*, p. 252-253.

¹²⁹ Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 174.

¹³⁰ Alan Richardson, *La Biblia En La Edad de la Ciencia*, p. 32.

¹³¹ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 17. No século XX, homens da estatura de Martin Heidegger (1899-1976) e C.G. Jung (1875-1961), entre outros, atestam a ignorância contemporânea do que seja o homem. (Vd. Hermisten M. P. Costa, *Antropologia Teológica: Uma Visão Bíblica do Homem*, São Paulo, 1999, p. 5).

peradora confissão de que o homem caminha sobre a terra em meio a enigmas, e que a vida e o destino são um mistério".¹³²

I. Kant (1724-1804) – de quem voltaremos a falar –, ilustrou bem o espírito "pós-moderno" na sua famosa definição de Iluminismo. Em 1784, num artigo para uma revista, Kant se perguntou: "O Que é o Iluminismo?". Ele respondeu:

"O Iluminismo é a emancipação de uma menoridade que só aos homens se devia. Menoridade é a incapacidade de se servir do seu próprio intelecto sem a orientação de um outro. Só a eles próprios se deve tal menoridade se a causa dela não for um defeito do intelecto mas a falta de decisão e de coragem de se servir dele sem guia. 'Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio intelecto!' é o lema do Iluminismo".¹³³

Mais tarde, em 1793, Kant escreveria um livro, que caracterizaria bem o pensamento iluminista, *A Religião dentro dos Limites da Simples Razão*.¹³⁴

Essa "maioridade" foi saudada jubilosamente por Nietzsche (1844-1900), que em 1882 escreveu:

"O mais importante dos eventos mais recentes – que 'Deus morreu', que a crença no Deus cristão se tornou indigna de crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa... Na realidade, nós, os filósofos e 'espíritos livres' sentimos-nos irradiados como por uma nova aurora pelo relatório de que o 'velho Deus está morto'; nossos corações transbordam de gratidão, de assombro, de pressentimento e de expectativa. Finalmente, parece que o horizonte está aberto de novo, ainda que reconheçamos que não está brilhante; nossos navios podem finalmente sair para o mar aberto, enfrentando todo o perigo; todo risco é permitido outra vez para quem tiver discernimento; o mar, o nosso mar, mais uma vez fica aberto diante de nós, talvez nunca existisse antes semelhante 'mar aberto'".¹³⁵

Zilles comenta:

"A partir da morte de Deus tudo é reavaliado. A terra ocupa lugar de deus. Convencendo-se de que Deus morreu, o homem se abre livremente para suas possibilidades. No lugar do Deus cristão e do reino das idéias

¹³² Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 20.

¹³³ E. Kant, *Que es la Ilustracion?*. In: E. Kant, *Filosofía de la Historia*, 3ª reimpresión, México: Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 25.

¹³⁴ Edição brasileira. I. Kant, *A Religião Dentro dos Limites da Simples Razão*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXV), 1974, p. 367-389.

¹³⁵ Friedrich Nietzsche, *The Joyful Wisdom*, p. 275, *Apud* Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 94. Vd. Hermisten M.P. Costa, *Deus em Nietzsche*, São Paulo: 1996, 12p.

platônicas põe a terra. Após a morte de Deus, o homem fala para o homem, invocando sua possibilidade suprema: o super-homem".¹³⁶

O homem moderno na sua pretensa auto-suficiência propõe-se a controlar todas as coisas; e, quando ele considera o seu mundo perfeitamente elaborado dentro dos moldes daquilo que ele chama de "ciência", já não há mais lugar para Deus; quando muito, este é retido em algum lugar sombrio da memória. Assim, Deus torna-se uma "hipótese desnecessária",¹³⁷ e até mesmo incômoda. O homem, esse desconhecido para si mesmo, arroga-se no direito e na possibilidade de descartar o Senhor da Glória, assumindo uma postura secular autônoma.¹³⁸ E como consequência disso, tornou-se escravo do seu próprio saber, tendo uma perspectiva equivocada da realidade, ficando encarcerado pelos próprios valores deste século, que ele consciente ou inconscientemente – mas não impunemente –, ajudou a formular. O homem tornou-se prisioneiro da sua própria concepção da realidade; o seu conceito o aprisiona, não o real.

Não nos cabe adentrar à "moderna ciência moderna", todavia, a observação de Pierre Teilhard de Chardin, parece-nos oportuna na conclusão deste tópico. Em 27 de fevereiro de 1921, numa conferência em Paris, ele disse: "A Ciência, sozinha, não pode descobrir a Cristo – mas o Cristo sacia os anseios que nascem em nosso coração na escola da Ciência".¹³⁹

Aqui, no entanto, vai uma advertência de Kuyper (1837-1920) especialmente a nós, Reformados:

"Se nos consolamos com o pensamento de que podemos sem perigo deixar a ciência secular nas mãos de nossos oponentes, se somos bem-sucedidos apenas em salvar a Teologia, nossas táticas serão as do avestruz. É realmente insensato limitar-se à salvação de seu quarto superior, enquanto o resto da casa está em chamas".¹⁴⁰

Acreditamos na coerência de toda a realidade, considerando inclusive o pecado humano conforme registrado nas Escrituras; por isso, a ciência genuína nunca

¹³⁶ Urbano Zilles, *Filosofia da Religião*, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 171.

¹³⁷ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 42ss. "Sempre que a ciência, motivada por suas pressuposições, dê a solução definitiva e determinada, não terá lugar para Deus. Não há lugar para a oração, nem para a graça divina, nem para a bênção de Deus. Se uma sociedade planificada é cientificamente correta, já não necessita de Deus. Cada passo que se dá nessa direção, faz o mundo mais profano e o distancia ainda mais de Deus" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 43).

¹³⁸ Harold O.J. Brown captou bem a polarização da mente moderna ao dizer que: "A mente secular do século XX vacila entre dois extremos, sendo que os dois resultam na rejeição do Criador e na negação da criação" (Harold O.J. Brown, *A Opção Conservadora*. In: Stanley Gundry, ed. *Teologia Contemporânea*, São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 367).

¹³⁹ Pierre Teilhard de Chardin, *Ciência e Cristo*, Petrópolis, RJ.: Vozes, 1974, p. 43. Não deixa de ser notável a tentativa feita no final deste século de se conseguir um diálogo produtivo entre a ciência e a filosofia, partindo do pressuposto teológico da existência de Deus. Neste sentido, veja-se: Jean Guilton, Grichka Bogdanov & Igor Bogdanov, *Deus e a Ciência, em direção ao metarrealismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, 158p.

¹⁴⁰ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 145.

nos afastará de Deus, antes ela só encontrará o seu sentido pleno nAquele que é o Seu Senhor e para onde todo o real converge e encontra o seu verdadeiro significado. Aliás, como bem acentuou Bavinck (1854-1921): “Qualquer ciência, filosofia ou conhecimento que suponha poder firmar-se em suas próprias pressuposições, deixando Deus de fora de suas considerações, transforma-se em seu próprio opositor e desilude a todos que constroem suas expectativas nisto”.¹⁴¹

Portanto, nós não temos medo dos fatos,¹⁴² porque sabemos que os fatos são de Deus; nem temos medo de pensar porque sabemos que toda verdade é verdade de Deus e, a razão corretamente conduzida e o exercício da genuína ciência, não oferecem perigo à fé, antes, são suas aliadas.¹⁴³ Contudo, devemos estar atentos ao fato de que as Escrituras não se propõem a fazer ciência; o próprio Calvino (1509-1564) destacou isso quando comentando, Gênesis 1.14, disse: “É necessário lembrar, que Moisés não fala com agudez filosófica sobre os mistérios ocultos, porém relata aquelas coisas que em toda parte observou, e que igualmente são comuns aos homens simples”.¹⁴⁴ Ou seja, Moisés, inspirado por Deus, escreveu do ponto de vista fenomenológico, sem a preocupação – já que este não era o seu objetivo –, de registrar com terminologia científica os fatos.¹⁴⁵ Acrescentaríamos: Na hipótese de Moisés ter escrito conforme os padrões científicos de sua época – o que de fato não fez, sendo isso extremamente impressionante se considerarmos que ele teve uma formação primorosa dentro dos moldes egípcios e

¹⁴¹ Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, p. 20.

¹⁴² “Os cristãos não precisam temer os fatos, mas devem buscá-los até à última fonte” [Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 57].

¹⁴³ Vd. J.I. Packer, *“Fundamentalism” and the Word of God*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1988 (Reprinted), p. 34.

¹⁴⁴ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981 (Reprinted), Vol. I, (Gn 1.14), p. 84. Do mesmo modo, ver Gn 1.15, p. 85-86; John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin’s Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (Sl 137.7), p. 184-185. Curiosamente Tomás de Aquino (1225-1274) havia usado argumento semelhante ainda que com propósitos diferentes, referindo-se aos leitores de Moisés como “ignorantes”, daí a sua condescendência. Após tratar de Gn 1.6, acrescenta: “Deveríamos antes considerar que Moisés estava a falar para gente ignorante, e que condescendendo à sua fraqueza só lhes apresentou coisas tais que fossem aparentes aos sentidos. Ora, mesmo os menos instruídos podem perceber pelos seus sentidos que a Terra e a água são corpóreos, embora não seja evidente para todos que o ar também é corpóreo. (...) Moisés, então, embora mencionasse expressamente a água e o ar, não faz qualquer menção explícita do ar pelo nome, para evitar apresentar a pessoas ignorantes algo que estava para além do seu conhecimento” (Thomas Aquino, “Summa Theologica,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000), Vol. 1, Primeira Parte, Questão 68, Argumento 3, p. 819. Ver no mesmo volume: Questão 61, p. 724 e Questão 66, p. 791-792 (Ver também: Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, Vol VIII, p. 680).

¹⁴⁵ “... Teria sido perda de tempo para Davi haver ensinado os segredos da astronomia ao rude e iletrado; e, portanto, ele reputou por suficiente falar num estilo familiar, para que pudesse acusar o mundo inteiro de ingratidão caso, ante a visão do sol, não aprendesse o temor e o conhecimento de Deus. (...) Ele não discorre aqui em termos científicos (como entre os filósofos se diz que ele o fez) concernente à completa evolução que o sol executa; mas, acomodando-se aos rudes e mais obtusos, ele se limita às aparências ordinárias que se apresentam aos olhos...” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 19.4-6), p. 420-421].

conseguiu romper com ela –, certamente o que dissesse seria ridicularizado hoje por ser considerado fruto de uma concepção pré-científica. Por outro lado, se redigisse o relato da Criação de forma científica absoluta, que certamente não era a dos egípcios e, também, não é a nossa, pergunto: entenderíamos hoje o que ele teria dito? A resposta é não; as Escrituras continuariam sendo ridicularizadas, nesse caso, simplesmente pela nossa ignorância científica. A linguagem descritiva dos fatos conforme se apresentam à nossa percepção, é o melhor modo de tornar algo compreensível a todas as épocas; assim, Deus Se designou fazer e O fez.

Charles Hodge (1797-1878), um dos grandes teólogos Calvinistas norte-americanos do século XIX, escreveu:

"Ele [Deus] não ensinou astronomia ou química aos homens, porém Ele deu-lhes os fatos externos sobre os quais aquelas ciências são construídas. Tampouco ensinou-nos teologia sistemática, porém Ele deu-nos na Bíblia as verdades que, propriamente compreendidas e organizadas, constituem a ciência da Teologia".¹⁴⁶

Dentro da perspectiva de Calvino, por exemplo, a ciência dirigida pela fé, nos aproximaria de Deus, concedendo-nos uma compreensão mais adequada Dele.¹⁴⁷

5. O RACIOCÍNIO:

"Inferir uma proposição de uma ou mais proposições precedentes, crer ou pretender crer que se creia nela como conclusão de qualquer outra coisa, significa raciocinar no mais extenso sentido do termo" – J. Stuart Mill, *Logic*, II.1.1. *Apud* Raciocínio: In: N. Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 789.

"A despeito de todos os esforços do irracionalismo moderno, a definição do homem como *animal rationale* não perdeu sua força. A racionalidade, com efeito, é uma característica inerente a todas as atividades humanas" – Ernst

¹⁴⁶ Charles Hodge, *Systematic Theology*, Grand Rapids, Michigan: Wm. Eerdmans Publishing Co. 1986, Vol. I, p. 3. Do mesmo modo Calvino escrevera: "O Espírito Santo não teve intenção de ensinar astronomia; e, com o propósito de instruir procurou ser comum às pessoas mais simples e iletradas. Ele fez uso de Moisés e de outros Profetas que empregaram uma linguagem popular, de tal modo que ninguém poderia se abrigar sob o pretexto de obscuridade, como nós às vezes vemos muito prontamente homens fingindo uma incapacidade para entender, quando qualquer coisa profunda ou misteriosa é submetida à sua consideração" [John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin's Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (SI 137.7), p. 184-185].

¹⁴⁷ Ver: João Calvino, *As Institutas*, I.5.2. Ver também: André Bléler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, p. 571-573.

Cassirer, *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 50-51.

“Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma cousa com outra para a respeito delas formar o seu juízo; juízo que ainda procuro, e não o achei...” – Salomão, *Eclesiastes*, 7.27,28.

5.1. Definição:

"A Lógica é frequentemente chamada a arte do raciocínio...".¹⁴⁸ A Metodologia da Pesquisa é de certo modo, a Lógica aplicada. O raciocínio é a terceira operação do pensamento, pela qual o espírito, de duas ou mais relações conhecidas conclui uma outra que desta decorre logicamente. Esta atividade é um apanágio do homem como ser finito e limitado – que não dispõe do conhecimento imediato –, precisando aprender por meio das correlações, passando gradativa e penosamente do conhecido ao desconhecido.

Como as relações se exprimem por juízos, podemos dizer que raciocinar é encaixar juízos com o fim de concluir lógica e necessariamente.

Aristóteles (384-322 a.C.) assim se expressou: "O raciocínio é um argumento em que, estabelecidas certas coisas, outras diferentes se deduzem necessariamente das primeiras".¹⁴⁹

O raciocínio é então uma passagem do conhecido para o desconhecido,¹⁵⁰ tendo como elemento fundamental o princípio da "razão suficiente".¹⁵¹ Portanto, o fundamental do raciocínio não é a justaposição de juízos, mas, sim, a sua passagem do sabido ao ignorado, estabelecendo relações coerentes. A expressão verbal do raciocínio é o *argumento* e este, é o que de alguma forma persuade a mente, criando "fé" em algo.¹⁵² Portanto, o argumento é o que se propõe a provar ou refutar determinada proposição.¹⁵³ Não deixa de ser relevante o fato de que na perspectiva de cada

¹⁴⁸ John Stuart Mill, *Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva*, São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, XXXIV), p. 79.

¹⁴⁹ Aristóteles, *Tópicos*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, IV), I.1. 100 a 25. p. 11.

¹⁵⁰ "Ato do espírito pelo qual de verdades conhecidas se chega ao conhecimento de outras desconhecidas" (Ernesto Dann Obregón, Santa Fé: Libreria y Editorial Castellví, [1951], p. 170).

¹⁵¹ Este princípio diz que todas as coisas devem ter uma razão suficiente pela qual são o que são e não são outra coisa. Há conhecimentos aos quais damos crédito devido às razões de que são acompanhados e que são tidos como suficientes para garantirem autenticidade.

¹⁵² Em lógica, seguindo o uso de G. Frege (1891), o Argumento é "o que preenche o espaço vazio de uma função ou aquilo a que uma função deve aplicar-se para que tenha um valor determinado" (Argumento: In: Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 75).

¹⁵³ Vd. Argumentação: In: A. Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 86a.

autor, o argumento identifica-se com a prova: o meu argumento por ser “convincente” em si mesmo, torna-se para mim em prova irrefutável.

5.2. Classificação dos Raciocínios:

O raciocínio pode ser classificado de duas maneiras principais, a saber:¹⁵⁴

5.2.1. RACIOCÍNIO DEDUTIVO:

É aquele que parte de um antecedente geral chegando a uma conclusão particular. A conclusão sempre será menos geral do que o primeiro juízo enunciado. Por exemplo:

Toda matéria ocupa um lugar no espaço.
Este livro é matéria.
Logo, este livro ocupa um lugar no espaço.

Notemos que o antecedente, “toda matéria ocupa um lugar no espaço”, enuncia uma verdade mais geral que a conclusão: “Este livro ocupa um lugar no espaço”.

A expressão principal deste raciocínio é o silogismo.

5.2.2. RACIOCÍNIO INDUTIVO:

É aquele que parte de antecedentes particulares e chega a uma conclusão geral; é a “passagem dos individuais aos universais”.¹⁵⁵ Por exemplo:

Os animais vertebrados se nutrem.
Os animais invertebrados se nutrem.
Logo, todos os animais se nutrem.

Notemos que os antecedentes, “os animais vertebrados se nutrem” e “os animais invertebrados se nutrem”, enunciam uma verdade menos geral que a conclusão: “todos os animais se nutrem”.

¹⁵⁴ Aristóteles (384-322 a.C.) escreveu: “[A] indução, é a passagem dos individuais aos universais, por exemplo, o argumento seguinte: supondo-se que o piloto adestrado seja o mais eficiente, e da mesma forma o auriga adestrado, segue-se que, de um modo geral, o homem adestrado é o melhor na sua profissão, A indução é, dos dois, a mais convincente e mais clara; aprende-se mais facilmente pelo uso dos sentidos e é aplicável à grande massa dos homens em geral, embora o raciocínio seja mais potente e eficaz contra as pessoas inclinadas a contradizer” (*Tópicos*, I.12. 100 a 10-15. p. 20. Veja-se, também: *Ibidem.*, VIII.1.156a.5. p. 140).

¹⁵⁵ Aristóteles, *Tópicos*, I.12. 105 a 10. p. 20.

Ligado à indução está o hábito mental de generalizar. A indução parece se basear no mecanismo dos reflexos condicionados. Quando se vê “A” que sempre vem seguido de “B”, basta aparecer “A” para se esperar “B”.

Aristóteles (384-322 a.C.) distinguia dois tipos de indução: a *Amplificante* e a *In-completa*.

5.2.2.1. Amplificante ou Completa:

Chama-se amplificante quando se tem conhecimento de todos os casos particulares. Nesta modalidade, não há uma marcha do conhecido para o desconhecido, antes é uma generalização que reúne as partes conhecidas formando um todo conceptual. Ela nada mais é do que uma enumeração dos casos particulares, não propiciando conhecimentos novos. Exemplo: Depois de vivenciar um semestre nesta Escola com muitas dificuldades e conquistas, posso dizer: Este semestre foi difícil, mas vitorioso para mim...

5.2.2.2. Incompleta ou Baconiana:

A verdadeira indução empregada pela Ciência é incompleta. Baseados em alguns casos particulares – na enumeração incompleta dos indivíduos de uma espécie –, concluímos para todos os elementos da classe. A formação deste raciocínio é mais ou menos como se segue: “Conheço vários ‘A’ que são ‘B’. Há vários ‘A’ que não conheço, mas deles afirmo que são também ‘B’, baseando-me na crença de que a natureza age sempre da mesma forma”.

Concluindo, podemos dizer que a indução é uma inferência¹⁵⁶ cuja verdade é sempre verdade provável. A probabilidade desta verdade tende para a certeza como a um limite e muitas vezes se identifica com ela. Assim, a probabilidade de uma generalização aumenta com “n” exemplos que a confirme e, desaparece totalmente quando surge um único exemplo que a contradiga.

Já o raciocínio dedutivo, partindo de verdades gerais, tende a chegar a conclusões seguramente corretas, isto é, porque, a conclusão está implícita no antecedente, o que não acontece no raciocínio indutivo. Todavia, a ciência como tal necessitará sempre da indução, ainda que haja em suas conclusões a possibilidade constante de estar equivocada justamente por não prever todas as particularidades.

5.3. Pontos em Comum:

No entanto, o raciocínio dedutivo e indutivo tem alguns pontos em comum, que devem ser mencionados:

- 1) Ambos são discursivos, propondo-se a passar de uma verdade a outra;

¹⁵⁶ Inferir significa passar de uma proposição conhecida, tida como verdadeira ou verdadeiramente falsa, para outra que pelo menos intelectualmente se segue de modo necessário ou verossímil.

- 2) Ambos caminham do conhecido ao desconhecido;
- 3) Ambos necessitam de um princípio fundamental no qual se alicercem para que possam iniciar a sua caminhada;

A diferença entre eles está na caminhada ascendente da indução e na descendente da dedução, no entanto ambos se completam em sua abordagem e são úteis em nossa busca da verdade.

II – A METODOLOGIA APLICADA:

1. DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA:¹⁵⁷

"É evidente que terá de dar as melhores e mais límpidas provas de sua competência, com relação aos nomes primitivos, quem quer que se apresente como perito na matéria, ou ficará ciente de que tudo o que disser dos derivados não passa de palavreado sem sentido" – Platão (427-347 a.C.), *Crátilo*, Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, 426a-b.

Os nomes são em geral designações que pouco ou nada têm a ver com a essência do ser. Os nomes seguem normalmente a regra das convenções,¹⁵⁸ por isso que, as definições etimológicas – ainda que geralmente valiosas –, são precárias para o intento de atingir a essência da idéia ou do juízo enunciado.¹⁵⁹ Portanto, a conclusão de Sócrates (469-399 a.C.), diante da relutância de Crátilo, parece-nos pertinente: "Baste-nos termos chegado à conclusão de que não é por meio de seus nomes que devemos procurar conhecer ou estudar as coisas, mas, de preferência, por meio delas próprias".¹⁶⁰

Acrescento a isso o fato de não poucas vezes permanecermos longo tempo discutindo assuntos que concebemos em comum; contudo damos nomes diferentes... Como ponto de partida, admitamos que: as definições são necessárias¹⁶¹ e, que podemos começar a nossa caminhada pelo nome.

Como sabemos, a palavra *teologia* não aparece nas Escrituras, ela é o resultado da junção de dois termos gregos: "θεός" = "Deus" e "Λόγος" = "Estudo", "tratado",

¹⁵⁷ Este assunto está mais amplamente desenvolvido em Hermisten M.P. Costa, *Teologia Sistemática: Prolegômena*.

¹⁵⁸ Vd. Platão, *Crátilo*, Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, especialmente, 435bss.

¹⁵⁹ Quanto à questão do sentimento por trás das palavras, que dificulta ainda mais a compreensão do seu sentido primário, Vd. Hermisten M.P. Costa, *Introdução à Filosofia (II/1)* (Anotações de aula), p. 1-2. É muito sugestiva e esclarecedora a introdução do livro de J.I. Packer, *Vocábulo de Deus*, p. 5-13.

¹⁶⁰ Platão, *Crátilo*, 439b.

¹⁶¹ Condillac (1715-1780) observou que: "A necessidade de definir é apenas a necessidade de ver as coisas sobre as quais se quer raciocinar e, se fosse possível ver sem definir, as definições se tornariam inúteis" [Condillac, *Lógica ou Os Primeiros Desenvolvimentos da Arte de Pensar*, p. 121].

"discurso".¹⁶² A origem de "θεός" é incerta;¹⁶³ "a única coisa que está certa é que originalmente foi um título".¹⁶⁴ Alguns supõem que ela veio do sânscrito "div", dar "luz"; outros de uma raiz indo-européia "deiwos", "o luminoso", o "celeste", em oposição à natureza terrena do homem (*homo*, de *humus*, "a terra").¹⁶⁵ Outros ainda a derivam de "thes", "implorar", sendo "θεός", "Aquele a quem se faz oração".¹⁶⁶ A palavra "teologia" é usada e comentada primariamente por Platão (427-347 a.C.)¹⁶⁷ com o sentido de história dos mitos e lendas dos deuses contadas pelos poetas, a qual deveria ser analisada criticamente e purgada dos inconvenientes, conforme o padrão pedagógico adotado.¹⁶⁸ Na Grécia antiga, "teologia" e "teólogo" passaram por diversas mutações; os poetas foram os primeiros a se intitularem "teólogos",¹⁶⁹ e a teologia referia-se às discussões filosóficas a respeito dos deuses e do mundo: teogonias e cosmogonias. Devemos lembrar que mesmo havendo uma hierarquia entre os deuses gregos ("Cronos" = "tempo" e depois "Zeus" = "Céu brilhante"¹⁷⁰), θεός não denotava uma unidade monoteísta mas sim, a concepção conexas e integrada de vários deuses; a totalidade das divindades.¹⁷¹

No final do segundo século, Clemente de Alexandria (c. 150-c. 215) escreveu estabelecendo um contraste entre a *theologia* e a *mythologia*, compreendendo por a-

¹⁶² Mesmo a palavra não sendo empregada nas Escrituras, os termos que a compõem ocorrem. Vejam-se: Lc 8.21; Rm 3.2; 1Pe 4.11.

¹⁶³ Cf. Kleinknecht, θεός: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. III, p. 67; J. Schneider, Θεός: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. I, p. 636.

¹⁶⁴ J. Schneider, Θεός: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. I, p. 636.

¹⁶⁵ Cf. Jean-Claude Schmitt, Deus: In: Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt, coords. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru, SP/São Paulo: SP.: Editora da Universidade Sagrado Coração/Imprensa Oficial do Estado, 2002, Vol. 1, p. 301.

¹⁶⁶ Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, Lisboa: Barata Sanches, 1895, p. 18.

¹⁶⁷ Platão, *A República*, 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1993), 379a. p. 91.

¹⁶⁸ Platão, *A República*, 378b-e; Platão, *As Leis*, Bauru, SP.: EDIPRO, 1999, X, p. 401-402. Vd. H. Fries, Teologia: In: H. Fries, ed. *Dicionário de Teologia*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1987, Vol. 5, p. 297. Vd. também, Teologia: In: F.E. Peters, *Termos Filosóficos Gregos: Um léxico histórico*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1983), p. 228.

¹⁶⁹ "Também houve, nessa época, poetas que se diziam teólogos, por comporem versos em honra aos deuses" [Agostinho, *A Cidade de Deus*, 2ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1990 (Vol. 2), XVIII.14]. Ver: Carl E. Braaten, Prolegômenos à dogmática cristã: In: *Dogmática Cristã*, São Leopoldo, RS.: Sinodal, Vol. I, 1990, Vol. I, p. 32.

¹⁷⁰ Platão (427-347 a.C.), assim descreve Zeus: "Zeus, o grande condutor do céu, anda no seu carro alado a dar ordens e cuida de tudo. O exército dos deuses [Θεῶν] e dos demônios [δαιμόνιον] segue-o, distribuído em onze tribos" (Platão, *Fedro*, 246e-247). Homero, considerava Zeus um deus extremamente poderoso, sendo o "pai dos deuses e dos homens" e, mais forte do que todos os outros deuses juntos (Homero, *A Ilíada*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), VIII, p. 133ss).

¹⁷¹ Cf. Kleinknecht, θεός: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. III, p. 67.

quela a verdade cristã a respeito de Deus, superior, portanto, às estórias espúrias da mitologia pagã.¹⁷²

A palavra *teologia* parece ter sido incorporada à linguagem cristã – desvinculando-se totalmente de sua associação pagã¹⁷³ – nos séculos IV e V, referindo-se à genuína compreensão da Escritura Sagrada.¹⁷⁴ Contudo, o emprego estava restrito à pessoa de Deus, ou seja, ao conhecimento a respeito de Deus, não a um corpo de doutrina.¹⁷⁵ A partir de Abelardo (1079-1142) é que a palavra passou a designar um corpo de doutrina, por isso o nome de sua obra, *Theologia Christiana*.¹⁷⁶

No século XIII, entretanto, a Universidade de Paris começou a usar com ênfase a palavra *teologia* “para se referir à discussão sistemática das convicções cristãs em geral, e não de crenças acerca de Deus”.¹⁷⁷

O Evangelista João foi cognominado pelos Pais da Igreja de “o teólogo”, porque ele tratou mais detalhadamente do “relacionamento interno das pessoas da Trindade”.¹⁷⁸ Posteriormente, este mesmo título seria dado a Gregório de Nazianzo (c. 330-389), especialmente devido à sua defesa da divindade de Cristo (distinção homologada em Calcedônia, 451).¹⁷⁹ Durante a Reforma, Melanchthon denominaria com grande ênfase a Calvino de “o teólogo”.¹⁸⁰

Restringindo-se à sua etimologia, a disciplina “teologia” normalmente é definida como a “Ciência que trata de Deus”,¹⁸¹ “Ciência de Deus”, “Um discurso concernente a Deus”, “Pensamento ou raciocínio sobre Deus.”

¹⁷² Cf. Alister E. McGrath, *Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*, São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 15.

¹⁷³ Cf. Jean-Yves Lacoste, Teologia: In: Jean-Yves Lacoste, dir. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1707.

¹⁷⁴ Veja-se por exemplo a forma empregada por Eusebio de Cesarea, *Historia Ecclesiastica*, Madrid: La Editorial Católica, S.A., (Biblioteca de Autores Cristãos), 1973, I.2.3; II, prólogo 1; III.24.13.

¹⁷⁵ Cf. Alister E. McGrath, *Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*, p. 15-16.

¹⁷⁶ Cf. A.H. Strong, *Systematic Theology*, 35ª ed. Valley Forge, PA.: The Judson Press, 1993, p. 1. Ver também: Alister E. McGrath, *Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*, p. 16.

¹⁷⁷ Alister E. McGrath, *Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*, p. 16-17.

¹⁷⁸ A.H. Strong, *Systematic Theology*, p. 1.

¹⁷⁹ Cf. A.H. Strong, *Systematic Theology*, p. 1; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 261; W.C. Weinrich, Gregório de Nazianzo: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1990, Vol. II, p. 226; C. Folch Gomes, *Antologia dos Santos Padres*, 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 245; Gregório Nazianzeno: In: R.N. Champlin & J.M. Bentes, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, São Paulo: Candeia, 1991, Vol. II, p. 979.

¹⁸⁰ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 260; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (1931), Vol. I, p. 446; Thea B. Van Halsema, *João Calvino era Assim*, São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, p. 112, 117.

¹⁸¹ Louis Berkhof (1873-1957) diz que em geral os teólogos Reformados conceberam esta definição (L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 30).

Agostinho (354-430), seguindo este caminho, a define como sendo, "razão ou discurso sobre a divindade".¹⁸²

Mesmo permanecendo no sentido etimológico, a concepção não é unívoca; isto porque podemos conceber a "teologia" como Deus falando de Si mesmo (o conhecimento que Deus tem de Si mesmo) ou o homem falando de Deus (o conhecimento que temos a respeito de Deus); ambas as interpretações são possíveis.¹⁸³

Se ao longo da História o conteúdo da "Teologia" recebeu diversos designativos, o mesmo pode-se dizer a respeito de sua definição. Uma conceituação muito comum, é a de que a Teologia é a "Ciência da religião".¹⁸⁴ Esta definição além de ser muito genérica, carece de uma conceituação do que significa "religião"; se ela está sendo considerada "subjetivamente" (a soma total das manifestações religiosas) ou "objetivamente" (as obrigações do homem conforme às prescrições divinas). Seja qual for o caminho que tomemos nesta questão, teremos dificuldade em conceituar "teologia".

Pessoalmente entendo a Teologia como o estudo sistemático da Revelação Especial de Deus conforme registrada nas Escrituras Sagradas tendo como fim último o glorificar a Deus por meio do Seu conhecimento e obediência à Sua Palavra.¹⁸⁵ (trataremos desse assunto com mais detalhes mais à frente).

¹⁸² Agostinho, *A Cidade de Deus*, (Vol. 1), VIII.1. p. 301. Quanto à distinção feita entre os três "gêneros" de "teologia" pagã, que distingue-se da verdadeira teologia – "theologia fabulosa" (mitologia), que sobrevive no teatro por meio dos poetas; "theologia naturalis", dos filósofos e "theologia civilis" (teologia civil), sustentada oficialmente pelos cidadãos –, Vejam-se: *Ibidem.*, VI.5ss.

¹⁸³ Cf. Abraham Kuyper, *Principles of Sacred Theology*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980 (reprinted), p. 230-231.

¹⁸⁴ Vejam-se por exemplo: Geerhardus Vos, *Biblical Theology: Old and New Testament*, Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Co., 1985 (reprinted), p. 3; Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: Or Dictionary of Biblical, Historical, Doutrinal, and Practical Theology*, Chicago: Funk & Wagnalls, Publishers, (revised edition), 1887, Vol. 3, p. 2344; A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 5.

¹⁸⁵ "O alvo final da reflexão teológica é que Deus seja glorificado na vida dos que crêem, pela maneira em que vivem e por aquilo que fazem" (Stanley J. Grenz & Roger E. Olson, *Quem Precisa de Teologia? Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano*, p. 54).

II – A Metodologia Aplicada:

2. OS PRINCÍPIOS EM GERAL:

2.1. Definição de *Principium*:

“Uma ciência difere de uma outra ciência por descobrir as coisas de maneira diversa” – R.G. Collingwood, *A Idéia de História*, Lisboa: Editorial Presença, (s.d.), p. 21.

A palavra “*principium*”, que é usada extensamente na ciência e na filosofia, é uma tradução latina do vocábulo grego ἀρχή (= “princípio”, “começo”, “causa”), que desde o poeta épico Homero (c. IX séc. a.C.) passou a ser “um termo importante na filosofia grega”.¹⁸⁶

A palavra portuguesa “princípio” provém do latim “*principium*” e, corresponde, em significado ao ἀρχή grego, quando denota uma fonte ou causa do onde procede uma coisa.¹⁸⁷

Anaximandro (610-547 a.C.), parece ter sido o “primeiro a introduzir o termo princípio”¹⁸⁸ para explicar o início de todas as coisas, qualificando-o de “*Ápeiron*” (ἄπειρον = “sem fim”, “ilimitado”, “indeterminado”, “indefinido”). O princípio (ἀρχή) de todas as coisas é o “*Ápeiron*” (ἄπειρον = “sem fim”, “ilimitado”, “indeterminado”, “indefinido”).¹⁸⁹ Neste caso, o ἄπειρον seria basicamente o “princípio de realidade”.¹⁹⁰

¹⁸⁶D. Müller, Começo: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. I, p. 446. Vejam-se: Gerhard Delling, ἀρχή, etc.: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1982, Vol. I, p. 479-480; F.E. Peters, *Termos Filosóficos Gregos: Um léxico histórico*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1983), p. 36-38.

¹⁸⁷Condillac resume, dizendo: “*Princípio* é sinônimo de começo e é com este sentido que foi empregado desde o primeiro instante: mas, sem seguida, pela força do hábito, se serviu dela maquinalmente, sem ligar idéias, e se tiveram princípios que não são o começo de nada” (Étienne B. de Condillac, *Lógica ou os Primeiros Desenvolvimentos da Arte de Pensar*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, XXVII), II.6. p. 121).

¹⁸⁸Simplício, *Física*, 24.13. In: Victor Civita, ed. *Os Pré-Socráticos*, São Paulo: Abril Cultural, 1973, (Os Pensadores, I), Vol. I, p. 21. G.S. Kirk & J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 103-104 e Werner Jaeger, *A Teologia de los Primeiros Filósofos Gregos*, México: Fondo de Cultura Económica, 1992, 31ss., discutem se este é o sentido correto do texto de Simplício interpretando Teofrasto (Cf. *Dox.*, 1).

¹⁸⁹*Dox.*, 1,2,6. Segundo Anaximandro, o ἄπειρον é ilimitado, eterno, indissolúvel e indestrutível (Fragm., 2,3; *Dox.*, 2,3). Ele dirige todas as coisas (*Dox.*, 2,3). É possível que Anaximandro tenha derivado o seu ἄπειρον do χάος de Hesíodo, quem atribuía ao χάος o início de tudo (Hesíodo, *Teogonia: A Origem dos Deuses*, São Paulo: Roswitha Kempf/Editores, 1986, 116ss. p. 132). Para Hesíodo, o χάος era espaço indefinido entre o céu e a terra. (Vd. Damião Berge, *O Logos Heraclítico: Introdução ao Estudo dos Fragmentos*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 139-140). Uma dis-

Anaximandro assinala um grande progresso em relação a Tales, pois, a sua resposta quanto à origem do universo é marcada por uma compreensão de que o elemento primordial, o "ἀρχή" de todas as coisas, não pode ser um elemento material determinado como o Ar, a Água, a Terra, o Fogo ou mesmo, a mistura de dois ou mais destes elementos. Todos eles são gerados, criados; logo, finitos. (Ver.: *Dox.*, 2). A sua filosofia, "é o primeiro ensaio ocidental de explicação do universo por derivação do infinito".¹⁹¹ Foi ele, escreve Jaeger, "o único de cuja concepção do mundo podemos obter uma representação exata".¹⁹² Em outro lugar, diz Jaeger: "Em Anaximandro encontramos o primeiro quadro unificado e universal do mundo, baseado em uma dedução e explicação natural de todos os fenômenos".¹⁹³

Ferrater Mora observa que a partir dos pré-socráticos, a palavra passou a ter dois significados principais: "princípio de todas as coisas" e "aquilo do qual derivamos todas as demais coisas".¹⁹⁴

Aliás, a preocupação dominante dos filósofos deste período, é concernente às questões cosmológicas. As suas atenções estão dirigidas preponderantemente para a origem, natureza e transformações do mundo exterior,¹⁹⁵ o qual é considerado

cussão mais completa sobre a visão de Heráclito, temos em G.S. Kirk & J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, p. 18ss.

O "Ápeiron" tem a possibilidade de se transformar em qualquer coisa. Abbagnano comenta:

"Embora não possa encontrar-se em Anaximandro o conceito de um espaço incorpóreo, a indeterminação do ápeiron, reduzindo-o à espacialidade, faz dele necessariamente um corpo determinado somente pela sua extensão. Ora esta extensão é infinita e como tal englobante e governante do todo. Estas determinações e sobretudo a primeira fazem do ápeiron uma realidade distinta do mundo e transcendente: aquilo que abraça está sempre fora e para além do que é abraçado, ainda que em relação com ele. O princípio que Anaximandro estabelece como substância originária merece pois o nome de 'divino'" [Nicola Abbagnano, *História da Filosofia*, 4ª ed. Lisboa: Editorial Presença, (1985), Vol. 1, § 9, p. 36. Da mesma forma, Jaeger, quando diz que: "Só um Deus pode 'governar' o todo" (W. Jaeger, *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, 2ª ed. São Paulo/Brasília, DF.: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1989, p. 138)].

¹⁹⁰ Cf. José Ferrater Mora, *Princípio: Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Edições Loyola, 2001, Vol. 3, p. 2371.

¹⁹¹ F. Klimke e E. Colomer, *Historia de la Filosofía*, p. 22. Vd. também, G.S. Kirk & J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, p 139; F. Nietzsche, *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, § 4, p. 42.

¹⁹² Werner Jaeger, *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, p. 136.

¹⁹³ Werner Jaeger, *A Teologia de los Primeiros Filósofos Gregos*, p. 29. (Ver: *Dox.*, 1,2,6).

¹⁹⁴ José F. Mora, *Diccionario de Filosofia Abreviado*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1970, p. 342.

¹⁹⁵ A própria palavra empregada, φύσις, adquire o sentido entre os Pré-Socráticos, de "verdadeira natureza das coisas" e "origem de todas as coisas" (Vd. Helmut Köster, φύσις: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. IX, p. 252 e 256). "No conceito grego de physis estavam, inseparáveis, as duas coisas: o problema da origem – que obriga o pensamento a ultrapassar os limites do que é dado na experiência sensorial – e a compreensão, por meio da investigação empírica (historiê) ['procurar', 'investigar'], do que deriva daquela origem e existe atualmente (tà ónta) ['a realidade']" (W. Jaeger, *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, 2ª ed. São Paulo/Brasília, DF.: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1989, p. 135. Vd. também, p. 132).

como tendo uma vitalidade própria.¹⁹⁶ Aqui a Filosofia grega é eminentemente Filosofia da Natureza, todavia, não se limita à Natureza, visto que quando os gregos "falavam da natureza, pensavam também no espírito, e no ser em geral. Eram, pois, mais metafísicos do que físicos".¹⁹⁷ De fato, eles não se limitavam à experiência sensível, antes, buscavam a "causa primeira" da realidade; contudo, apesar da busca do "imaterial", a verdade é que eles jamais alcançaram a concepção de "espírito".¹⁹⁸

Mesmo a Filosofia Pré-Socrática estando intensamente interessada pelo universo físico, ela não é um bloco monolítico, com uma única perspectiva e respostas semelhantes, antes era um pensamento vivo, com conclusões estupendas, que ampliava cada vez mais o leque de respostas para os fenômenos da natureza. Ernst Cassirer (1874-1945), resume bem isto ao dizer que, "A cosmologia predominava claramente sobre todos os ramos da investigação filosófica. Não obstante, o que caracterizava a profundidade e a amplitude do espírito grego é o fato de quase todo pensador grego representar, ao mesmo tempo, um novo **tipo** geral de pensamento. Além da filosofia física da Escola de Mileto, os pitagóricos descobriram uma filosofia matemática, enquanto os pensadores eleáticos são os primeiros a conceber o ideal de uma filosofia lógica. Heráclito encontra-se nas fronteiras entre o pensamento cosmológico e o antropológico".¹⁹⁹

Mais tarde Platão (427-347 a.C.), no *Fedro*, usa o mesmo termo indicando a idéia de movimento: "O início é algo que não se formou, sendo evidente que tudo que se forma, forma-se de um princípio. Este princípio de nada proveio, pois se proviesse de uma outra coisa, não seria princípio".²⁰⁰

Aristóteles (384-322 a.C.) definiu "princípio", como sendo "o que não contém em si mesmo o que quer que siga necessariamente outra coisa, e que, pelo contrário, tem depois de si algo com que está ou estará necessariamente unido".²⁰¹

¹⁹⁶ R.G. Collingwood, diz que para os gregos, a ciência natural, "baseava-se no princípio de que o mundo da natureza está saturado ou penetrado pela mente, pelo entendimento. (...) Encaravam o mundo da natureza como um mundo de corpos em movimento. Os movimentos em si mesmos (...) eram devidos à vitalidade, ou 'alma'; mas, achavam eles, o movimento em si mesmo é uma coisa e a ordem outra. (...) O mundo da natureza era não só vivo como inteligente; não só um vasto animal dotado de 'alma', ou vida própria, mas também animal racional, com 'mente' própria" [R.G. Collingwood, *Ciência e Filosofia*, 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, (1986), 9-10].

¹⁹⁷ Johannes Hirschberger, *História da Filosofia na Antiguidade*, 2ª ed. São Paulo: Herder, 1969, p. 29; A afirmação de Hirschberger é inspirada entre outros, em Jaeger. Vejam-se: Werner Jaeger, *Paidéia*, p. 135; Werner Jaeger, *A Teologia de los Primeiros Filósofos Gregos*, p. 27)..

¹⁹⁸ Vd. Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofía I: Grécia y Roma*, 3ª ed. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1971, (Biblioteca de Autores Cristianos), p. 139.

¹⁹⁹ Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 19.

²⁰⁰ Platão, *Fedro*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), 245. p. 224.

²⁰¹ Aristóteles, *Poética*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, IV), VII, 1450 b 26, p. 449. Abbagnano apresenta os significados que o termo "princípio" tomou em Aristóteles. (Vd. N. Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 760). Ver também: Herman Ba-

Contudo, conforme acentua Bavinck, na filosofia de Aristóteles e Platão a palavra adquiriu o sentido de “causa última das coisas”.²⁰²

Eisler apresenta a seguinte definição de “Princípio”:

“Princípio é aquilo que dá origem, ou que forma a base do pensamento e do conhecimento (princípio real, princípio de existência), como também aquele sobre o que necessariamente se apóiam o pensamento e o conhecimento (princípio de pensamento, princípio de conhecimento, considerados como aspecto formal e aspecto material de um princípio ideal); e também um ponto de vista básico, isto é, uma norma para atuar (princípio prático)”.²⁰³

Os modos de entender a realidade fizeram com que surgissem na história, o “princípio do ser” (*principia essendi*) e o “princípio do conhecer” (*principia cognoscendi*). Os filósofos “realistas” – admitindo a independência do ser em relação ao conhecimento –, dão primazia ao “princípio do ser”, entendendo que o princípio do conhecimento vem em decorrência do conhecimento da realidade, da essência. Os “idealistas” – reduzindo a realidade ao pensamento –, priorizam o “princípio do conhecer”, afirmando que os princípios do conhecimento da realidade determinam a realidade enquanto conhecida ou cognoscível.²⁰⁴

Devido ao fato de que a existência do ser em si não depende de nosso conhecimento – o ser é o que é, independentemente da nossa consciência de sua existência –,²⁰⁵ e de que o nosso conhecimento só é possível se houver um objeto, o ser;²⁰⁶ podemos então dizer como Fleming, que “os *principia essendi* podem também ser *principia cognoscendi* porque o fato de que as coisas existam é a base ou razão para que sejam conhecidas. Porém o contrário não resulta certo; porque a existência das coisas de nenhuma maneira depende de que tenhamos conhecimento delas”.²⁰⁷

Os princípios das ciências não teológicas têm algo em comum com os princípios das ciências teológicas; no entanto, também têm pontos divergentes. No decorrer do estudo, constataremos as semelhanças e as diferenças. Por ora, devemos ter em mente que os princípios de uma ciência, são as suas proposições características

vinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2003, p. 211.

²⁰² Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, p. 210-211.

²⁰³ Eisler, *Handwoerterbuch der Philosophie*, Apud L. Berkhof, *Introduccion a la Teologia Sistemica*, Grand Rapids, Michigan: T.E.L.L., (1973), p. 95.

²⁰⁴ Cf. Princípio: In: José Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, Vol. 3, p. 2371.

²⁰⁵ Como dizia Agostinho “O verdadeiro é o que é em si (...) é o que é” (Agostinho, *Solilóquios*, São Paulo: Paulinas, 1993, II.5.8. p. 76-77).

²⁰⁶ Não se conhece o “nada” porque ele não é. A afirmação positiva que podemos fazer a respeito dele, é que ele é a ausência da coisa. Caso a ausência da coisa tivesse algum conteúdo, o nada seria cognoscível.

²⁰⁷ William Fleming, *The Vocabulary of Philosophy, Mental, Moral, and Metaphysical*, 2ª ed. New York: Sheldon & Company, 1869, p. 399.

que dirigem a sua pesquisa, às quais, portanto, todo o seu desenvolvimento posterior está subordinado.²⁰⁸ Deste modo, em qualquer abordagem que fizermos, devemos estar conscientes de que os pressupostos são fatores fundamentais na nossa aproximação do assunto estudado.

Os princípios das ciências não teológicas têm algo em comum com os princípios das ciências teológicas; no entanto, também têm pontos divergentes. No decorrer do estudo, constataremos as semelhanças e as diferenças. Por ora, devemos ter em mente que os princípios de uma ciência, são as suas proposições características que dirigem a sua pesquisa, às quais, portanto, todo o seu desenvolvimento posterior está subordinado.²⁰⁹ Deste modo, em qualquer abordagem que fizermos, devemos estar conscientes de que os pressupostos são fatores fundamentais na nossa aproximação do assunto estudado.

2.2. Os Princípios nas Ciências não Teológicas:²¹⁰

2.2.1. DEUS É O PRINCÍPIO ESSENDI:

Enquanto que o conhecimento humano é limitado, só alcançando um conhecimento científico das coisas e suas relações por meio de um processo laborioso de pensamento dialético, o conhecimento que Deus tem, é imediato e completo; Ele conhece todas as coisas em suas relações e na sua essência: “Deus é a origem e a fonte de todo nosso conhecimento. Possui um conhecimento arquetípico de todas as coisas criadas, abarcando todas as idéias que estão expressas nas obras de sua criação”.²¹¹

Deus como fonte de todo conhecimento tem, naturalmente, a consciência total da perfeição e amplitude do Seu conhecimento. Ele Se conhece perfeitamente, tendo ciência de toda a Sua perfeição: “Em si mesmo Ele é sujeito e objeto de todo conhecimento”.²¹² Somente Deus possui um conhecimento perfeito, arquetipo de si mesmo. Qualquer tipo de conhecimento parte de Deus, que é a sua fonte inesgotável; portanto, podemos concluir daí algumas coisas: 1) Deus é o princípio essendi de todo conhecimento, inclusive o científico; logo, 2) Toda verdade é proveniente de Deus,²¹³ porque “todas as coisas procedem de Deus”;²¹⁴ portanto, não pode

²⁰⁸ Vd. Princípio: In: A. Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 861.

²⁰⁹ Vd. Princípio: In: A. Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 861.

²¹⁰ Sigo aqui em grande parte o esquema de L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 95ss.

²¹¹ L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 96.

²¹² H. Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, 3ª ed. Grand Rapids, Michigan: Reformed Free Publishing Association, 1976, p. 15. Barth acentua: “A revelação é um círculo fechado onde Deus é o sujeito, o objeto e o termo médio” (Karl Barth, *La Proclamación del Evangelio*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 19). Ver também: Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 155, 185s.

²¹³ Esta compreensão esteve sempre presente no pensamento teológico da Igreja; cito alguns exemplos: Justino Mártir (c. 100-165): “... Tudo o que de bom foi dito por eles (filósofos), pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede

haver contradição entre os diversos ramos do conhecimento legítimo, pois não há contradição em Deus; 3) A ciência e a fé não se contradizem;²¹⁵ o mesmo doador da fé (Ef 2.8) é o criador das verdades científicas; logo quando ambas parecem contraditórias, é porque ou há uma compreensão errada da fé ou, a ciência não é ciência; está laborando em erro. Por isso é preciso que haja humildade de ambas as partes: do teólogo na interpretação da Palavra de Deus, sempre em submissão ao Espírito de Deus,²¹⁶ sem cair num dogmatismo ingênuo nem num relativismo dogmático, que corre sempre atrás dos modismos científicos e filosóficos para adaptar a Teolo-

do mesmo Deus ingênito e inefável" (Justino, *Segunda Apologia*, São Paulo: Paulus, 1995, XIII.4. p. 104); Agostinho (354-430): "Todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a Verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor. Essa verdade, uma vez reconhecida e professada, o fará rejeitar as ficções supersticiosas que se encontram até nos Livros sagrados" (Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, II.19. p. 122). "A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus" [Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, II.33. p. 140-141]. "Todo bem procede de Deus. Não há, de fato, realidade alguma que não proceda de Deus" (Santo Agostinho, *O Livre-Arbítrio*, São Paulo: Paulus, 1995, II.3.20.54. p. 143) (Ver também: Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, II.41. p. 149-151 e II.43. p. 153-154); Calvino (1509-1564): "Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus" (Calvino, *As Institutas*, II.2.15); "... visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usada dessa forma?" [Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.12), p. 318]; Strong (1835-1921): "A Ciência e a Escritura lançam luz uma sobre a outra. O mesmo Espírito divino que deu revelação a ambas está ainda presente, capacitando o crente a interpretar uma pela outra e então progressivamente chegar ao conhecimento da verdade" (A.H. Strong, *Systematic Theology*, 35ª ed. Valley Forge, PA.: The Judson Press, 1993, p. 27); A.A. Hodge (1823-1886): "Toda verdade é um só todo" (A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 7). Ver também a citação nesta mesma direção de alguns puritanos em Leland Ryken, *Santos no Mundo*, São José dos Campos, SP.: FIEL, 1992, p. 177-179.

²¹⁴ João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.12), p. 318. "... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas" (J. Calvino, *As Institutas*, II.2.16).

²¹⁵ Tomás de Aquino, com acuidade, comentou: "Já que a palavra de Deus ultrapassa o entendimento, alguns acreditam que ela esteja em contradição com ele. Isto não pode ocorrer" [Tomás de Aquino, *Súmula Contra os Gentios*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. VIII), 1973, VII, p. 70]. Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 7; Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 137-138.

²¹⁶ "Não devemos supor que temos toda a verdade e que não estamos enganados em nada" (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 71). "Insistir que a Palavra de Deus é absoluta não é insistir que todo o conhecimento seja absoluto" [Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 65]. "A teologia é uma tentativa humana de tirar conclusões da revelação especial de Deus. As regras que controlam esse questionamento são as regras da hermenêutica e da lógica. Para fazer uma boa Teologia deve-se buscar uma objetividade rigorosa quando se procura determinar a verdade, mais sempre com um grau de humildade que reconhece que somente a Escritura é a verdade absoluta. A Teologia pode ser corrompida pelo pecado humano e feita obscura por falta de visão espiritual" (Perry G. Downs, *Introdução à Educação Cristã: Ensino e Crescimento*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 15).

gia.²¹⁷ É preciso que nós teólogos entendamos que trabalhar com a teologia não significa dizer sempre coisas novas;²¹⁸ embora reconhecamos “as situações novas que ameaçam a salvação dos homens”²¹⁹ para as quais devemos buscar na Palavra a resposta. Por outro lado, precisamos entender, que a Palavra de Deus é mais rica do que qualquer dogma; portanto, o nosso sistema doutrinário, por melhor que seja – e eu estou convencido de que é –, não pode ser mais rico do que a Palavra de Deus, como bem observou Berkouwer (1903-1996): “Porventura a Escritura não é mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico, por mais excelente e atento ao Verbo divino que este possa ser?”.²²⁰ Por isso, o critério último de análise, será sempre “O Espírito Santo falando na Escritura”.²²¹

O mundo do conhecimento pertence a Deus pois, Ele é o Seu autor e revelador; logo, todo e qualquer conhecimento científico que o homem tenha é parte do conhecimento de Deus expresso na Sua criação; desta forma, podemos dizer, que não existe conhecimento fora de Deus. . A realidade pertence a Deus, quem a criou e, portanto, lhe confere sentido. Quando, então nos referimos ao conhecimento que podemos ter do próprio Deus, do Seu caráter e majestade, temos de reafirmar a

²¹⁷ Em 1921 Machen (1881-1937) propunha-se a mostrar “que a tentativa liberal de reconciliar o cristianismo com a ciência moderna tem realmente abdicado de tudo o que é peculiar ao cristianismo e, assim, o que permanece é, em essência, apenas aquele mesmo tipo indefinido de aspiração religiosa que havia no mundo antes do cristianismo entrar em cena”. A crescente de forma gravemente contundente: “Ao tentar remover do cristianismo tudo o que possivelmente poderia ser objetado em nome da ciência, ao tentar subornar o inimigo através das concessões que este mais deseja, o apologista realmente abandona o que começou a defender” (J.G. Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Editora os Puritanos, 2001, p. 18-19). “A teologia tem a tendência de ajustar-se a modas, como a filosofia” (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, p. 70).

²¹⁸ Cf. G. C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, São Paulo: ASTE., 1964, p. 71. “O Espírito sempre diz a mesma coisa a todo aquele a quem Ele fala, e absolutamente sem atentar para as ênfases doutrinárias ou as modas teológicas que passam. Ele faz cintilar a beleza de Cristo no coração surpreso, e o reverente espírito a recebe com um mínimo de interferência” (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, p. 70).

²¹⁹ G. C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, p. 72.

²²⁰ G.C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, p. 72. Dentro desta mesma linha de pensamento, escreveu Kuiper: “.... Todos juntos, os credos do cristianismo, de nenhuma maneira se aproximam de esgotar a verdade da Sagrada Escritura” (R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1985, p. 99). Com grande satisfação li a declaração de Packer: “A tradição nos permite ficar sobre os ombros de muitos gigantes que pensaram sobre a Bíblia antes de nós. Podemos concluir pelo consenso do maior e mais amplo corpo de pensadores cristãos, desde os primeiros Pais até o presente, como recurso valioso para compreender a Bíblia com responsabilidade. Contudo, tais interpretações (tradições) jamais serão finais; precisam sempre ser submetidas às Escrituras para mais revisão” (J.I. Packer, *O Conforto do Conservadorismo*: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 235).

²²¹ *Confissão de Westminster*, l.10. Timothy George observa que, “Os reformadores eram grandes exegetas das Escrituras Sagradas. Suas obras teológicas mais incisivas encontram-se em seus sermões e comentários bíblicos. Eles estavam convencidos de que a proclamação da igreja cristã não poderia originar-se da filosofia ou de qualquer cosmovisão auto-elaborada. Não poderia ser nada menos que uma interpretação das Escrituras. Nenhuma outra proclamação possui direito ou esperança na igreja. Uma teologia que se baseia na doutrina reformada das Escrituras Sagradas não tem nada a temer com as descobertas precisas dos estudos bíblicos modernos” (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 313).

verdade bíblica, de que este conhecimento provém do próprio Deus. “Somente quando há fé na conexão orgânica do Universo, haverá também a possibilidade para a ciência subir da investigação empírica dos fenômenos especiais para o geral, e do geral para a lei que governa acima dele, e desta lei para o princípio que domina sobre tudo”.²²²

O teólogo sabe que a Teologia é uma busca humana por compreender e sistematizar a revelação; e como humanos que somos, podemos nos enganar... A teologia portanto está, de certa forma, sempre à caminho, em busca de uma compreensão mais exaustiva das Escrituras. Entretanto, como em todas as demais ciências, nós Reformados, temos nossos pressupostos; o nosso é que a Bíblia é o registro inspirado e inerrante da Palavra de Deus.²²³ Disto não abrimos mão. Estamos convencidos que uma visão relapsa da Palavra determina o fracasso teológico e espiritual da Igreja.²²⁴ Concordamos inteiramente com MacArthur, ao dizer: “Uma verdadeira visão cristã de mundo começa com a convicção de que o próprio Deus falou nas Escrituras. (...) As Escrituras, portanto, são o modelo no qual devemos testar todas as outras declarações da verdade. A menos que esse conceito básico domine nossa perspectiva em toda a vida, não podemos legitimamente declarar termos adotado a visão cristã do mundo”.²²⁵

O cientista por sua vez, precisa controlar as suas paixões para que não se precipite em suas conclusões, sabendo que na ciência quase nada é definitivo, exceto, talvez, a sua transitoriedade. O vislumbre do horizonte científico pode ser percebido mas nunca será alcançado; como bem disse Graça Aranha: “A marcha da ciência é como a nossa na planície do deserto: o horizonte foge sempre”.²²⁶

Portanto, como já fizemos menção, o que caracteriza o vigor de uma ciência, não é a sua rigidez, antes, é o grau de desconfiância a que a nos permitimos submeter os seus enunciados a fim de aperfeiçoá-los.²²⁷ “Só é realmente livre a ciência que, enquanto está estritamente limitada a seu próprio princípio, tem o poder de livrar-se de todos os laços artificiais”.²²⁸ Deste modo, parece-me fundamental para o cientista o reexame constante da “ciência”, contudo, tendo como referencial paradigmático, a convicção de que existem conhecimentos absolutos mas, que nem por isso devem estar acima de nosso exame.

²²² Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 123.

²²³ Vd. H.H. Meeter, *La Iglesia y El Estado*, 3ª ed. Grand Rapids, Michigan: TELL., (s.d), p. 38-39; Leon Morris, *Creo en la Revelacion*, Florida: Editorial Caribe, 1979, p. 20-21.

²²⁴ Vd. Hermisten M. P. Costa, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras: Uma Perspectiva Reformada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, passim.

²²⁵ John MacArthur Jr., Adotando a Autoridade e a Suficiência das Escrituras: In: John MacArthur Jr., et. al. eds. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã de mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 25.

²²⁶ *Apud* G.V. do Monte Pereira, redator, *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, Lisboa: (s.d), Vol. 7, p. 3539.

²²⁷ Vd. J. Ortega Y Gasset, *Que é Filosofia?*, Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961, p. 40.

²²⁸ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 147.

Resumindo, podemos dizer que todas as vezes que houver aparente contradição entre a Ciência e a Teologia, há, na realidade uma falta de compreensão de uma ou de ambas as partes.

Dentro da perspectiva de Calvino, por exemplo, a ciência dirigida pela fé, nos aproximaria de Deus, concedendo-nos uma compreensão mais adequada Dele.²²⁹

2.2.2. O PRINCIPIUM COGNOSCENDI EXTERNUM OU OBJETIVUM: A CRIAÇÃO:

Deus como causa primeira de todo o conhecimento, proporciona ao homem por meio da Sua criação, a Natureza, a oportunidade e responsabilidade de conhecer a realidade do mundo físico. Contudo, é bom que se diga que este conhecimento não é completo nem absolutamente claro, visto que o pecado pôs seu selo sobre a Criação, obscurecendo o entendimento do homem e, a própria Natureza perdeu parte da sua eloqüência primeva.²³⁰ “Contudo, ainda hoje a natureza, é um espelho no qual se refletem as glórias de Deus. Sem embargo, por causa do pecado, pode-se dizer que este espelho está deformado. Como é bem sabido, um espelho côncavo reflete as coisas de uma forma grotesca e distinta de como realmente são”.²³¹

Todavia, a História, a Natureza e o homem, como parte desta, refletem algo do Seu Criador; “o homem, por haver sido criado à imagem de Deus, nos revela muito sobre o ser do Criador”²³² (Sl 139.14). Por isso, os homens são indesculpáveis (Rm 1.19,20).²³³

Deus expressa o Seu pensamento e a Sua vontade no mundo, na Criação, envolvendo o homem com a manifestação visível da Sua glória, a qual é proclamada, apesar do pecado, de forma facunda nas obras da Criação (Sl 19.1; At 14.17; Rm 1.19,20). Calvino (1509-1564) acentua que, “A aparência do céu e da terra compele até mesmo os ímpios a reconhecerem que algum criador existe (...). Certamente que a religião nem sempre teria florescido entre todos os povos, se porventura as mentes humanas não se persuadissem de que Deus é o Criador do mundo”.²³⁴

²²⁹ Ver: João Calvino, *As Institutas*, I.5.2. Ver também: André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 571-573.

²³⁰ Vd. C.H. Spurgeon, *Sermões Sobre a Salvação*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 72.

²³¹ H.H. Meeter, *La Iglesia y Estado*, p. 28.

²³² H.H. Meeter, *La Iglesia y Estado*, p. 26. Calvino (1509-1564) comentou: “Por esta causa, alguns dos filósofos antigos chamaram, não sem razão, ao homem, microcosmos, que quer dizer mundo em miniatura; porque ele é uma rara e admirável amostra do grande poder, bondade e sabedoria de Deus, e contém em si milagres suficientes para ocupar nosso entendimento se não desdenharmos considerá-los” (J. Calvino, *As Institutas*, I.5.3).

²³³ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.5.2 e 4.; J. Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 1.19-20), p. 64-66; Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 160.

²³⁴ João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 11.3), p. 299.

Deus, o mundo e o homem são as três realidades com as quais toda a ciência e toda filosofia se ocupam.²³⁵ Pois bem, se Deus não tivesse primeiramente, de forma livre e soberana Se revelado (Sl 115.3; Rm 11.33-36) – concedendo ao homem o universo como meio externo de conhecimento, o qual funciona com as suas leis próprias e regulares –, toda e qualquer ciência seria impossível. O mundo, inclusive o homem, é o grande laboratório de todas as ciências. Só que, quem “construiu” este laboratório foi Deus, deixando ao homem a responsabilidade de estudá-lo, descobrindo os “enigmas” que estão por trás das leis que funcionam de acordo com as prescrições do Seu Criador. Não pensemos, contudo, que Deus criou o mundo apenas para satisfazer a curiosidade humana; Deus o fez como testemunho da Sua glória: “A grande finalidade da criação foi a manifestação da glória de Deus”.²³⁶ Deus ainda hoje não deixou de dar testemunho da Sua existência e bondoso cuidado para com o homem (At 14.17).²³⁷ Deus está ativo, preservando a Sua²³⁸ criação para o fim proposto por Ele mesmo. “Deus não é mero espectador do universo que Ele criou; Ele está presente e ativo em todas as partes, como o fundamento que sustenta tudo e o poder que governa tudo o que existe”.²³⁹ A Bíblia atesta este fato amplamente. (Vd. Ne 9.6; At 17.28; Ef 4.6; Cl 1.17; Hb 1.3).²⁴⁰ Deus faz todas as coisas “conforme o conselho da Sua vontade” (Ef 1.11/Sl 115.3).

O homem natural pode não saber disso,²⁴¹ pode não aceitar²⁴² e até combater tal “absurdo”;²⁴³ entretanto, o que o homem pode fazer contra a verdade? (2Co 13.8). O que são os argumentos que tentam negar a existência de Deus, senão fruto de uma falsa interpretação da Revelação Geral de Deus?! Calvino (1509-1564), discorrendo

²³⁵ Herman Bavinck, *The Philosophy of Revelation*, New York: Longmans, Green, and Company, 1909, p. 83.

²³⁶ A.W. Pink, *Deus é Soberano*, São Paulo: Fiel, 1977, p. 84.

²³⁷ “A finalidade de conhecer a Deus através de sua criação é inerente à vocação do homem na terra”. (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 64).

²³⁸ Para o conceito de “preservação”, Vd. entre outros, A.H. Strong, *Systematic Theology*, p. 419; Charles Hodge, *Systematic Theology*, Grand Rapids, Michigan: Wm. Eerdmans Publishing Co. 1986, Vol. I, p. 575.

²³⁹ L. Boettner, *La Predestinación*, Grand Rapids, Michigan: TELL. (s.d.), p. 33. O Deus em Quem cremos é totalmente oposto àquele pintado nos versos de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em sua *Romaria*, que termina assim: “Os romeiros pedem com os olhos,/ pedem com a boca, pedem com as mãos./ Jesus já cansado de tanto pedido/ dorme sonhando com outra humanidade” (Carlos D. de Andrade, *Antologia Poética*, 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1983, p. 36).

²⁴⁰ Vd. *Confissão de Westminster*, Cap. V. Maiores detalhes sobre este assunto, podem ser encontrados em Hermisten M. P. Costa, *A Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?*, São Paulo: 1988, *passim*.

²⁴¹ Contudo, nem por isso se torna “desculpável” pois, a Revelação de Deus na criação tornou a todos os homens, sem exceção, indesculpáveis (Rm 1.20).

²⁴² Atitude típica de J. P. Sartre. Vd. Sartre, *O Existencialismo é um Humanismo*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, XLV), p. 15, 28, *passim*. Vd. também a análise de M. Green, *Mundo em Fuga*, São Paulo: Vida Nova, (s.d), p. 36-67.

²⁴³ F. Nietzsche (1844-1900) combateu de forma encarniçada a idéia de Deus e todo e qualquer teísmo. (Vd. Hermisten M.P. Costa, *Deus em Nietzsche*, São Paulo: 1996, *passim*).

sobre a revelação de Deus na Natureza, diz: “Em toda a arquitetura de seu universo, Deus nos imprimiu uma clara evidência de sua eterna sabedoria, munificência e poder; e embora em sua própria natureza nos seja ele invisível, em certa medida se nos faz visível em suas obras. O mundo, portanto, é com razão chamado o espelho da divindade, não porque haja nele suficiente clareza para que os homens alcancem perfeito conhecimento de Deus, só pela contemplação do mundo, mas porque ele se faz conhecer aos incrédulos de tal maneira que tira deles qualquer chance de justificarem sua ignorância. (...) O mundo foi fundado com esse propósito, a saber: para que servisse de palco à glória divina”.²⁴⁴ “... Este mundo é semelhante a um teatro no qual o Senhor exhibe diante de nós um surpreendente espetáculo de sua glória”.²⁴⁵ Ele entende que “o princípio da religião” que é implantado nos homens é uma das evidências da sua “preeminente e celestial sabedoria”.²⁴⁶ Em outro lugar, observando que “no coração de todos jaz gravado o senso da divindade”,²⁴⁷ argumenta que a tentativa humana de negar a Deus nada mais é do que uma revelação do “senso de divindade que, tão ardentemente, desejaríamos extinto”.²⁴⁸ Conclui que é impossível haver verdadeiro ateísmo.

Sem a ação primeira de Deus, não haveria ciência. Graças a Deus porque Ele registrou de forma mui santa e sábia as Suas leis (físicas, químicas, termodinâmicas, etc.) “no grande livro do mundo”.²⁴⁹ É preciso, contudo, que não nos detenhamos apenas aí, para que não fiquemos com a menor parte; pois, o que disse Blaise Pascal (1623-1662), apesar do exagero de ênfase, tem o seu lugar: “O Deus dos cristãos não consiste num Deus simplesmente autor de verdades geométricas

²⁴⁴ João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 11.3), p. 300-301. “Existe diante de nossos olhos, em toda a ordem da natureza, os mais ricos elementos a manifestarem a glória de Deus, mas, visto que somos inquestionavelmente mais poderosamente afetados com o que nós mesmos experimentamos, Davi, neste Salmo, com grande propriedade, expressamente celebra o favor especial que Deus manifesta no interesse da humanidade. Posto que este, de todos os objetos que se acham expostos à nossa contemplação, é o mais nítido espelho no qual podemos contemplar sua glória” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.1), p. 356]. “Nas coisas que Ele criou, Deus, portanto, mantém diante de nós nítido espelho de sua esplendorosa sabedoria. Em resultado, qualquer indivíduo que desfrute de pelo menos uma minúscula fagulha de bom senso, e atenta para a terra e outras obras divinas, se vê aturdido por candente admiração por Deus. Se os homens chegassem a um genuíno conhecimento de Deus, pela observação de suas obras, certamente que viriam a conhecer a Deus de uma forma sábia, ou daquela forma de adquirir sabedoria que lhes é natural e apropriada” [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.21), p. 62].

²⁴⁵ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.21), p. 63.

²⁴⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.5), p. 167.

²⁴⁷ João Calvino, *As Institutas*, I.3.1. “Sabemos, aliás, que todos os homens possuem algum senso de religião impresso em seus corações, de modo que ninguém ousa desvencilhar-se pública ou totalmente de seu culto” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 40.6), p. 224].

²⁴⁸ João Calvino, *As Institutas*, I.3.3.

²⁴⁹ Expressão de Descartes (1596-1650), [Vd. R. Descartes, *Discurso do Método*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, XVI), I, p. 41].

e da ordem dos elementos; essa é a porção dos pagãos e dos epicuristas”.²⁵⁰

Dentro de tudo o que foi colocado, surge de forma natural a pergunta: E o homem, pode entender esta revelação? Pode o homem, como intérprete que é, reconhecer a mensagem unívoca do grande “locutor”,²⁵¹ que é Deus?... Creio que a Ciência nos seus avanços e retrocessos – diferentemente da concepção de Comte a respeito da ciência²⁵² – com conexões aqui e ali,²⁵³ tem respondido a estas questões. Passemos agora, à resposta formal destas indagações.

2.2.3. O PRINCIPIUM COGNOSCENDI INTERNUM: A RAZÃO HUMANA:

Partindo do princípio de que a Revelação de Deus tem por objetivo mostrar o Seu Autor: Deus é o substantivo da Sua Revelação –, não teria nenhum valor a Revelação objetiva de Deus, se não houvesse concomitantemente uma potencialidade de recepção subjetiva para ela, pois, assim, seria uma revelação que não se descobriria, não se tornaria acessível. Seria o equivalente a um intérprete verter para o inglês as palavras de um orador alemão para um auditório que só entende o português. Perguntaríamos: o interprete traduziu o que o orador disse? Responderia o interlocutor: Sim. Voltaríamos à questão: Então ele revelou o conteúdo da mensagem?! A resposta seria óbvia: Não. Ele traduziu, mas ninguém o entendeu pois o seu idioma não é o nosso nem temos condições de aprendê-lo agora...

Deus Se revela sabendo que há a possibilidade de ser entendido, pois, Ele mesmo criou o homem e o dotou desta capacidade. Entretanto, a não compreensão do homem não inutiliza o valor da Revelação de Deus. Ela é o que é independentemente da apreensão humana. O pecado corrompeu o intelecto, a vontade e a faculdade moral do ser humano; ele está morto espiritualmente, sendo escravo do pecado (Gn 6.5; 8.21; Jo 8.34,43-44; Rm 3.23; 6.6,23; Ef 2.1; Cl 1.13; 2.13). A depravação total é justamente isto: a contaminação de todas as nossas faculdades pelo pecado. Ainda

²⁵⁰ B. Pascal, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, XVI), VIII. 556, p. 178.

²⁵¹ P. Ricouer, *Interpretação e Ideologias*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 19.

²⁵² Augusto Comte (1798-1957), considerado o *Pai da Sociologia* e do *Positivismo*, acreditava ter descoberto uma lei fundamental que regia a inteligência humana bem como toda a história. Ele assim descreve:

“Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes dum exame atento do passado” [Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positivista*, São Paulo: Abril Cultura, (Os Pensadores, Vol. XXXIII), 1973, I.11. p. 9-10].

Em seguida, Comte expõe a lei descoberta:

“Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo” [Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positivista*, I.11. p. 10]. Para maiores detalhes sobre o Positivismo e a sua pretensão científica, ver: Hermisten M.P. Costa, *A Construção do Pensamento Moderno e a Pregação Bíblica: – Compreensão e Desafios –*, São Paulo, 2005, 227p.

²⁵³ Cf. H. Bavinck, *The Philosophy of Revelation*, p. 84.

que o homem não seja absolutamente mau²⁵⁴ – não é tão mau quanto poderia –, é extensivamente mau; todo o seu ser está contaminado pelo pecado. Como decorrência disso, o homem tornou-se positivamente mau (Gn 6.5; 8.21; Mt 7.11). Ainda assim, o pecado não destruiu a possibilidade da percepção.

O conhecimento humano consiste sempre em uma relação lógica entre sujeito e objeto; visto que o sujeito só é sujeito para o objeto e, por sua vez, o objeto só é para um sujeito, assim, a revelação objetiva reclama alguém e, este alguém (objeto) só o é, enquanto recebe de forma adequada a revelação.

Hessen, assim comenta esta relação:

“No conhecimento encontram-se frente a frente a consciência e o objeto, o sujeito e o objeto. O conhecimento apresenta-se como uma relação entre os dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro. O dualismo sujeito e objeto pertence à essência do conhecimento.

“A relação entre os dois elementos é ao mesmo tempo uma correlação. O sujeito só é sujeito para um objeto e o objeto só é objeto para um sujeito. Ambos eles só são o que são enquanto o são para o outro (...). A função do sujeito consiste em apreender o objeto, a do objeto em ser apreendido pelo sujeito”.²⁵⁵

A razão, como parte da criação divina, é o instrumento de que dispomos, pela graça de Deus, para descobrir a Sabedoria divina no mundo que nos rodeia e, portanto, é o *principium cognoscendi internum* da ciência. Nisto não estamos sustentando o empirismo, aceitando a idéia da *tabula rasa*, considerando a mente como um “papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer idéias”, conforme pensava J. Locke (1632-1704).²⁵⁶ Entendemos que o conhecimento também se dá pela experiência, contudo, cremos que o espírito humano traz consigo certas categorias que lhe são inerentes, as quais não podem ser apreendidas pela experiência. A experiência pode ser a fonte de quase todo o conhecimento, mas, não é necessariamente do conhecimento todo.²⁵⁷

Como “ministro e intérprete da natureza”²⁵⁸ que somos, devemos pesquisar conforme as suas leis, “pois a natureza não se vence senão quando se lhe obedece”.²⁵⁹ E nisto está o reconhecimento da grandeza de Deus e do Seu poder,

²⁵⁴ A.A. Hodge (1823-1886) usa a expressão “inabilidade absoluta”; todavia, a conotação dada por ele, não colide com a nossa, ao afirmarmos que a depravação não é absoluta. (Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 314).

²⁵⁵ J. Hessen, *Teoria do Conhecimento*, 7ª ed. Coimbra: Arménio Amado – Editor, 1976, p. 26.

²⁵⁶ John Locke, *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, XVIII), II.1.2. p. 165.

²⁵⁷ Vd. Francis Bacon, *Novum Organum*, São Paulo: Abril Cultural, 1973, (Os Pensadores, XIII), I, xciv. p. 69; I. Kant, *Crítica da Razão Pura*, São Paulo: Abril Cultural, 1974, (Os Pensadores, XXV), p. 23.

²⁵⁸ Francis Bacon, *Novum Organum*, I, i. p. 19.

²⁵⁹ Francis Bacon, *Novum Organum*, I.iii. p. 19.

conforme reconheceram, Copérnico (1473-1543), Bacon (1561-1626), Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1642) e Newton (1642-1727), entre tantos outros.

Na Antigüidade, o filósofo sofista Protágoras (c. 480-410 a.C.), justificou o seu agnosticismo teológico, alegando “impedimentos”, tais como: “a obscuridade do problema e a brevidade da vida do homem”.²⁶⁰ Francis Bacon (1561-1626), mais de dois mil anos depois, afirma: “o que tem-se constituído, de longe, no maior obstáculo ao progresso das ciências (...) é o desinteresse dos homens e a suposição de sua impossibilidade”, considerando “a obscuridade da natureza, a brevidade da vida, as falácias dos sentidos, a fragilidade do juízo, as dificuldades dos experimentos e dificuldades semelhantes”.²⁶¹

John Locke (1632-1704) escreveu sobre isto, demonstrando agudez e sensibilidade:

“Embora a compreensão de nossos entendimentos não corresponda à vasta extensão de coisas, ainda assim teremos suficiente motivo para glorificar a generosidade de nosso Autor, por esta porção e grau de conhecimento outorgados a nós por ele, superiores aos outros habitantes desta nossa morada (...). Não teremos motivos para nos queixar da estreiteza de nossas mentes se as empregarmos tão-somente no que nos é utilizável e para o que são muito capazes; pois não será apenas imperdoável, como impertinente criancice, se menosprezarmos as vantagens de nosso conhecimento e descuidarmos de aperfeiçoá-lo para os fins aos quais nos foi dado, porque certas coisas se encontram fora de seu alcance. Não constitui desculpa para um servo frívolo e rebelde, que não cuida de seus negócios usando luz de vela, alegar que faltava a plena luz solar. A vela que foi colocada em nós brilha o suficiente para todos os nossos propósitos (...). Se descremos de tudo porque não podemos conhecer rigorosamente todas as coisas, deveríamos imitar os que não se utilizam de suas pernas, permanecendo parados e morrendo, porque lhes faltam asas para voar”.²⁶²

Apesar de ter citado com ênfase escritores empiristas, não concordo, conforme já deixei explícito acima, inteiramente com a perspectiva empirista. Bavinck (1854-1921) acentua que o empirismo termina em materialismo: “Primeiro deriva do mundo material o conteúdo do conhecimento, em seguida a capacidade de conhecer e, por fim, o próprio intelecto”.²⁶³

²⁶⁰ A frase completa é: “Quanto aos deuses, não posso saber se existem nem se não existem nem qual possa ser a sua forma; pois muitos são os impedimentos para sabê-lo: a obscuridade do problema e a brevidade da vida do homem” (*Fragmento 4*, In: Diógenes Laércio, *Vida dos Filósofos*, IX, 51. *Apud* Rodolfo Mondolfo, *O Pensamento Antigo*, 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1971, Vol. I, p. 144).

²⁶¹ Francis Bacon, *Novum Organum*, I, xcii. p. 66-67.

²⁶² John Locke, *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, (Introdução), p. 146-147.

²⁶³ Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2003, p. 220. Vejam-se: Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 164; L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 98.

Concluindo este tópico, reafirmamos que: Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1.27), dotando-o de capacidade para receber e interpretar as impressões da Sua revelação que são demonstradas por meio do universo, da Sua Criação (Sl 19.1; At 14.17). Toda a Criação de Deus foi realizada de forma sábia e soberana (Sl 115.3; Pv 3.19; Ef 1.11).

2.3. Os Princípios no Campo da Religião ou da Teologia:

Tanto a religião como a Teologia tratam do mesmo assunto: a relação de Deus com o universo e mais propriamente com o homem; por isso, podemos dizer que ambas são efeitos da mesma causa: a Revelação de Deus. Portanto, ambas estão estreitamente relacionadas. Nas palavras de Brougham, a Teologia é a ciência e, a religião é o seu assunto²⁶⁴ e A. A. Hodge (1823-1886) concorda quando afirma – de forma geral –, ser a Teologia a ciência da religião.²⁶⁵ Particularmente entendo que as colocações feitas só são válidas quando se referem à religião cristã, visto que a Teologia ou é bíblica ou não é Teologia. A religião fora dos ensinamentos das Escrituras não passa de superstições humanas que, psicologicamente analisadas servem para evidenciar “a confissão dos seus mais íntimos pensamentos”.²⁶⁶ Daí a nossa compreensão de que, salvo o uso técnico ou especializado da expressão – emprego que também faremos –, falar de “Teologia Bíblica” é uma redundância ou, em outros termos, é um juízo analítico ou explicativo. Voltaremos a falar sobre este assunto.

Os princípios da Teologia e da religião são os mesmos; ou seja, não são princípios de caráter natural e geral, mas sim de caráter espiritual e especial; “não pertencem ao reino da criação como tal, senão que são da esfera da redenção”.²⁶⁷ Com isto, não estamos eliminando a importância do conhecimento científico; ele tem o seu valor indispensável na pesquisa, afinal, toda verdade é verdade de Deus e, como exemplo prático disso, temos Lucas, que na redação do Evangelho que recebeu o seu nome e do Livro de Atos, se valeu provavelmente de métodos ci-

Herman Bavinck, *The Doctrine of God*, 2ª ed. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1955 (obra traduzida, editada e resumida por William Hendriksen). Na página 41 e seguintes, Bavinck discute a possibilidade do “conhecimento inato de Deus”, apresentando em sua análise, o pensamento de filósofos e teólogos que, no decorrer da história se pronunciaram a respeito. O autor assinala que toda teologia é revelada (p. 41, 61). “Somente a capacidade de conhecer é inata; porém esta capacidade concretiza-se na pessoa através da influência que a natureza em nós e sobre nós e ao mesmo tempo ao nosso redor exerce sobre nós” (p. 59-60). Apesar de Bavinck usar um fraseado semelhante ao de Locke, que escreveu: “A capacidade é inata mas o conhecimento adquirido” (J. Locke, *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, l.i.5. p. 152), discorda dele no que se refere ao conhecimento de Deus (p. 58). “A revelação de Deus – escreve Bavinck – precede ao ‘conhecimento inato de Deus’ e também ao ‘conhecimento adquirido de Deus’. Deus não se deixou sem testemunho” (p. 60). At 14.17. Não existe conhecimento sem consciência (p. 59).

²⁶⁴ Henry L. Brougham, *A Discourse of Natural Theology, Showing the Nature of the Evidence and the Advantages of the Study*, New York: William Jackson, 1885, p. 5.

²⁶⁵ A.A. Hodge, *Esboços de Teologia*, p. 5.

²⁶⁶ L. A. Feurbach, *A Essência do Cristianismo*, Campinas, SP.: Papyrus, 1988, p. 56.

²⁶⁷ L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 98.

entíficos (Cf. Lc 1.1-4) e literários²⁶⁸ por isso, foi considerado pelos historiógrafos seculares modernos o melhor historiador da Antigüidade, estando assim, acima de Heródoto – “Pai da História” – e Josefo.²⁶⁹ O que queremos dizer, é que não podemos criar uma suposta categoria científica a qual se torne a varinha de condão para a interpretação da Palavra. A Palavra de Deus se interpreta pela Palavra. Quando estudamos a Bíblia, rogamos a iluminação do mesmo Espírito Santo que a revelou e inspirou os autores secundários quanto ao registro das Escrituras, para que possamos conhecê-la como Ela de fato é: A Palavra inerrante de Deus.²⁷⁰ Os princípios hermenêuticos devem estar subordinados a esta verdade e, devem ser derivados, portanto, da própria Palavra: A harmonia do seu todo e das suas partes estabelecem uma unidade harmoniosa, por meio da qual, formulamos os princípios de interpretação, tendo como mestres, os profetas – que interpretaram os acontecimentos passados e a história dos seus dias –, Jesus Cristo e os apóstolos, os quais deram lições práticas de hermenêutica,²⁷¹ interpretando o Antigo e o Novo Testamentos.

F.F. Bruce (1910-1990), está correto, ao afirmar que:

“Os crentes possuem um padrão permanente e um modelo no uso que nosso Senhor fez do Antigo Testamento, e uma parte do atual trabalho do Espírito Santo no tocante aos crentes é abrir-lhes as Escrituras, conforme o Cristo ressurreto as abriu para os dois discípulos no caminho para Emaús (Lc 24.25ss)”.²⁷²

Quando nos aproximamos da Bíblia partimos do pressuposto de que ela é o registro fiel e inerrante da Revelação de Deus (Jo 10.35; 1Tm 1.15; 3.1; 4.9; 2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21); por isso, podemos dizer como Paulo: “Fiel é a Palavra” (1Tm 3.1; 4.9). É por intermédio das Escrituras que aprendemos que o melhor intérprete da Palavra

²⁶⁸ A utilização de tais recursos obviamente não elimina em hipótese alguma a inspiração divina de seus registros (Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras, passim.*; Hermisten M.P. Costa, *O Novo Testamento: Um Esboço Introdutório*, São Paulo: 1997, *passim*).

²⁶⁹ Cf. R.C. Sproul, *Razão para Crer*, São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 20.

²⁷⁰ Vd. *Confissão Escocesa*, Cap. XVIII. In: *Livro de Confissões*, § 3.18; *A Segunda Confissão Helvética*, Cap. II. In: *Livro de Confissões*, § 5.010; *A Confissão de Westminster*, Cap. I.6,9,10.

²⁷¹ *Hermenêutica* provém da junção de duas palavras gregas: ἑρμηνεύω & τεχνή (“arte de interpretar”). Ainda que esta palavra não apareça desta forma no Novo Testamento, encontramos a sua raiz em algumas ocasiões: ἑρμηνεύω [“explicar”, “interpretar”, “traduzir”, “tornar claro”: *Jo 1.38,42; 9.7; Hb 7.2]; ἑρμηνεία [“interpretação”, “tradução”, “explicação”: *1Co 12.10; 14.26]; διερμηνευτής [“intérprete”, “tradutor”: 1Co 14.28]; διερμηνεύω [“traduzir”, “interpretar”, “explicar”, “expor”: *Lc 24.27; At 9.36; 1Co 12.30; 14.5,13,27]. Todas estas palavras são derivadas de ἑρμῆς (“Hermes”), deus grego (Mercúrio na mitologia romana) filho de Júpiter e Maia, sendo considerado o intérprete e porta-voz dos deuses, tido também, como modelo de eloquência (At 14.12). Paulo saúda um cristão de Roma chamado Hermes (Rm 16.14).

²⁷² F.F. Bruce, *Interpretação Bíblica*: In: J.D. Douglas, ed. org. *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. II, p. 753. Veja-se também, J. Calvino, *As Institutas*, I.9.3; II.8.7. “Muito embora todo cristão seja participante do Espírito e, portanto, por ele guiado à verdade, parece que a revelação dos mistérios de Deus contidos nas Escrituras do Antigo Testamento era um dom apostólico, consignado aos autores do Novo Testamento como parte da inspiração divina para registrar infalivelmente a verdade de Deus” (Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 120).

é “o Espírito falando na Escritura”²⁷³ (Mt 22.29,31; At 4.24-26; 28.25; 1Co 2.10-16); como nos instruiu o Senhor Jesus Cristo: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir” (Jo 16.13). “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26/Jo 5.30; 14.6; 17.17).

A oração do exegeta cristão, que usa os meios científicos disponíveis, deve ser como a do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18/Lc 24.44-45; Ef 1.16-19).²⁷⁴

2.3.1. DEUS É O PRINCIPIUM ESSENDI:

Todo conhecimento de Deus se origina em Deus mesmo. Conforme já afirmamos anteriormente, Deus é a fonte da possibilidade do conhecimento que o homem pode ter Dele. Qualquer analogia que o homem use para falar de Deus, alegando a não necessidade da revelação de Deus para este fim, na realidade estará evidenciando princípios racionais elaborados em cima da Natureza, que nada mais é do que uma forma de revelação de Deus; assim, todo o esforço humano para demonstrar a inexistência de Deus, termina por ser um atestado da Sua existência e revelação.

Jesus Cristo declara: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). A Pedro, que confessara ser Jesus o Filho de Deus, exclama o Senhor Jesus: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus” (Mt 16.17).

Deus é o Autor e o conteúdo do conhecimento. Sem Deus não há conhecimento; sem a Sua revelação livre e soberana, o conteúdo do conhecimento permaneceria oculto a nós; e é justamente o que acontece conosco em relação às coisas não reveladas; permanecem ignoradas por nós, até que Deus mesmo nos dê a conhecer de acordo com a Sua vontade (Dt 29.29; At 1.7; 1Co 2.6-16).

2.3.2. O PRINCIPIUM COGNOSCENDI EXTERNUM OU OBJETIVUM: A REVELAÇÃO ESPECIAL DE DEUS:

“Ele não nos manda que subamos incontinenti aos céus, e, sim, perscrutando nossa debilidade, Ele mesmo desce até nós” – João Calvino.²⁷⁵

²⁷³ Confissão de Westminster, l.10.

²⁷⁴ Vd. J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 10.16), p. 374.

²⁷⁵ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 42.1), p. 257.

O conhecimento que Deus deseja que tenhamos Dele está revelado nas Escrituras. Como já vimos, originalmente Deus se revelou na Criação: No Éden só havia um livro: o livro da Natureza; todavia, com o pecado humano, a Natureza também sofreu as conseqüências, ficando obscurecida, perdendo parte da sua eloqüência primeva em apontar para o Seu Criador (Gn 3.17-19)²⁷⁶ e, como parte do castigo pelo pecado, o homem perdeu o discernimento espiritual para poder ver a glória de Deus manifesta na criação (Sl 19.1; Rm 1.18-23). A Revelação Geral que fora adequada para as necessidades do homem no Éden – embora saibamos que ali também se deu a Revelação Especial (Gn 2.15-17,19,22; 3.8ss) –, tornou-se, agora, incompleta e ineficiente²⁷⁷ para conduzir o homem a um relacionamento pessoal e consciente com Deus. A observação de Calvino (1509-1564) parece-nos importante aqui: "Lembremo-nos de que nossa ruína se deve imputar à depravação de nossa natureza, não à natureza em si, em sua condição original, para que não lancemos a acusação contra o próprio Deus, autor dessa natureza".²⁷⁸

A Bíblia ou Revelação Especial tornou-se necessária por causa do pecado. Por meio da História, Deus separou e preparou homens para que registrassem de forma exata e infalível os Seus desígnios, sendo a Palavra de Deus escrita, dentre outras coisas, "o corretivo às idéias disformes que pode dar-nos a natureza em seu estado caído".²⁷⁹ Por isso, só se considera adequada a revelação de Deus contida na Bíblia; somente por intermédio das Escrituras o homem pode ter um conhecimento de Deus livre de superstições.

Calvino (1509-1564) compreendendo bem este fato, escreveu:

"Porque se considerarmos quão frágil é o entendimento humano, e quão inclinado a esquecer-se de Deus, e quão propenso a cair em toda sorte de erros, e quão grande é o seu apetite e desejo de inventar a cada passo novas e fantasiosas religiões, se poderá mui bem ver por aqui quão necessário haja sido que Deus tivesse seus registros autênticos nos quais se conservasse sua verdade, a fim de que não se perdesse pelo esquecimento ou se desvanecesse pelo erro e descuido, ou se corrompesse pelo atrevimento dos homens".²⁸⁰

²⁷⁶ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Antropologia Teológica: Uma Visão Bíblica do Homem*, São Paulo: 1988, p. 22-24. Groningen acentua: "O Senhor soberano julgou necessário revelar explicitamente a natureza de sua relação actual com a humanidade. Ele fez isto antes do homem cair em pecado. Depois da queda, isto se tornou ainda mais necessário devido aos efeitos do pecado". (Gerard Van Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1995, p. 63).

²⁷⁷ Vd. B.B. Warfield, *Revelation and Inspiration*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981, (The Work's of Benjamin B. Warfield), p. 7ss. A revelação Geral é "tênue e obscura para a humanidade pecadora, e mesmo para a humanidade redimida" (Gerard V. Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, p. 64).

²⁷⁸ J. Calvino, *As Institutas*, II.1.10.

²⁷⁹ H.H. Meeter, *La Iglesia y El Estado*, p. 28.

²⁸⁰ J. Calvino, *Institución*, I.6.4. (Vd. *Confissão de Westminster*, I.1). Em outro lugar, Calvino escreveu: "A Igreja é chamada *coluna da verdade* pela mesma razão, pois o ofício de ministrar a doutrina que Deus pôs em suas mãos é o único meio para a preservação da verdade, a

A Bíblia como Palavra inspirada e inerrante de Deus, dá ao homem a resposta adequada às necessidades espirituais de que tanto carece, apontando para Jesus Cristo (Jo 5.39) e para o poder de Deus. Nas Escrituras encontramos a esperança da vida preparada, realizada e consumada pelo Deus Triúno (Rm 15.4; 1Jo 5.13).

A constatação da Revelação de Deus gera em nós dois sentimentos: humildade e alegria. Humildade por sabermos que tudo o que temos e sabemos provém de Deus (Jo 15.5; 1Co 4.7; 2Co 3.5). Alegria, por ter acesso à Revelação de Deus que é a verdade. Tais sentimentos, acompanhados do estudo da Palavra, devem conduzir-nos à adoração (Mt 4.10; Hb 13.15; 1Pe 2.9). A Bíblia foi-nos confiada a fim de que, mediante a iluminação do Espírito Santo, sejamos conduzidos a Jesus Cristo (Jo 5.39/Lc 24.27,44), sendo Ele mesmo Quem nos leva ao Pai (Jo 14.6-15; 1Tm 2.5; 1Pe 3.18) e nos dá vida abundante (Jo 10.10; Cl 3.4). A Bíblia foi registrada para que cumpramos os seus preceitos, dados pelo próprio Deus (Dt 29.29; Js 1.8; 2Tm 3.15, 16; Tg 1.22); ela foi-nos concedida para que conheçamos o Seu Autor e, conhecendo-O O adoremos e, adorando-O, mais O conheçamos (Os 6.3; 2Pe 3.18).²⁸¹ Por isso, "ao estudarmos Deus, devemos procurar ser conduzidos a Ele. A revelação nos foi dada com esse propósito e devemos usá-la com essa finalidade".²⁸²

A Igreja como resultado da ação de Deus por meio da Palavra, manifesta tais comportamentos, tendo ciência de que a meditação que faz na Palavra, guiada pelo Espírito, é uma tentativa de interpretá-la, a fim de proclamar e ensinar numa linguagem humana²⁸³ a verdade que ela tem recebido pela graça de Deus. "A verdade é idêntica à graça" (Jo 1.17).²⁸⁴

A Teologia Reformada recebendo a Bíblia como de fato é: a inerrante e autêntica Palavra de Deus, reconhece ser Ela a causa eficiente e instrumental da Teologia, sendo Deus o Seu autor, a causa final. A Teologia busca sempre a glória de Deus, como objetivo máximo e final; e este objetivo é alcançado sempre em sua fidelidade à Revelação. Portanto, embora admitindo a infalibilidade da Revelação Geral, só consideramos a Revelação Especial como fonte da Teologia; desta forma, a tentativa de reconhecer a Revelação Geral como fonte secundária da Teologia, está fora de cogitação, visto que, para que isso aconteça, teríamos de interpretá-la de acordo

qual não pode desaparecer da memória dos homens. Em conseqüência, essa recomendação se aplica ao ministério da Palavra, pois se ela for removida, a verdade de Deus desvanecerá. (...) Portanto, em relação aos homens, a Igreja mantém a verdade porque, por meio da pregação, a Igreja proclama, a conserva pura e íntegra, a transmite à posteridade. Se não houver ensino público do evangelho, se não houver ministros piedosos que, por sua pregação, resgatem a verdade das trevas e do olvido, as falsidades, os erros, as imposturas, as superstições e a corrupção de toda sorte assumirão imediatamente o controle. Em suma, o silêncio da Igreja significa o afastamento e a supressão da verdade". [João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 3.15), p. 98].

²⁸¹ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.5.10; J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 26-35.

²⁸² J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 15. Vd. Gerard V. Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, p. 63-64.

²⁸³ Vd. Emil Brunner, *Revelation and Reason*, Philadelphia: The Westminster Press, 1946, p. 3.

²⁸⁴ Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 167.

com a luz da Escritura e, podemos observar também, que, qualquer tentativa de se criar uma fonte secundária ou terciária de teologia (Os Catecismos, por exemplo), implica em admitir que a Bíblia precise de um complemento, logo ela é incompleta ou insuficiente... Como já demonstramos biblicamente, cremos que a Revelação Geral tem o seu valor ilustrativo, contudo, ela em nada acrescenta à Revelação Especial e, aquela, só pode ser entendida corretamente, por aquele que mediante a iluminação do Espírito Santo entende a Revelação Especial. Para este homem, a Revelação Geral se constitui numa “republicação”, ainda que não cronológica, das verdades contidas nas Escrituras; contudo, esta “republicação” não é complementar nem transforma vida. E, o que a Natureza trata de forma estrita e apenas indicativa, a Escritura fala de forma ampla e demonstrativa....

Edwin Palmer acentua:

“Somente através da revelação o homem alcança o verdadeiro entendimento das coisas. Pela revelação, Deus se manifesta ao homem e também revela a verdadeira natureza dos seres que povoam o mundo, tanto a dos homens como a dos objetos naturais”.²⁸⁵

“É interessante advertir que inclusive a primeira revelação, a revelação geral, não se pode captar bem sem conhecer a revelação especial e sem o poder iluminador do Espírito na mente do homem. Isto se deve ao fato de que o homem é espiritualmente cego devido ao seu próprio pecado”.²⁸⁶

Por outro lado, Kuyper (1837-1920),²⁸⁷ nos chama a atenção para o fato de que não devemos considerar a Revelação Especial ou a Escritura como fonte da Teologia (“fons theologiae”), tendo em vista que o termo “fonte” no estudo científico tem um significado mui definido. Em geral denota uma área de estudo sobre a qual, o homem como agente ativo, faz uma triagem para a sua pesquisa, como na Botânica, Zoologia e História; neste caso, o objeto de estudo é passivo; o homem é quem é ativo, debruçando-se sobre o fenômeno para extrair do objeto o conhecimento desejado. Assim sendo, usando o termo neste sentido, tem-se a impressão, de que o homem como agente ativo, pode se colocar sobre as Escrituras, para descobrir ou tirar dela o conhecimento de Deus, que ali está passivamente esperando o seu descobridor... Sabemos que isto não é verdade! Deus se revela ao homem e mais uma vez, ativamente fornece os meios para a compreensão desta revelação: O Espírito Santo. A Teologia, como vimos, é sempre o efeito da ação reveladora, inspiradora e iluminadora de Deus por meio do Espírito. Daí que, falar de Teologia Americana, Européia ou da América Latina, se constitui, no mínimo, numa ignorância bíblica: Ou a Teologia é Bíblica ou não é Teologia; surja em que continente for, em que movimento for, em que regime político for. Brunner (1889-1966) corretamente enfatiza: “A dogmática que está sob uma obrigação apenas para com a Verdade deve se proteger contra todo regionalismo nacional ou continental, pelo qual o

²⁸⁵ E.H. Palmer, *El Espiritu Santo*, Edinburgh: El Estandarte de la Verdad, (s.d), p. 47.

²⁸⁶ E.H. Palmer, *El Espiritu Santo*, p. 50.

²⁸⁷ Abraham Kuyper, *Principles of Sacred Theology*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980 (reprinted), § 56, p. 341ss.

ponto de vista Europeu, o Inglês ou o Americano seria mais importante do que é na verdade".²⁸⁸

Deus não se deixa invadir pela razão humana ou mesmo pela fé; Ele se dá a conhecer livre, fidedigna e explicitamente; Deus se revela a Si mesmo como Senhor²⁸⁹ e, "Senhorio significa liberdade".²⁹⁰ "Quanto mais conhecemos Deus, mais compreendemos e sentimos que Seu ministério é inescrutável".²⁹¹ A "douta ignorância" faz parte essencial da genuína teologia bíblica.²⁹² O conhecimento de nossa limitação não é inato; antes é precedido pela revelação. Sem a revelação de Deus não há teísmo, ateísmo nem agnosticismo. É no encontro com Deus que tomamos conhecimento de nossas limitações.²⁹³

Sem a revelação, o homem passaria toda a sua vida e estaria na eternidade sem o menor conhecimento de Deus; por mais engenhosos que fossem os seus métodos, por mais sistemáticas que fossem as suas pesquisas; por mais que evoluísse a ciência... O homem nunca conseguiria chegar a Deus ou mesmo à sua idéia: Ignoraria eternamente a própria ignorância!. Entretanto, Deus continuaria sendo o que sempre foi: O Senhor!²⁹⁴ Todavia, graças a Deus porque Ele soberanamente Se Revelou a Si mesmo, para que possamos conhecê-Lo e render-Lhe toda a glória que somente a Ele é devida. Em Cristo nós somos confrontados com o clímax e plenitude da revelação de Deus (Jo 14.9-11; 10.30; Cl 1.19; 2.9; Hb 1.1-4); "No Filho temos a revelação *última* de Deus. Da mesma forma como é verdade que quem viu o Filho viu o Pai, também é verdade que quem não viu o Filho, não viu o Pai".²⁹⁵ Jesus Cristo é a medida da revelação!

Lembremo-nos mais uma vez das palavras de A. Kuyper, de que o homem não pode se colocar sobre a Bíblia para fazer uma investigação de Deus; Deus é Quem se comunica, Quem se dá; Ele é sempre o Sujeito, nunca o objeto na relação do conhecimento. Na Revelação ocorre uma mudança de referência. Nós que nos acostumamos a pensar a partir de nós, precisamos aprender a pensar a partir de Deus; nós não somos "a medida de todas as coisas" nem o ponto de partida, somos o fim

²⁸⁸ Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 117

²⁸⁹ Ver: Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 181,186ss.

²⁹⁰ K. Barth, *Church Dogmatics*, Edinburg: T. & T. Clark, 1960, I/1, p. 306.

²⁹¹ Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 156.

²⁹² Ver: João Calvino, *As Institutas*, III.21.2; III.23.8. Na edição de 1541, escrevera: "E que não achemos ruim submeter neste ponto o nosso entendimento à sabedoria de Deus, aos cuidados da qual Ele deixa muitos segredos. Porque é douta ignorância ignorar as coisas que não é lícito nem possível saber; o desejo de sabê-las revela uma espécie de raiva canina" [João Calvino, *As Institutas*, (1541), III.8].

²⁹³ Ver: Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 157, 159ss.

²⁹⁴ "Ainda que o mundo inteiro fosse incrédulo, a verdade de Deus permaneceria inabalável e intocável" [João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 2.2), p. 48-49].

²⁹⁵ William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, (Jo 14.9) p. 657. Vejam-se também: William Hendriksen, *O Evangelho de João*, (Jo 1.1-5), p. 99ss; (Jo 10.30), p. 481; (Jo 14.10), p. 657-658; *Idem*, *Colosenses e Filemon*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1982, p. 95ss; 130ss; J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, p. 29ss.; John Owen, *A Glória de Cristo*, São Paulo: PES., 1989, p. 16ss.

da Revelação graciosa de Deus.²⁹⁶ Dentro desta perspectiva poderíamos ser chamados de "positivistas teológicos",²⁹⁷ isto porque, partimos sempre da revelação contida nas Escrituras, nunca da especulação filosófica ou metafísica; e, é justamente isto que nos distingue de forma marcante de outros sistemas teológicos. O Rev. Raymundo Loria (1911-1993), meu querido e saudoso mestre, escreveu com acuidade: "A Teologia Presbiteriana, Calvinista, é essencialmente Teológica, isto é, Deus é o Supremo e Centro de tudo, contrário às outras igrejas e seitas que são Antropológicas, isto é, o Homem é o Supremo e o Centro".²⁹⁸

A Teologia Reformada reconhece a centralidade real de Deus em todas as coisas, tendo como alvo principal, não o tão decantado bem-estar humano – que por certo tem a sua relevância²⁹⁹ –, mas a glória de Deus, sabendo que as demais coisas serão acrescentadas (Mt 6.33; Ef 1.11-12).³⁰⁰ Infelizmente, ao longo da história as "teologias" que deveriam ser relativas à Revelação, têm sido relativas ao homem, tornando-se assim, antropologias.³⁰¹ O Iluminismo, que gerou o "Liberalismo Teológico", – e este pode ser definido como o esforço de interpretar, reformular e explicar a fé cristã dentro de uma perspectiva iluminista –, foi o grande fomentador desta nova abordagem. Dentro desta perspectiva, só pode ser considerado genuíno, o "credo" que se ajuste aos critérios racionais vigentes.³⁰² A chamada "Teologia da Libertação" – apoteótica na década de 80 e hoje já moribunda –, a rigor nunca foi "Teologia" pois, não partia da Palavra. Ela se constitui num bom exemplo de uma antropologia, que pretende ter o status de Teologia.³⁰³

Para nós Reformados, entretanto, é a Palavra de Deus que deve dirigir toda a nossa abordagem e interpretação teológica, bem como de toda a realidade: O Espí-

²⁹⁶ Ver: Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 165.

²⁹⁷ Foi esta acusação que D. Bonhoeffer (1906-1945) fez a Barth. Vd. a sua carta datada de 05/05/1944, In: D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, 2ª ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre, RS.: Paz e Terra/Sinodal, 1980, p. 134. (Quanto à expressão "Positivista Teológico", Vd. Bernard Ramm, *Dicionário de Teologia Contemporânea*, 2ª ed. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1975, p. 109; Bernard Ramm, Positivismo: In: E.F. Harrison, ed. *Diccionario de Teologia*, Grand Rapids, Michigan: T.E.L.L., 1985, p. 417).

²⁹⁸ Raymundo Loria, *Introdução à Teologia Sistemática*, Rio Claro: Edição do autor, 1985, p. 25.

²⁹⁹ Calvino comentando a respeito desta vida e a futura, diz: "... Esta vida, por mais que esteja cheia de infinitas misérias, com toda razão se conta entre as bênçãos de Deus, que não é lícito menosprezar" (*As Institutas*, III.9.3). À frente, acrescenta: "E muito maior é essa razão, se refletirmos que nesta vida nos está Deus de certo modo a preparar para a glória do Reino Celeste" (*As Institutas*, III.9.3).

³⁰⁰ J.I. Packer, *O "Antigo" Evangelho*, São Paulo: Fiel, 1986, p. 1ss., traça uma boa distinção entre o "Antigo" e o "Novo" Evangelho, mostrando que o "Antigo", buscava a Glória de Deus, enquanto que o "novo" está preocupado em "ajudar" o homem. Em 1768, Abraham Booth (1734-1806) observara que a pregação dos cristãos primitivos gerava a perseguição "porque a verdade que pregavam ofendia o orgulho humano (...) não dava lugar ao mérito humano" (A. Booth, *Somente pela Graça*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p. 9,10).

³⁰¹ O filósofo alemão Feuerbach (1804-1872), reduziu "a teologia à antropologia" (Ludwig A. Feurbach, *A Essência do Cristianismo*, Prefácio da 2ª edição (14/02/1843), p. 35.

³⁰² Vd. Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

³⁰³ Vd. Hermisten M.P. Costa, *As Questões Sociais e a Teologia Contemporânea*, São Paulo: 1986, passim.

rito por intermédio da Palavra é Quem deve nos guiar à correta interpretação da Revelação. Na Escritura temos o nosso padrão e apelo final.³⁰⁴

2.3.3. O PRINCIPIUM COGNOSCENDI INTERNUM OU SUBJETIVUM: A FÉ:

A razão mesmo estigmatizada pelo pecado, que se mostra tão eficaz nas coisas naturais, perde-se diante do mistério de Deus revelado em Cristo e, também diante da Revelação geral na Natureza: “As mentes humanas são cegas a essa luz, a qual resplandece em todas as coisas criadas, até que sejam iluminadas pelo Espírito de Deus e comecem a compreender, pela fé, que jamais poderão entendê-lo de outra forma”.³⁰⁵ A graça, portanto, antecede à fé e ao conhecimento.

A graça de Deus é eminentemente socializante; isto porque não há um homem sequer que dela não necessite e, mesmo sem saber, dela não participe. Todos sem exceção, somos devedores à graça de Deus – aquele favor imerecido da parte de Deus para com os pecadores.³⁰⁶ O nosso Deus é “O Deus de toda graça” (1Pe 5.10). Bem-aventurados são todos aqueles que vivem como súditos do Reino da Graça de Deus. A graça de Deus é a tônica da Sua relação com o Seu povo.³⁰⁷ Tudo que temos, somos e seremos, é pela graça (1Co 15.10). A riqueza da graça de Deus se manifesta de modo superabundante em nós (2Co 9.14; Ef 1.7; 2.7); todavia, ela não foi manifestada em toda a sua plenitude; por isso, aguardamos o regresso triunfante de Jesus Cristo, quando Ele mesmo revelará a graça de forma mais completa (1Pe 1.13), concluindo a nossa salvação (Fp 1.6/1Pe 1.3-5).

Estou inteiramente de acordo com Packer, quando ele diz que “conhecer a Deus é uma questão de graça”.³⁰⁸ O conteúdo do conhecimento como a sua possibilidade estão em Deus, que livre e soberanamente Se revela e oferece a nós pecadores, de forma graciosa por meio da Sua Palavra. Somente pela graça da auto-revelação de Deus é que podemos nos relacionar com Deus. O “conhecimento” intelectual e abstrato de um Deus distante, se possível fosse fora da Revelação Geral, o que não é, não redundaria em relacionamento afetivo e de confiança. Nós podemos conhecer a Deus subjetivamente porque Ele Se deu a conhecer objetivamente.

³⁰⁴ Cf. A. H. Strong, *Systematic Theology*, p. 27; Gordon J. Spykman, *Teologia Reformacional: Um Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, MI.: The Evangelical Literature League, 1994, p. 5.

³⁰⁵ João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 11.3), p. 299.

³⁰⁶ Operacionalmente, podemos definir a Graça de Deus como sendo um favor imerecido, manifestado livre e continuamente por Deus aos pecadores que se encontravam num estado de depravação e miséria espirituais, merecendo justo castigo pelos seus pecados (Rm 4.4/Rm 11.6; Ef 2.8,9). (Vd. Hermisten M. P. Costa, *A Graça de Deus: Comum ou Exclusiva?*, São Paulo: 1997, *passim*).

³⁰⁷ Packer diz que “graça” é “a palavra-chave do cristianismo”. (J.I. Packer, *Vocabulos de Deus*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 85).

³⁰⁸ J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 33.

te em Sua Palavra e, plenamente, dentro do Seu propósito, em Cristo Jesus, o Deus encarnado. (Cl 1.19; 2.9).³⁰⁹

A Revelação de Deus não indica necessariamente a apreensão subjetiva por parte do homem; contudo, para que haja uma satisfação em termos de objetivo, faz-se necessário que o homem, a quem Deus dirige especialmente a Sua revelação, tenha, ao menos potencialmente, condições de apreendê-la. A revelação de Deus exige uma resposta. Como poderá o homem captar esta revelação e responder de forma satisfatória? Em outras palavras: qual seria o *principium cognoscendi internum*?

O nome cristão, aprendido na Bíblia para esta resposta é fé.³¹⁰ Assim como a revelação, a fé é resultado da graça salvadora de Deus (At 15.11; 18.27; Ef 2.8; Fp 1.29); por isso, a totalidade do conhecimento que podemos ter, repousa na graça de Deus.³¹¹ Daí que, por melhores que sejam os argumentos que possamos alinhar para explicar a nossa fé, não conseguimos o nosso intento. Não que a fé seja irracional, como sugeriram Kierkegaard (1813-1855)³¹² e Miguel de Unamuno (1864-1936),³¹³ entre tantos outros; o que ocorre, é que a fé não pode ser limitada pelos cânones da razão; ela é supra-racional; apesar de caminhar durante algum tempo lado a lado com a razão, ela, agora, acompanhada da esperança, lança-se ao infinito (1Co 15.19; Hb 1.1). A fé não é irracional; ela respalda-se em Deus e na Sua promessa. Foi isto que fez Abraão, conforme escreve Paulo: “*Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera*” (Rm 4.20,21).

A fé exige conhecimento da Palavra de Deus. A fé é uma relação de confiança; como acreditar em alguém que não conhecemos? A fé consiste no conhecimento do Pai e do Filho pelo testemunho do Espírito (Jo 17.3/Jo 15.26; 16.13-14). “A fé não

³⁰⁹ “A descrição mais adequada da pessoa de Cristo está contida nas palavras ‘Deus se manifestou em carne’. Em primeiro lugar, temos aqui uma afirmação distinta de ambas as naturezas, pois o apóstolo declara que Cristo é ao mesmo tempo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Em segundo lugar, ele põe em evidência a distinção entre as duas naturezas, pois primeiramente o denomina de *Deus*, e em seguida declara sua manifestação em carne. E, em terceiro lugar, ele assevera a unidade de sua Pessoa, ao declarar que ela era uma e mesma Pessoa que era Deus e que se manifestou em carne. Nesta única frase, a fé genuína e ortodoxa é poderosamente armada contra Ário, Marcião, Nestório e Êutico. Há forte ênfase no contraste das duas palavras: *Deus* e *carne*. A diferença entre Deus e o homem é imensa, e todavia em Cristo vemos a glória infinita de Deus unida à nossa carne poluída, de tal sorte que ambas se tornaram uma só” [João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (1Tm 3.16), p. 100].

³¹⁰ John Baillie, *The Idea of Revelation in Recent Thought*, 3ª ed. New York: Columbia University Press, 1958, p. 85.

³¹¹ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Eu Creio*, São Paulo: Edições Parakletos, 2002.

³¹² S. Kierkegaard, afirma que, “A fé começa precisamente onde acaba a razão”. [S. Kierkegaard, *Temor e Tremor*, São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, XXV), p. 282]. Para uma visão mais abrangente sobre o conceito de fé de Kierkegaard, consulte F. A. Schaeffer, *O Deus que Intervém*, Jaú, SP.: Refúgio/ABU. 1981, p. 25ss. e Colin Chapman, *O Cristianismo no Banco dos Réus*, São Paulo: Vida Nova, 1978, p. 77-79.

³¹³ Unamuno escreveu que, “razão e fé são duas inimigas que não podem manter-se uma sem a outra” (Miguel de Unamuno, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Porto: Editora Educação Nacional, 1953, p. 141). Em outro lugar limita a fé ao “poder criador do homem” (*Ibidem.*, p. 234).

consiste na ignorância, mas no conhecimento; e este conhecimento há de ser não somente de Deus, mas também de Sua divina vontade”.³¹⁴ É impossível crer e nos relacionar pessoalmente com um Deus desconhecido.

A fé é gerada em nós pelo Espírito por meio da Palavra (Rm 10.17);³¹⁵ ela é a boa obra do Espírito Santo em nós,³¹⁶ que age fundamentado numa realidade histórica irrefutável: a obra de Cristo no Calvário. “A fé verdadeira é aquela que ouve a Palavra de Deus e descansa em Sua promessa”.³¹⁷ A Palavra e a fé só poderão ser entendidas mediante a aceitação da graça de Deus, onde tudo começa...³¹⁸ Temos a graça pela obra de Cristo, para que pela graça possamos conhecer a Deus e, assim, possamos saber “qual a esperança do seu chamamento, qual a riqueza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais” (Ef 1.18-20), vivendo, a partir daí, pela graça e para a glória de Deus (1Co 10.31).

É somente pela graça, mediante a fé que podemos nos apropriar da Revelação com atos e palavras feita por Deus. Somente a fé, como efeito da graça, nos faz perceber a Revelação, abrindo os nossos olhos para a Palavra de Deus (Sl 119.18; Ef 1.15-18).³¹⁹ Deste modo, Deus nos ilumina para que possamos entender a Sua Revelação nas Escrituras.

A Revelação antecede à fé (Rm 10.17; Gl 3.3,5); e, pela Revelação, mediante a iluminação do Espírito, o homem é subjugado por Deus, respondendo positivamente com fé.³²⁰ A resposta do homem é apenas uma evidência da eleição de Deus (Jo 15.16; At 3.16; 15.11; 16.14; 18.27; Ef 2.8; Fp 2.12,13);³²¹ Deus Se revela, fala por intermédio da Palavra regenerando o pecador, concedendo-lhe fé para que, agora, salvo pela graça, ande nas boas obras preparadas por Deus de antemão, para nós. (Cf. Ef. 2.10).³²²

Berkhof (1873-1957) escreve:

“Deus, ao comunicar-se com o homem, anela comunicar-lhe o conhecimento da Divindade para que por meio do homem Deus receba a honra e a glória (...). Mediante a fé, o homem aceita a revelação própria de Deus como verdade divina, mediante a fé o homem se apropria cada vez

³¹⁴ J. Calvino, *As Institutas*, III.2.2.

³¹⁵ Vd. J. Calvino, *Exposição de Romanos*, in loc. p. 374-375.

³¹⁶ J. Calvino, *As Institutas*, III.1.4.

³¹⁷ J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 11.11), p. 318. Vd. também, (Hb 10.23), p. 270; João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 2.2), p. 49.

³¹⁸ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus*, São Paulo: 2005, *passim*.

³¹⁹ G. Aulén, *A Fé Cristã*, São Paulo: ASTE., 1965, p. 38.

³²⁰ Vd. G. Aulén, *A Fé Cristã*, p. 39.

³²¹ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus*, *passim*.

³²² Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Salvação e as Boas Obras*, São Paulo: 1990. *passim*.

mais, em maior medida, e mediante a fé responde à revelação à medida que sujeita seus pensamentos aos de Deus".³²³

"[Pela] fé aceitamos o testemunho de Deus em Sua Palavra como verdadeiro, e nos entregamos a Ele como Se revelou em Jesus Cristo para a nossa salvação. No Novo Testamento o elemento confiança está bem no primeiro plano. Da parte do homem há uma fé que corresponde à mensagem gloriosa de redenção consistindo de uma confiança singela e sincera, como de uma criança, em Jesus Cristo, e tornando-se ao mesmo tempo uma fonte de amor a Deus e ao Seu serviço".³²⁴

Entretanto, no nosso relacionamento com Deus, deparamo-nos com um paradoxo: Quanto mais conhecemos a Deus, temos, por um lado, um maior discernimento de nossa pecaminosidade³²⁵ e, por outro, uma maior consciência da insondabilidade e infinitude de Deus. Paulo, escrevendo aos romanos, após falar de um assunto difícil, exulta: "*Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele pois, a glória eternamente. Amém*" (Rm 11.33-36).

É importante ressaltar que não conhecemos tudo a respeito de Deus e da Sua Palavra; mas devemos ter por certo, que o limite da fé está circunscrito pelos parâmetros das Escrituras (Dt 29.29).³²⁶ Ou seja: não podemos crer além do que Deus nos revelou na Bíblia; fazer isto, não é ter fé, mas sim, especular sobre os mistérios de Deus.³²⁷ A Palavra deve ser sempre o guia da nossa fé!³²⁸ "Nossa fé não tem

³²³ L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 100.

³²⁴ L. Berkhof, *Manual de Doutrina Cristã*, Campinas, SP./Patrocínio, MG.: Luz para o Caminho/Ceibel, 1985, p. 20.

³²⁵ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Santificação: A Vontade de Deus para o Seu Povo*, São Paulo: 1998, passim.

³²⁶ Posteriormente li: "Metodologicamente, a revelação bíblica estabelece os parâmetros para a reflexão teológica" (Gordon J. Spykman, *Teologia Reformacional: Um Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, MI.: The Evangelical Literature League, 1994, p. 5).

³²⁷ Mais uma vez, Calvino nos intrui: "Tudo o mais que pesa sobre nós e que devemos buscar é nada sabermos senão o que o Senhor quis revelar à Sua igreja. Eis o limite de nosso conhecimento" (João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Edições Paracletos, 1995, (2Co 12.4), p. 242-243). A *Confissão Belga* (1561) dá semelhante orientação: "... E no que se refere ao que Ele [Deus] faz fora do alcance da inteligência humana, isso não o queremos investigar mais curiosamente do que nossa razão pode suportar; porém adoramos com toda humildade e reverência os justos juízos de Deus, os quais nos são ocultos; tendo-nos por satisfeitos por sermos discípulos de Cristo para aprender unicamente o que Ele nos indica em sua Palavra, sem ultrapassar estes limites" (Cap. XIII). (grifos meus).

³²⁸ Foi muito confortador ler posteriormente Calvino dizendo: "Deus não frustra a esperança que ele mesmo produz em nossas mentes através da sua Palavra, e que ele não costuma ser mais liberal em prometer do que em ser fiel na concretização do que prometeu". [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 48.8), p. 361]. Também: "Não devemos conceber que Deus será nosso libertador simplesmente porque nossa própria fantasia o sugere. É preciso crer que ele fará isso só depois de graciosa e espontaneamente se nos oferecer neste caráter" [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 48.9), p. 363].

que estar fundamentada no que nós tenhamos pensado por nós mesmos, senão no que foi prometido por Deus”.³²⁹ Por isso, devemos estar atentos à Palavra de Deus, para entendê-la e praticá-la (Js 1.8; Sl 119.97; Fp 3.15; Tg 1.22-25).³³⁰

Por outro lado, devemos enfatizar que pelo fato do nosso conhecimento a respeito de Deus ser limitado, isto não significa que o que conhecemos aqui será corrigido pelo que conheceremos na eternidade, como se a revelação de Deus contida na Palavra fosse imprecisa. Não. Entendemos que, o pouco que podemos conhecer do Deus infinito é fidedigno, pois, o nosso conhecimento respalda-se na Sua Palavra e, cremos que a Bíblia é o registro infalível e inerrante da Palavra de Deus (2Tm 3.16; 2Pe 1.20,21). Assim, apesar de não podermos conhecer tudo a respeito de Deus – o finito não pode conter o infinito –, o que conhecemos por meio da Palavra é a verdade; não toda a verdade, mas parte da verdade que está em harmonia com o todo. Fazendo uma analogia, podemos dizer que pelo fato de colocarmos a água do mar num recipiente, ela não deixa de ser do mar; entretanto, o perigo está em dizer que ali, dentro do recipiente está todo o mar. Portanto, reafirmamos: o que a Bíblia diz é uma verdade essencial a respeito de Deus, nela temos tudo o que Deus deseja que saibamos nesta vida a Seu respeito. No entanto, precisamos avaliar sempre o nosso conhecimento para que não corramos o risco de tornar a nossa “percepção da verdade”, toda e única verdade. Todos nós, por melhor que seja a nossa percepção espiritual e teológica, temos ainda, uma “nuenzinha de ignorância”.³³¹ Agora, ainda vemos obscuramente (1Co 13.12)...

Cito aqui as penetrantes considerações de Schaeffer (1912-1984):

“A comunicação entre Deus e o homem é verdadeira, o que não significa que ela seja exaustiva. Esta é uma importante diferença e precisa sempre ser mantida em mente. Para conhecer qualquer coisa que seja, de forma exaustiva, teríamos que ser infinitos, como Deus é. Mesmo no céu não seremos assim”.³³²

As tentativas humanas por encontrar Deus aparte de Jesus Cristo conforme é-nos dado conhecer nas Escrituras, terminam em naturalismo, ateísmo ou deísmo, que nada mais são do que formas de paganismo. A religiosidade descompromissada como resultado da carência de Deus, não direcionada pela Palavra, termina em superstição e idolatria que, entre outros males, pode, em determinadas circunstâncias, dar a sensação de satisfação para a angustiante carência de Deus; no entanto, este remendo humano torna a situação do homem ainda pior porque na realidade ele consciente ou inconscientemente está se enganando e, deste modo, enquanto adota um paliativo espiritual, abandona a procura sincera pela verdade e torna-se, geralmente, imune à genuína proclamação do Evangelho de Cristo. Somente o genuíno conhecimento de Cristo nos conduz a Deus e nos liberta das cadeias do pecado.

³²⁹ Juan Calvino, *Sermones Sobre a La Obra Salvadora de Cristo*, Jenison, Michigan: TELL., 1988 (*Sermão n° 13*), p. 156.

³³⁰ Ver: Hermisten M.P. Costa, *A Espiritualidade de João Calvino*, São Paulo: 2004, *Passim*.

³³¹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.1.12.

³³² Francis Schaeffer, *O Deus que Intervém*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 151..

“Como as trevas são dispersas pelos raios furtivos do sol, assim todas as invenções e erros perversivos se desvanecem diante desse conhecimento de Deus”.³³³

Maringá, 31 de dezembro de 2009.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

³³³ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (SI 106.21), p. 684.